



www.gruposantillana.com.br

E U S O U A
EDUC_
AÇÃO
EM MOVIMENTO



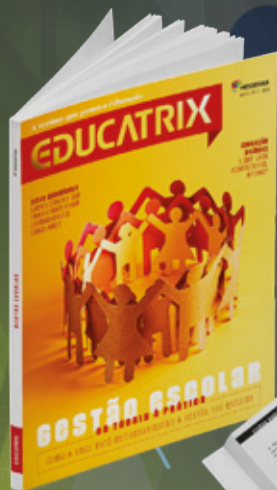
FORMAÇÕES

EDUCATRIX

ATUALIZAÇÃO PRÁTICA

A FORMAÇÃO DO ALUNO COMEÇA SEMPRE COM O DESENVOLVIMENTO DO PROFESSOR. PENSANDO NISSO, CRIAMOS AS **FORMAÇÕES EDUCATRIX**, UMA FORMA INOVADORA DE TRANSFORMAR SUA REVISTA FAVORITA EM UMA FERRAMENTA DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES.





PLENOS SABERES

Apresentação disponível em **Ciclos Formativos**, acesse:



WWW.MODERNA.COM.BR/MODERNAMIGOS



Você encontra o selo **Formações Educatrix** em reportagens que se transformam em apresentações para formação de professores.

Cadastre-se gratuitamente no **portal ModernAmigos** e aproveite todos os conteúdos.

www.moderna.com.br/modernamigos



MODERNA



moderna.com.br



0800 17 2002



[/editoramoderna](https://www.facebook.com/editoramoderna)

Que história sua escola contará a partir de agora?



EM TODAS as nossas reuniões (virtuais) de pauta, alguém lançava a pergunta sobre como começar a contar a história desta edição. A pandemia da covid-19, sem dúvida, será um capítulo fundamental da narrativa humana. As pessoas vão sempre se lembrar do que fizeram durante a quarentena, as normativas que tiveram de tomar em tempo recorde na escola e como o ensino remoto pôde suprir ao menos parte das competências esperadas no ano.

Juntos, descobrimos que novas competências, até então pouco priorizadas, puderam ser desenvolvidas, como a solidariedade, a empatia, a responsabilidade e o autocuidado.

Juntos, elaboramos trilhas e caminhos para minimizar as adversidades e multiplicar a escola em salas de estar espalhadas pela cidade. Os inspetores passaram a ser os familiares. E que inspetores! Conforme a quarentena avançava, fomos ta-teando em que cenário estávamos de fato, mas logo surgiu outra pergunta: com a retomada, que história passaremos a contar para que ela seja instigante ao público? Uma história aberta e compartilhada ou um relato, com começo, meio e fim?

Aos poucos, estamos nos dando conta de que o mundo não voltará ao normal que conhecíamos. E também temos descoberto que isso pode ser bom! Assim, nasceu o tema central desta edição da *Educatrix: Storytelling*. Não restrito à roda de histórias das crianças, mas alimentando-se de todo o seu potencial para expandir esse conceito para nossa jornada, que muito se confunde com a trajetória da escola.

Toda boa história começa com uma dose de criatividade. Por isso, conversamos com Murilo Gun, palestrante e professor de Criatividade, para entender melhor sobre os gatilhos e bloqueios relacionados à chamada “era complexa” e como desenvolver soluções mais criativas para problemas do nosso dia a dia.

Ouvir e ler histórias nos inspira. Nesta edição, você vai encontrar duas aventuras reais de quem fez diferença na história de vida dos alunos. Em Itambé (PE), um projeto pioneiro engajou alunos e comunidade e transformou a realidade do professor Jayse Ferreira, um dos 50 melhores educadores pelo Global Teacher Prize (2019). Depois, partimos rumo a Oeiras (PI) para conhecer as personagens e explorar a história de sucesso do município nas avaliações educacionais.

Martha Gabriel, especialista em *storytelling* e *bestseller* em

inovação, dá dicas sobre como contar as conquistas da sua escola para transformar a realidade e engajar toda a comunidade. Adentrando a sala de aula, Julci Rocha traz técnicas, ferramentas e dicas para aplicar o *storytelling* e tornar as aulas inesquecíveis para professores e alunos.

De olho nessa nova realidade on-line, convidamos Cristina Sleiman, advogada especializada em educação, para apresentar um panorama sobre segurança na internet e os cuidados que devem ser tomados nas questões jurídicas que envolvem a aprendizagem EAD, a imagem de professores e alunos e o uso dos dados. Ainda sobre as questões da educação on-line, Carla Arena, Samara Brito e Giselle Santos, do Amplifica, apontam caminhos a se trilhar nessa transição do ensino remoto emergencial para o ensino on-line de qualidade de forma estruturada.

Quem tem experiência em contação de histórias é o nosso autor exclusivo Ilan Brenman. Vamos explorar juntos como a literatura pode colaborar no desenvolvimento da criatividade e da imaginação desde os primeiros anos escolares.

Fique de olho no selo **Formação Educatrix** nas matérias-chave. É um material gratuito pensado para auxiliar no debate docente e na formação continuada. Aproveite!

Para finalizar, sabemos que pensar na retrospectiva do ano pode dar um calafrio em um primeiro momento, mas contar a história de 2020 precisa ser motivo de orgulho para as escolas de todo o Brasil. Independentemente do ambiente e das limitações técnicas, sanitárias, orçamentárias ou de estrutura, a educação cresceu. Amadurecemos juntos. Esperamos que esta edição da *Educatrix* chegue como um fôlego e que as reportagens a seguir sejam fonte de inspiração para um novo começo. □

Ivan Aguirra Izar

GERENTE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

SUMÁRIO

EDUCATRIX

A revista que pensa a Educação

- ▶ **SAIBA +** | *SLAM: A VOZ QUE ECOA DA PERIFERIA* PÁG. 8
- ▶ **FIO DA MEADA** | NÃO SÃO NÚMEROS! PÁG. 10
- ▶ **ENTREVISTA** MURILO GUN | *A CURIOSIDADE É UMA FOME* PÁG. 14

- ▶ **PANORAMA** | *A SALA DE AULA COMO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS* PÁG. 20
- ▶ **FOCO** | *TÉCNICAS INOVADORAS PARA AULAS INESQUECÍVEIS* PÁG. 26
- ▶ **LINHA DE RACIOCÍNIO** | *8 PASSOS PARA CONTAR HISTÓRIAS E ENGAJAR A TURMA* PÁG. 34
- ▶ **GESTÃO ESCOLAR** | *STORYTELLING: A ARTE DE ENCANTAR, INFLUENCIAR E CONQUISTAR* PÁG. 42
- ▶ **PLENOS SABERES** | *EDUCAÇÃO BILÍNGUE E AVALIAÇÃO* PÁG. 54
- ▶ **NA TELA** | *LUZ, CÂMERA: DIVERSÃO!* PÁG. 64
- ▶ **TENDÊNCIAS** | *TRANSMÍDIA: COMO CONECTAR A INFORMAÇÃO EM UM MUNDO FRAGMENTADO?* PÁG. 68
- ▶ **PERSPECTIVAS** | *A CATEDRAL DAS PALAVRAS* PÁG. 76
- ▶ **POR DENTRO** | *DA REAÇÃO AO AMADURECIMENTO: EDUCAÇÃO ON-LINE DE LONGO PRAZO* PÁG. 82

▶ **ESPECIAL** *Ensinagens de Oeiras* PÁG. 90



- ▶ **PENSAMENTO ACADÊMICO** | *SEGURANÇA NA INTERNET* PÁG. 98
- ▶ **CONEXÃO** | *CONTRA A PANDEMIA DAS FAKE NEWS, A VACINA É A EDUCAÇÃO* PÁG. 102
- ▶ **CIDADANIA** | *REVIRAVOLTA ÀS ESCOLAS PÓS-DISTANCIAMENTO SOCIAL* PÁG. 108

- ▶ **FAVORITOS** | *CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR* PÁG. 112
- ▶ **ARMANDINHO** | *ALEXANDRE BECK* PÁG. 114



Apresentação do
Slam das Minas em
São Paulo (SP).

SLAM: a voz que ecoa da periferia

Antes vistos como arte marginal, os *slams*, ou competições de versos, têm se consolidado como prática de expressão e de reconhecimento social das histórias de jovens do Brasil e do mundo. TEXTO Kátia Dutra

AO LONGO DA VIDA, há uma busca contínua de cada indivíduo por se conhecer e entender suas aspirações e motivações. Nessa jornada por autoconhecimento e por compreender o lugar ao qual pertencemos, nascem as nossas experiências e os nossos sonhos. Parte dessa procura incessante por si mesmo passa pela

etapa de se reconhecer o outro, afinal, somos parte de vários conjuntos: nossa família, nossos amigos, nossa escola e nossa comunidade. Por isso, compartilhar nossas histórias de vida, desejos e aspirações é uma etapa proeminente para definirmos o que esperamos e queremos para o futuro.

A escola, como um ambiente de socialização, de formação e de aprendizagem, precisa se configurar como uma zona segura para o entendimento dos projetos de vida. Aqui, não se trata de fórmulas ou de planos de sucesso já predefinidos, como as carreiras que são financeiramente mais vantajosas. Não se trata de pressionar o aluno a ter a melhor nota ou o melhor desempenho, mas de ajudá-lo a reconhecer e desenvolver habilidades e competências que fortaleçam sua autonomia e sua autoconfiança para que se sinta dono de sua própria história.

Para atuar e transformar a realidade de seu entorno, a escola deve estar aberta a ouvir as aflições e as histórias dos jovens que a formam. É preciso ecoar as diversas vozes que dão vida à instituição e isso significa criar oportunidades para que seus estudantes reconheçam formas seguras de expressar seus sentimentos, crenças e ambições de vida. Cada vez mais os jovens produzem seus próprios meios de se comunicar e a escola não pode deixar de estar atenta aos temas pertinentes ao seu corpo estudantil. Nesse sentido, práticas pedagógicas como os *saraus* e os *slams* têm ganhado espaço no ambiente escolar.

Os *slams* são competições de poesia falada, criados por Marc Smith em Chicago, nos anos 1980. Em São Paulo, os *slams* têm ganhado espaço nas periferias desde 2008 por intermédio da artista Roberta Estrela D'Alva, através do ZAP! Slam (Zona Autônoma da Palavra). Os encontros são marcados pela total liberdade de estilo e gênero, com a premissa de valorizar a expressão oral e fomentar debates sobre temas atuais como racismo, desigualdade social e violência doméstica. Nessas rodas, os *slammers* (poetas), principalmente jovens da periferia paulista, contam suas histórias, trazem à tona suas dores e compartilham preocupações acerca da sua realidade.

Dentro do contexto da periferia, os *slams* celebram a poesia oral, a performance e a diversidade da expressão humana. As regras da competição são simples:

1 deve ser recitado um poema de autoria do *slammer* com até 3 minutos;

2 é proibido o uso de acessórios, figurinos especiais e, em alguns casos, acompanhamento musical;

3 o júri da competição é composto sempre de cinco pessoas da plateia, escolhidas por sorteio ou de forma aleatória pelo mediador do encontro. O número de rodadas (normalmente 3) são definidas no início do evento; os participantes com as notas mais altas do júri em cada rodada seguem para a próxima e os que recebem as notas mais baixas são eliminados.

Para a escola, os *slams* representam um microfone aberto para jovens que, muitas vezes, têm suas vozes negligenciadas e que estão inseridos em uma sociedade desacostumada a ouvir e a levar em consideração suas inseguranças e seus sonhos. Mais do que uma prática pedagógica, os *slams* ajudam a escola a reafirmar seu papel como uma instituição de transformação social. Ao ouvir seus alunos e conhecer suas origens, a escola se (re)conecta e se torna um agente dentro da comunidade, promovendo o sentimento de pertencimento e de responsabilidade social de todos.

A prática não exige mais do que um espaço comum (pátio, quadra ou até mesmo a praça no entorno), um estímulo à criatividade e, claro, um ambiente democrático de fala e escuta. Promover discussões centradas nos estudantes, estimulando cada um a se expressar do seu modo em competições saudáveis, incentiva o pensamento crítico e pode aproximar alunos que não se identificam com as abordagens e metodologias tradicionais da educação. Afinal de contas, não podemos nos esquecer de que ser escola é ouvir, agir, incluir e acreditar. □

PARA SABER MAIS

- Documentário *Slam - Voz de Levante*. Disponível em: <http://mod.lk/slamvoz>. Acesso em: 25 jul. 2020.
- Documentário *Slam Resistência - Ágora do Agora*. Disponível em: <http://mod.lk/slamres>. Acesso em: 25 jul. 2020.

CONSELHO EDITORIAL

Ângelo Xavier
Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Luciano Monteiro
Lulcey Vitor Ribeiro
Solange Petrosino

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ivan Aguirra Izar

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Lara Silbiger
Paulo de Camargo

ARTICULISTAS

Bárbara Falcão
Carla Arena
Cristina Sleiman
Emilly Fidelix
Giselle Santos
Ilan Brenman
Jayse Ferreira
Julci Rocha
Maria Teresa Aranda
Martha Gabriel
Samara Brito
Tereza Perez

EDIÇÃO DE TEXTO

Kátia Dutra

REVISÃO FINAL

Adriana Bairrada

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN

Ricardo Davino

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ricardo Davino

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Ricardo Davino

COLABORADORES

Tássia Cobo
Tathiana Anselmo

LEIA NOSSO ACERVO DIGITAL:

moderna.com.br/educatrix



Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP • CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação semestral com a proposta de colaborar com a formação nas escolas parceiras de todos os negócios da Santillana no Brasil.

ISSN: 2447-4991

✉ educatrix@moderna.com.br

© Direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

Não são números!

Um manifesto sobre a importância das boas histórias construídas e contadas pelas escolas.

TEXTO Ivan Aguirra

COMO UM ALUNO bolsista em meio a um enredo em que não me encaixava perfeitamente, escondia minha história atrás de números. Aos 15 anos de idade, o valor estava na melhor nota, no topo do ranking. Dali, me sentia capaz de estar em um mundo em que eu ainda engatinhava. Com o avançar da história, percebemos que estamos imersos em micromundos estreitos e o quanto perdemos oportunidades de crescer com o outro.

Como o bolsista, assim vive também a maioria das escolas: reféns das dezenas ou centenas de anos de tradição e dos rankings de qualidade. Basta um ano de baixa nas aprovações que toda uma trajetória passa a ser questionada. Famílias começam a polemizar se devem manter o filho numa escola que não tem o que comemorar nas páginas do jornal nem faz faixa para se vangloriar do rosto pintado de seus alunos.

Não são números! O ofício da escola, todos sabemos, é lidar com a escrita de histórias. A história de cada aluno, de cada profissional que compõe e personifica o prédio fincado em determinada comunidade. Cada gestor é uma história que está sendo escrita e que pode ser contada.

A palavra **história** vem do latim *historia*, baseado no grego *historia*, associado à *historeîn*, o que remete a indagar, inquirir, e está relacionada à *histor*, que remete à capacidade do julgamento a partir do saber, encontrando raiz no indo-europeu **weid-*, cuja interpretação é ver, no contexto de testemunhar.

Precisamos dar um basta na tradição de re-





presentar histórias a partir de números. Histórias são testemunhadas por um processo de humanização que nos aproxima. Histórias são feitas para serem cruzadas, compartilhadas a favor de um bem comum, que, no caso das escolas, é a aprendizagem plena e integral.

Em cenários adversos como o que estamos vivenciando hoje, o questionamento das famílias tem sido uma constante na vida de 11 em cada 10 gestores escolares. São histórias vivas queixando-se e buscando abrigo e segurança para um momento ruim. Mas nem sempre se entremeiam com outras histórias. Esbarram em números e mais números de tradição ou na frieza de uma planilha orçamentária. Ora, se cada um de nós fosse um contador de histórias, saberíamos muito bem em que ponto nossas jornadas se cruzam e se ressignificam com outras. Precisamos saber ouvir para contar. Saber ouvir e articular bem uma trajetória com empatia e transparência, na singeleza da busca de cada palavra, para que o outro se solidarize e construa relações. Compartilhar histórias de vida é buscar o caminho do meio, o consenso que abrirá frestas mais consistentes no roteiro. Porque histórias compartilhadas são mais consistentes.

Em todo grande roteiro, a adversidade encruta a busca por aliados que conectem suas jornadas com as nossas para elaborarmos um novo enredo. Há sempre aqueles que, mesmo conhecendo, optam por trilhar caminhos diferentes. Estes devem seguir, mas depois de conhecerem a jornada e, mesmo assim, julgarem que seus enlaces são incompatíveis.

Não tenhamos medo de expor nossas fragilidades para construir novos cenários. Histórias não são feitas somente à luz do dia. Saibamos conectar todas as personagens para caminharem na mesma direção, compartilhando um compromisso: o diálogo a favor da construção de uma trajetória colaborativa. Saibamos contar (e celebrar) as nossas boas histórias!

MULTI EDUCA ÇÃO

MULTICONTÉÚDO
MULTIPLATAFORMA
MULTIPARCERIA

4,7 mil

escolas parceiras

45 mil

professores

VOCÊ É MULTI. NÓS TAMBÉM ;D

Temos um compromisso com você: compreender sua escola como um ecossistema único para oferecer soluções multiconteúdo e percursos de formação multiplataforma.

Ao longo da nossa jornada, a marca Moderna se tornou padrão de qualidade para professores e famílias, o que nos dá credibilidade para continuar inovando e construindo relações de multiparceria com as principais escolas do país. Isso é multieducação.

Vem com a gente!



1,4 milhões
de alunos

Moderna
Soluções educacionais múltiplas



A curiosidade é uma fome

Para o empreendedor Murilo Gun, premiado autor de cursos sobre criatividade, o mundo agora está mais “molinho” para aceitar que as pessoas tragam as suas verdades. Mas, para mudar, é preciso coragem.

TEXTO *Paulo de Camargo*

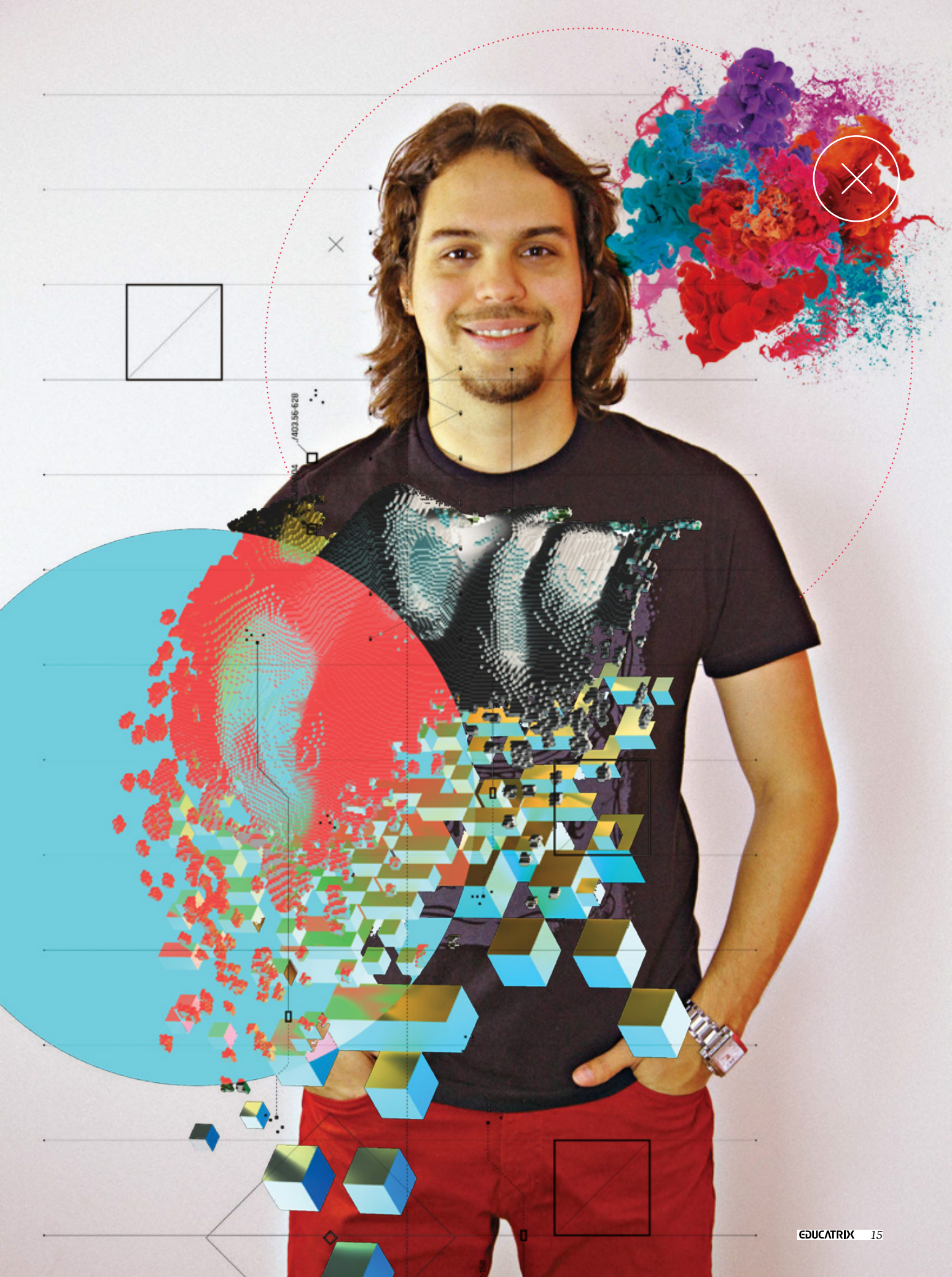
A VIDA DE Murilo Gun nunca foi normal. Aos 14 anos, quis parar a escola, no 1º ano do Ensino Médio, para se tornar um empreendedor digital. Inventou um serviço de entrega precursor do iFood, utilizando pagers, e recebeu dois prêmios iBest de melhor site pessoal. Entre os altos e baixos da vida de empresário, iniciou uma carreira de comediante; com pouco mais de 30 anos, foi selecionado entre 80 empreendedores do planeta para morar por 10 semanas em Nasa Research Park, para uma imersão na Singularity University. Em seguida, começou uma nova e bem-sucedida carreira em educação corporativa. Tornou-se palestrante e criou a Keep Learning School, plataforma de cursos on-line com milhares de inscritos. Hoje, aos 37 anos e um imenso repertório de experiências, Murilo se autodefine como ex-nerd, ex-autor de livros sobre internet, ex-escritor, ex-empresário, ex-comediante, e não para de investigar as oportunidades do futuro a partir de seu maior ativo: a criatividade. Para falar sobre as infinitas possibilidades de reinvenção pessoal e sobre o que aprendeu sobre o mundo criativo, Murilo Gun concedeu, com criatividade, bom-humor e espontaneidade, a seguinte entrevista à Educatrix.

EDUCATRIX Murilo, antes de entrar no mundo de hoje, vamos falar do passado. Como foi sua vida escolar?

MURILO GUN Passei por 3 colégios diferentes no Recife. No primeiro, fiquei até o final da 4ª série. Mas aí começa a minha história escolar, que é muito louca. Era o começo do boom da internet, e no final do Ensino Fundamental ganhei dois prêmios iBest, na categoria de melhor site pessoal. Fiquei conhecido, fui entrevistado até no Jô Soares e, por isso, ganhei bolsa em um outro colégio. No 1º ano do Ensino Médio, resolvi sair para entender o que estava acontecendo. Larguei a escola, decidido a fazer um supletivo depois para fazer faculdade mais velho. Com 16 anos, resolvi montar uma empresa de internet, que era o que é o iFood hoje, só que utilizando pagers. Chegamos a captar US\$ 1 milhão, mas aí deu tudo errado e fiquei sem empresa, sem escola e sem condições de fazer vestibular.

EDUCATRIX E o que você fez?

MURILO GUN Eu sou disciplinado. Quando ponho uma coisa na cabeça, sou focado e faço acontecer. Eu já tinha decidido que não ia fazer uma faculdade competitiva, e estava nos meus planos fazer supletivo e depois entrar no ensino superior. Eu pedi »



403 56 620

» ao meu pai para sair da escola temporariamente. Eu disse a ele: “não estou desistindo; no pior cenário entraria na faculdade mais tarde”. Todo adulto sabe que entrar na faculdade aos 17 anos ou aos 20 anos não faz a menor diferença na vida, mas ficam nessa pressão sem sentido. Meu pai sempre concordou e me apoiou, e fui em frente. Fiz supletivo e prestei para a Universidade do Pernambuco (UPE), uma boa universidade estadual. Entrei em um cursinho para aprender Matemática e Língua Portuguesa, baixei pela internet os últimos 15 anos dos exames, estudei muita coisa em casa, como História e Geografia, e passei. Acho que nos exames existe uma variável muito forte, que é o lado emocional. Como eu já estava lascado, o que viesse era lucro. E passei em 10º lugar no curso de Administração, sendo que muitos dos meus amigos não passaram.

EDUCATRIX **Da escola à faculdade em Recife, e depois no curso da Singularity, o que mais marcou sua trajetória educacional?**

MURILO GUN A minha experiência na faculdade foi decisiva em função das pessoas que conheci. Nessa época, eu já tinha começado outra empresa, então dei uma enrolada na faculdade. Mas lá conheci duas pessoas que mudaram o rumo da minha vida. Por exemplo, um dos meus melhores amigos viabilizou minha ida para a comédia, eu fazia stand up no bar de seu pai. A Singularity foi muito importante, mas é uma lavagem cerebral positiva. A gente sai acreditando ser capaz de mudar o mundo. Lá conheci muita gente interessante, mas não foram as pessoas que foram decisivas. A Singularity me fez sair da comédia para a educação. Eu percebi que o que fazia na comédia era ferramenta, um meio para a educação. Um dia, me chamaram para fazer TED, e avisaram: não é pra contar piada. Eu não sabia o que fazer, mas o próprio cara do TED deu a ideia de que eu contasse como criava as comédias. De novo, baixei livros no Google para embasar a palestra, estudei processos criativos e isso me abriu um mundo. Eu pensei: meu Deus!

EDUCATRIX **O que você aprendeu?**

MURILO GUN A primeira coisa foi desmontar a premissa de que nós, artistas, somos especiais, nascemos talentosos e criativos. Entendi que não é assim. Criatividade é um bagulho básico da espécie que foi atrofiado e pode ser resgatado. Quando percebi, fiquei louco e comecei a fazer palestras sobre criatividade, misturando o conteúdo com stand up. Comecei a entrar no mundo das empre-

sas, misturando criatividade e humor. Cheguei a esta conclusão que é a base de tudo: nascemos criativos, desaprendemos e podemos reaprender. Crianças são criativas, desaprendem e, assim, nós temos de resgatar a criança interior. Muitas pessoas que fazem meu curso também relatam que mudaram a relação com os filhos. Porque aprenderam a se desbloquear e, também, a evitar o bloqueio da criatividade dos filhos.

EDUCATRIX **As escolas bloqueiam a criatividade?**

MURILO GUN As pessoas batem muito na escola, sempre é a escola, a escola, a escola, mas acredito que os sócios majoritários da educação das crianças são os pais. A escola é aquele acionista que tem muita importância, mas jamais vai ter mais do que 49% do empreendimento. Ou seja, a coisa está na mão dos pais. Mesmo quando uma escola agir para bloquear a criatividade das crianças, se o ambiente da família incentivar, a criatividade ganha. O majoritário está no jogo. O contrário não acontece. A criatividade perde quando a família não incentiva, ainda que a escola se esforce.

EDUCATRIX **Qual é a definição de criatividade que você aplica?**

MURILO GUN Resumo assim: é a imaginação aplicada para resolver um problema, dar solução a alguma questão. Problema não é só treta, mas como faço minha filha comer verdura, como arrumo emprego. Diante do problema, há dois caminhos principais: ou você usa a memorização ou usa a imaginação. A memorização acessa banco de dados, a memória sempre está no passado. Você busca aquilo que você ouviu, leu, fez. Em resumo, você é só um transportador. A imaginação é quando você cria uma imagem baseada, sim, no passado, mas como input que vai ser transformado em uma nova imagem, uma nova possibilidade. Fomos educados em casa e na escola a privilegiar a memorização, a decorar, as respostas que não estão em mim, mas sim no livro, no professor, em outra pessoa. Ou seja, eu só transporto a resposta. Não passa por mim, na verdade. O nosso treinamento na escola para resolver problemas consiste em receber problemas e lembrar do passado. Talvez uma ou outra questão aberta, mas até na redação dizem como começar e como terminar.

EDUCATRIX **Por que se ignora tanto a imaginação?**

MURILO GUN Porque uma vez que você constrói uma nova imagem, ela não tem passado, não tem vali-

“

PRECISAMOS RESGATAR
NOSSA LOUCURA,
NOSSA IDIOTICE, NOSSA
INFANTILIDADE. FIGAMOS
SEMPRE DIZENDO
“BRINGADEIRAS À PARTE”.
POR QUE À PARTE? **A
BRINGADEIRA TEM
QUE ESTAR DENTRO.”**

MURILO GUN



dação e, portanto, traz risco e medo. Fomos educados na base do medo. Sempre pensamos: vou fazer isso, mas com medo de alguém brigar, de ficar para trás, medo de alguma autoridade ou de alguma competição. Portanto, quando vemos a possibilidade de imaginar e o risco de propor um novo caminho, recuamos e voltamos para a memorização, o terreno mais seguro. Por isso ouvimos: “deixa de inventar moda, meu filho! Faz do jeito que todo mundo faz. Era assim que fazíamos”. Assim desentrenamos o músculo da imaginação, a capacidade do pensamento abstrato, o sentimento complexo, que são os principais diferenciais do *homo sapiens*. Quando deixamos de entender e usar a imaginação e o sentimento, passamos por uma desumanização, pois deixamos de usar as paradas que nos diferenciam. De repente, vem a tecnologia, que é boa demais em memorização. Não dá pra brigar com ela nesse campo, acessa todas as jurisprudências, de todos os tribunais do mundo, em um segundo...

EDUCATRIX **E como se reverte esse processo?**

MURILO GUN Trazendo consciência e luz para o lugar onde você se bloqueou. Isso já é incrivelmente libertador. Chamo de “bloqueio do gabarito” esse modo de se contentar com a primeira resposta certa. A gente aprendeu que um problema só tem uma resposta certa e ela está no passado, quando na verdade existem muitas respostas. Elas estão baseadas no passado, mas você pode recriá-las no futuro. Por que, por exemplo, não dar várias opções a si mesmo? Quando você vai decidir com a namorada ou namorado onde passar o fim de semana, por que pensar mais do que aqui ou ali? Por que não ter 10 opções para pensar e não parar na primeira? Isso vale para tudo.

EDUCATRIX **Há outras formas de bloqueio?**

MURILO GUN Há o bloqueio do especialista. Precisamos buscar o conhecimento em T, ou seja, ter foco, mas também abertura generalista. A curiosidade é o olhar aberto para se interessar por coisas que não são da minha área. Esse é o olhar que me municia de repertório, que me permite criar referências. Somos educados para pensar que a curiosidade matou o gato. Quem pergunta tudo é chato. Mas perdemos a criatividade quando perdemos a curiosidade. Por fim, lembro também o bloqueio do ser adulto. Ficamos sérios demais, nos levamos a sério demais. Vestimos o paletó, a gravata e a mentalidade do sério, do rígido, mas precisamos resgatar nossa loucura, nossa idiotice, nossa infantilidade. »

Ficamos sempre dizendo “brincadeiras à parte”. Por que à parte? A brincadeira tem que estar dentro.

EDUCATRIX Diante da resolução de um problema, como utilizar a criatividade?

MURILO GUN Usar a imaginação e a criatividade nos mostra o déficit de entendimento do problema. Gastamos pouco tempo para entender o problema que temos pela frente. Só preenchemos os buracos com aquilo que a gente acha, em vez de investigar. Mas é como sempre digo, cavar bem no lugar errado é cavar mal. Não tem solução.

EDUCATRIX E o que você recomenda?

MURILO GUN Eu resumo esse processo em 4 partes, no meu curso Cricricri – Criando Crianças Criativas, dirigido a pais. É uma metáfora antiga, de fácil entendimento. Pense em uma máquina. Existe o input, o processamento e o output. O input é a curiosidade, a máquina de colocar o repertório vertical e horizontal que temos. Lembra o que falei há pouco? O repertório vertical do T é “estude!”, do especialista. A curiosidade é a barra horizontal. O processamento é a imaginação em si. É aquele “e se?”. O óleo que faz a máquina funcionar é o amor e o tesão por tudo aquilo. Com pouco óleo, a máquina não funciona bem. O output é a coragem de agir, de fazer, de mudar. E aí é o grande gargalo. Chegamos a uma imagem nova e lá vem o medo do novo! Entender a relação com o medo é essencial para vencer o fracasso. Só parece garantido o que foi testado.

EDUCATRIX Você disse que nunca pensou em nada para as crianças, mas sim para os adultos, nesse caso, os pais.

MURILO GUN Eu não comecei pensando em criança de jeito nenhum. Sempre pensei no adulto. O curso Cricricri é um curso para os pais e suas crianças, no qual falo de estratégias e dicas de como nutrir a curiosidade natural, a imaginação e a coragem natural das crianças. Se os pais não atrapalharem, já ajudam seus filhos a seguir as pistas, como meus pais fizeram comigo. A relação com a criança se assemelha a uma investigação. Precisamos ficar atentos ao que ela gosta e, enquanto ela cresce, precisamos ir contribuindo com seu autoconhecimento e abrindo oportunidades para que siga investigando. Se a criança demonstra interesse no sistema solar, os pais podem bem sutilmente encaixar ali uma ida ao planetário, uma história... e assim vai sendo facilitador dos interesses dela, sempre ouvindo com atenção.

EDUCATRIX Você tem filhos? É assim com elas?

MURILO GUN Tenho duas meninas, com 1 e 5 anos. Procuo ser. Eu acho que a palavra-chave que resume tudo isso é respeito. Respeito com aquele ser humano que quer encontrar o caminho dele. O maior desrespeito é tentar impor o caminho que a criança quer seguir. Se ela quer erguer o lençol para ver o colchão, logo dizemos: não pode, não é de sua conta. É muito desrespeito, porque a curiosidade é uma fome, é forte. Se você afirma que algo não é da conta da criança, está julgando a sua curiosidade. Depois, reclamamos que ela não se interessa por nada! Isso é dever dos pais. Como eu falei, a pandemia veio para lembrar que os pais são os sócios majoritários. Educação é você, irmão! Não faz sentido trabalhar muito para um dia ter condição de ficar mais com os filhos, entregando a sua educação para a escola. Eu trabalho muito em casa, estou lá rabiscando e minha filha chega querendo brincar. Aí eu penso: trabalho para ter condições de um dia ficar mais com ela. Se minha filha quer ficar comigo agora, não faz sentido dar essa volta inteira. Nem sempre é possível. Mas é muito mais possível do que a gente imagina.

EDUCATRIX O que você tem trabalhado ultimamente? Seu grande tema sempre foi a criatividade, mas quais são os próximos passos?

MURILO GUN Foram 4 anos com cursos sobre criatividade, e minha conclusão é que tudo bate na questão da coragem. É relativamente fácil despertar a curiosidade, a imaginação, as ideias, mas no ponto da coragem, afunila tudo. Isso é ruim, porque até gera sofrimento, a pessoa não bota para fora. Coragem é agir com o coração, perceber o próprio medo, de entender e de seguir em frente mesmo com medo. Comecei a estudar a infraestrutura emocional necessária para que a pessoa não trave na hora da coragem.

EDUCATRIX E que caminhos você tem encontrado?

MURILO GUN Começamos a entrar na coisa mais soft, depois passamos para um nível mais sutil, profundo, a camada espiritual, energética, intangível. Para agir com o coração, é preciso viver centrado no coração, com o tanque de combustível do amor abastecido. Aí vem junto a necessidade das práticas de autocuidado, de abastecimento do amor, de presença, gratidão, amor, perdão, práticas para estar centrado no coração. Quando vier a necessidade, estou aqui, centrado, com infraestrutura



CORAGEM É AGIR COM O CORAÇÃO, PERCEBER O PRÓPRIO MEDO, DE ENTENDER E DE SEGUIR EM FRENTE MESMO COM MEDO. COMECEI A ESTUDAR A INFRAESTRUTURA EMOCIONAL NECESSÁRIA PARA QUE A PESSOA NÃO TRAVE NA HORA.”

emocional. Isso significa, em última instância, a busca pela presença, pelo silêncio, porque o amor habita na presença, não no passado e nem no futuro. No passado e no futuro estão as ansiedades e a depressão; na presença, as coisas são o que são, e não o que talvez sejam. Eu sou muito mental, e preciso ter práticas para silenciar a mente, para interromper o ruído na sua ligação com o coração. A mente está cheia de passados, expectativas, ansiedade, macacos pulando. Se não tiramos esse barulho, não ouvimos a intuição, que só cochicha. A intuição é abstrata. Precisamos da atenção para ouvi-la e a atenção vem na forma de sentimentos, da percepção e fala baixo, enquanto as pessoas buscam coisas para distrair. Quando estão com barulho na mente, vão ver Globonews, procuram mais barulho. Que louco!

EDUCATRIX Pelo jeito, você está também se reinventando neste momento?

MURILO GUN Sempre. Recuperando nossa conversa, quando saí da comédia, fui para a Singularity University, pensei nos cursos, criei startup, etc. O curso de criatividade era o principal produto. A história foi sendo construída e chegou uma hora em que me vi escravo. Tinha 25 seres humanos trampando, custo fixo e você é obrigado a continuar pedalando. Assim, deixo de fazer minha arte, que é criar histórias, comunicar, fazer roteiros, e começo a virar líder. É uma aprendizagem boa, mas não é o que quero fazer. Comecei a ficar preocupado quando me via tomando decisões de fluxo de caixa. De repente, estou seguindo o dinheiro para pagar as contas, e isso não pode. Comecei então um processo de simplificação, terceirizei operação, simplifiquei a minha parte, até que em dezembro do ano passado resolvemos dar um tempo nos cursos online. Eu tinha decidido que 2020 era o ano de voltar a ser artista, e aí veio a pandemia.

EDUCATRIX Isso afetou seus planos também?

MURILO GUN Passei 5 anos vendendo que era necessário se reinventar. Com a pandemia, o mundo está mudando, e agora que as pessoas mais precisavam não teriam meus cursos? Eu já estava pronto para abrir de graça o acesso, pois tinha enxugado o suficiente. Eu tinha tido 20 mil alunos em cinco anos, e quando abri o acesso em abril tivemos 190 mil alunos. Tudo o que sempre sonhei. Eu estava querendo democratizar, e resolvi que o caminho era botar de graça, bancar as contas. Estiquei para maio, junho, mas os custos aumentaram, especialmente com a locação de servidores de internet, pois sobem proporcionalmente ao número de alunos. Então, pensei em pedir contribuições voluntárias de quem se inscrevesse, e estava tudo pronto

para isso. Mas, quando faltavam 3 dias, pensei. Se eu tivesse dinheiro para bancar não ia pedir para as pessoas. E pronto, logo na primeira tentativa, falei com um empresário amigo, e consegui recursos para bancar os cursos até dezembro. Aí, em vez de pedir para as pessoas bancarem custo, estou pedindo que retribuam com doações contra a fome.

EDUCATRIX Como você acha que o mundo vai sair dessa? Melhor? Pior?

MURILO GUN Eu acho que o amor sempre vence. O pau está comendo, mas o amor está de olho em tudo. Cada coisa que acontece é o que tinha que acontecer. Tem dor, tem sofrimento, mas tem aprendizagem, mais relacionamento com filhos, entre casais, até quando há separação, porque ruim é ficar junto estando ruim. O mundo agora está mais molinho para aceitar que as pessoas tragam as suas verdades. É o momento para o advogado tributarista falar que quer virar terapeuta holístico. Agora é a hora. E vamos dizer: é isso, beleza! Não tem mais nada estranho. No zoom out da história, quando a gente se distanciar, veremos que a pandemia mudou a rota da humanidade. Poderia trocar o AC/DC de novo. Sugestão para professores de História! Sugiro que troquem de idade! A Idade Contemporânea acabou. Não trocou ainda desde a Revolução Francesa? Agora se chama de Idade Complexa!

EDUCATRIX Como você define essa Idade Complexa?

MURILO GUN O complexo não significa complicado. É aquilo que é tecido junto, tudo interdependente de tudo, a nova idade chama-se unidade. A reconexão com a natureza vai vir forte, com êxodo urbano para uma volta para perto da natureza. As pessoas estão se dando conta que a natureza é a tomada de energia, e a gente fica fora da tomada, em grande parte do tempo. O principal abastecedor do combustível do amor que temos é pisar na terra, estar no mar, no mata. Somos o único bicho que se autodesligou da tomada. Todos falam em design centrado no humano, mas é preciso colocar a natureza no meio. O ser humano, o cliente no meio, ainda é o antropocentrismo, a ilusão do homem no centro. Mas nós não somos donos da natureza, somos filhos dela. Não somos donos da terra, somos filho da terra. □

PARA SABER MAIS

Keep Learning School: <https://site.keeplearning.school/>



A sala de aula como contação de histórias

“Mar de Histórias” é a expressão usada em sânscrito (*Kathâsaritsâgara*) para se referir ao universo das narrativas. Ao transitar por rotas imaginárias, lembre-se da metáfora do mar: é preciso ter um caminho e manter um leme firme, mas é essencial saber que as águas podem ser muito tranquilas, mas também se transformar em verdadeiros maremotos. Esta é a aventura literária da qual fazem parte o mestre e seus alunos: é preciso coragem para trafegar por mundos imaginários, porém, as viagens serão sempre cheias de descobertas.

TEXTO *Julci Rocha* ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*

A CAPACIDADE de imaginar, de pensar simbolicamente e comunicar nossos pensamentos é uma característica exclusiva da nossa espécie. Os seres humanos contam histórias desde sempre; é uma forma ancestral de partilhar conhecimentos às novas gerações. Por isso, a força que uma boa história exerce sobre nós é inegável.

Volta e meia temos lembranças saudosas das histórias que ouvimos na infância, seja em casa ou na escola, assim como guardamos carinhosamente na memória como foi a primeira leitura literária, ou nos vemos diante de uma enorme dificuldade para interromper um bom livro, cuja narrativa nos prende de uma forma muito envolvente.

O contar histórias, ou *storytelling* em inglês, historicamente, sustentou-se de maneira fundamental como uma arte lúdica e um poderoso instrumento de formação da identidade cultural e socioafetiva dos sujeitos. Além de oferecer entretenimento, a contação de histórias nos permite conhecer, ima-

ginar e refletir sobre a vida e as relações e, dessa forma, construir uma visão de mundo.

Um povo que escuta, conta e reconta as mesmas histórias possui valores e visões semelhantes, já que tais elementos são frutos da acumulação de fatos que determinada nação tem como verdade. Daí a importância que uma boa história possui para criar em nós uma sensação de pertencimento ao grupo e de identificação com o coletivo. Essa junção de histórias, valores e visões de mundo geram o “nós”, que não existe sem o “eu” e o “outro”.

A contação de histórias é fonte de comunicação, apropriação e disseminação de conhecimentos, bem como um veículo de registro dos seres humanos no mundo. É na criação e na contação de histórias, derivadas de registros orais e escritos, que nós, humanidade, encontramos um dos mais eficientes modos de difundir nossos pensamentos e de imprimir nossas marcas. »

» O TERMO *STORYTELLING*

Se a contação de histórias é originalmente uma antiga arte humana de troca de experiências, realizada por diferentes povos, em diferentes tempos e espaços, por que o termo em inglês *storytelling* soa relativamente novo?

Embora para muitas pessoas o conceito de *storytelling* pareça novo, o hábito milenar ganhou espaço como ferramenta estratégica no mundo dos negócios, sobretudo na década de 1990. Nesse período, a publicidade e a comunicação precisavam inovar para causar impacto: numa era altamente tecnológica, tornou-se essencial incorporar às estratégias de *marketing* elementos que gerassem empatia e maior conexão com as pessoas, além de dar mais destaque às marcas. É assim que o *storytelling* passa a preencher vazios de ferramentas desgastadas para reter a atenção do público e dá novos contornos à comunicação.

Na década de 1990, o *storytelling* passa a ser amplamente estudado nos Estados Unidos como estratégia de comunicação. À época, os fundadores do Center for Digital Storytelling desenvolveram um processo único de treinamento e artes digitais, com forte colaboração da multimídia teatral, conhecido como o *Digital Storytelling Workshop*. (LAMBERT, 2020)

Desde então, houve também a fundação do Storycenter, que estuda e dissemina as metodologias que ajudam na construção de uma boa história. Assim, o termo Digital Storytelling ganha mais espaço com a prática sendo apresentada a empresas e instituições, em âmbito mundial.

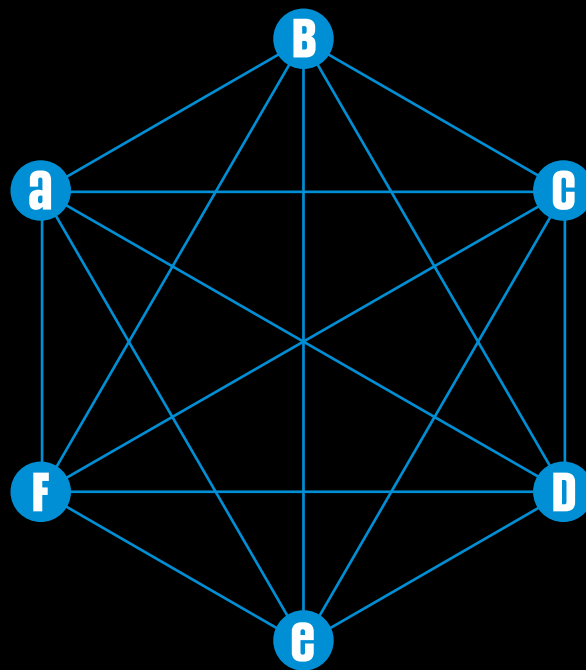
O hábito de contar histórias por meio de pinturas, ao redor da fogueira ou numa roda de histórias na escola permanece, mas a intenção da sua criação, a capacidade de informá-las e distribuí-las mudou significativamente com a sua publicização nas mídias sociais como produto.

O que nos interessa aqui é que o *storytelling* é uma estratégia rica em elementos da narrativa cuja estrutura é muito viva para a nossa sociedade e, portanto, diante do atual cenário educacional, sua apropriação na esfera pedagógica torna-se indispensável.

DE ARISTÓTELES A CAMPBELL: PARA ALÉM DO “ERA UMA VEZ”

Contar uma história não é algo banal, assim como não é qualquer pessoa que cria uma história ou faz uma contação de forma eficaz. As narrativas pautadas no *storytelling* seguem uma estrutura específica de apresentação dos fatos. É possível criar histórias a partir de diferentes temas, reais ou fictícios, desde que arrançados na ordem correta e que, com eles, se saiba fazer uma boa costura.

O *storytelling* como o conhecemos está pautado nas seis partes constitutivas da tragédia aristotélica: enredo (*mythos*), caracteres (*ethe*), elocução (*lexis*), pensamento (*dianoia*), espetáculo (*opsis*) e música (*melopoiia*), encontrados no livro *Poética* (ARISTÓTELES, [1965] 2008, p. 13), em que se apresentam as primeiras teorizações sobre narrativas. Veja a seguir:



[A] ENREDO

O enredo da história fala sobre a sorte ou o revés de uma pessoa e mostra como isso vai influenciar na superação de algum obstáculo ou desafio. O enredo nos fala sobre mitos, enfrentamentos, necessidades e como as personagens atuam para melhorar alguns aspectos de suas vidas. É a alma da história.

[B] PERSONAGEM

É preciso saber quem são, quais as características, o porquê da sua existência e quais as suas escolhas e motivações. Por meio delas, é possível obter uma compreensão empática das pessoas a quem as histórias se direcionam. Não vamos apenas contar histórias para elas, mas também sobre elas.

[C] ELOCUÇÃO / DIÁLOGO

É preciso tocar as pessoas com a fala, ir ao encontro das falas do outro. Portanto, é preciso adequar modos de se dirigir, escolher a linguagem mais apropriada para atingir os objetivos da narrativa.

[D] PENSAMENTO / TEMA

O tema evidencia o obstáculo a ser vencido ou o objetivo a ser alcançado e ajuda a manter o foco na narrativa.

[E] ESPETÁCULO

É preciso surpreender. O espetáculo é algo que as pessoas querem que apareça na sua história, algo inesquecível, que vai gerar polêmicas, discussões e ideias.

[F] MÚSICA / CORO / TRILHA SONORA

Para serem eficazes, suas histórias devem ter coro que ressoe com suas emoções e repúdios. O poder da narrativa geralmente reside na capacidade de despertar emoções e motivar as pessoas a encontrarem uma solução.

Além dos elementos citados, a ambientação ou o ambiente físico em que as personagens atuarão merece destaque. A narrativa eficaz não ignora o cenário, já que, muitas vezes, ele fortalece as interações entre os personagens, nos conta sobre motivações e comportamentos, bem como caracteriza oportunidades ou obstáculos presentes na trama.

Assim como na estrutura narrativa aristotélica, os elementos de uma história são facilmente reconhecidos tanto na tradição oral, quanto no romance moderno ou no cinema. Como são intrínsecos a nossa cultura, é algo que cativa. Por isso, é praticamente impossível nos depararmos com estudos de *storytelling* que não tenham base em Aristóteles.

No mundo contemporâneo, os roteiros de *storytelling* estão pautados no conceito da **Jornada do Herói** ou **Monomito**, de Joseph Campbell. O antropólogo, por meio de amplos estudos de mitos e lendas, encontrou um padrão repetido nas narrativas de diferentes povos. Esses estudos foram publicados no livro *O herói de mil faces*, amplamente popular por volta da década de 1980.

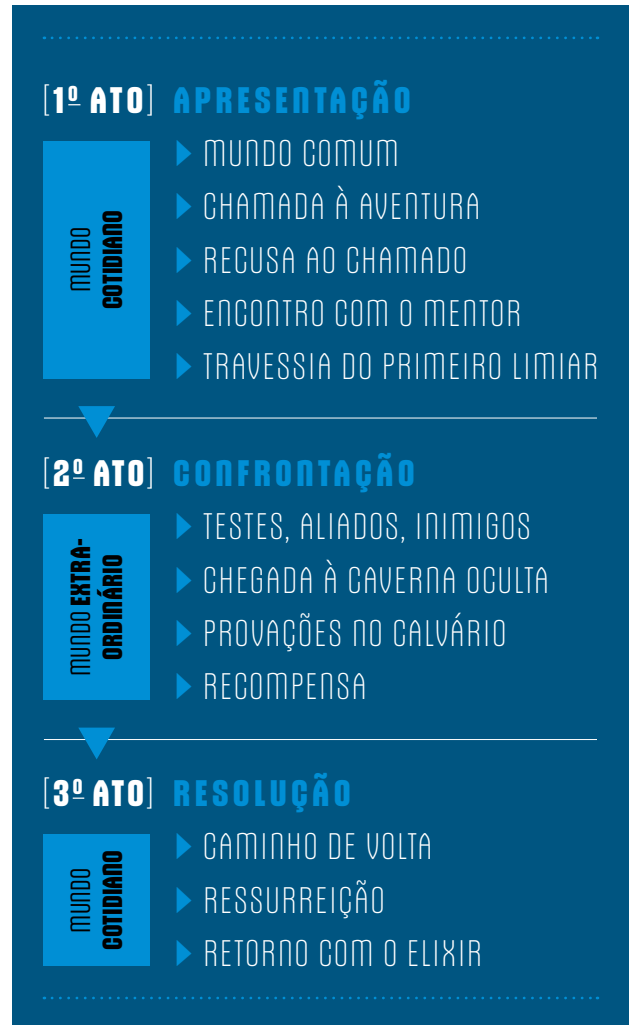
A seguir, temos uma síntese das doze etapas da jornada do herói de Campbell, que sustentam aquilo que o autor chamou de mito único ou monomito:

Segundo Campbell, o caminho comum da aventura mitológica é representado pela sequência: **partida > iniciação > retorno**.

O herói começa sua aventura de mundo cotidiano em direção a uma região de maravilhas sobrenaturais, enfrenta forças fabulosas e consegue uma conquista decisiva. Ao final, ele retorna de sua emblemática aventura com uma força descomunal, com a capacidade de ofertar a seus irmãos diferentes mimos, sonhos, esperanças e materialidades.

Em 1998, Christopher Vogler, então roteirista da Disney, redigiu um memorando intitulado *Um guia prático para o herói de mil faces*, como base para a construção de um método de estrutura narrativa. Nele, o autor descreve “[...] o conjunto de conceitos conhecido como “Jornada do Herói”, extraídos da psicologia profunda de Carl G. Jung e dos estudos míticos de Joseph Campbell”.

O guia, conhecido como a **Jornada do Escritor**, tenta relacionar as ideias dos autores às narrativas modernas e expõe doze etapas em que facilmente observamos os elementos das estruturas vistas anteriormente:



» Apesar de ter escrito um guia, Vogler sempre fez questão de destacar que se trata de uma forma, não uma fórmula. Portanto, partimos do princípio de que as histórias têm forma, têm fórmula e intencionalidade; têm começo, meio e fim e, até mesmo essa clássica tríade, a depender do autor, pode variar.

COMO RECONHECER AS ETAPAS DO STORYTELLING NUMA OBRA

Até aqui, pudemos conhecer a constituição conceitual, histórica e metodológica do *storytelling*. Para facilitar a compreensão da estrutura narrativa, mostramos esquemas com uma

facilitação visual que aborda o que vimos de forma prática.

Um exercício muito proveitoso, que nos ajuda na apropriação dos conceitos, é analisar determinada obra e enquadrá-la numa lógica narrativa. A seguir, fizemos uma análise básica do filme *Pantera Negra*, dividindo-o nos três atos previstos por Vogler (2006).

Que tal você escolher uma obra de sua preferência e fazer esse exercício? Você pode usar quaisquer dos esquemas apresentados ou ampliar suas pesquisas sobre as jornadas e visualizar a narrativa dentro das etapas. Depois disso, sua vida nunca mais será a mesma!

A JORNADA DO PANTERA NEGRA EM TRÊS ATOS

APRESENTAÇÃO

T'Challa aparece como herói.

Diante da morte de seu pai, T'Challa tem o desafio de tornar-se rei de Wakanda, iniciando a sua aventura.

Ele não chega a relutar, mas ainda tem algumas arestas a serem aparadas com o pai.

Ao beber o líquido das rosas violeta de Wakanda, o herói "morre" e entra em contato com seu pai e os demais ancestrais no plano espiritual e se convence do seu destino como rei.

CONFRONTAÇÃO

O herói é testado no papel de rei e precisa aprender a liderar e a escutar conselhos.

Aparecem os inimigos, com destaque para W'Kabi, do povo rival. Killmonger, um primo abandonado, aparece para reivindicar o trono. Esse desafio é um novo Chamado à Aventura.

O herói aceita a luta e sua provação começa.

Ocorre uma nova morte simbólica e o herói perde o trono. Ele não chega a receber uma recompensa, mas recebe uma nova chance de vida, graças ao elixir que o torna o Pantera Negra.

Novamente visita o pai no plano espiritual e recebe o poder de retornar ao trono de Wakanda.

RESOLUÇÃO

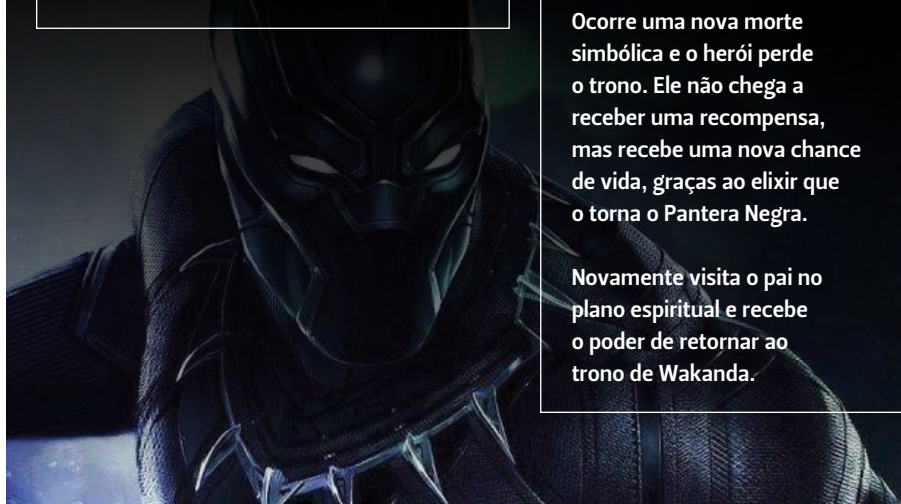
De volta ao mundo comum, Pantera Negra confronta Killmonger, agora com uma visão de mundo revigorada.

T'Challa ressurge na luta contra o primo e se mostra um líder piedoso ao atender ao pedido do primo de uma morte digna.

Merecedor do trono, o herói mostra sua força e fica evidente sua transformação.

A vitória de T'Challa inaugura uma nova fase. O herói é capaz de estabelecer uma relação entre o reino e o resto do planeta.

O rei de Wakanda se torna um autêntico Senhor de Dois Mundos.



O POTENCIAL EDUCATIVO DO STORYTELLING: O PROFESSOR COMO STORYTELLER

Se você é professor, já é um contador de histórias! Ser professor envolve, mesmo que indiretamente, atuação e dramaticidade, assim como um planejamento pedagógico que tem um conteúdo a ser narrado, com começo, meio e fim. Portanto, o *Storytelling* está presente nas salas de aulas, mesmo fora dos momentos de contação de histórias.

Quando nós, professores, priorizamos aulas que engajam as pessoas, as convidamos a se envolverem de diferentes formas, seja na contação da fábula *A cigarra e a formiga*, seja numa aula sobre o impacto do CO₂ na atmosfera ou a forma como se aplica a fórmula de Bhaskara na vida real. Numa “aula contada”, chamamos os envolvidos a contribuírem com perguntas e respostas, fazerem sugestões, acrescentarem ideias, tudo para que compreendam e se apropriem dos conceitos apresentados e construam novos conhecimentos.

Desenvolvemos aulas com um conjunto de técnicas características da estrutura das narrativas. Para tanto, trazemos ilustrações, elaboramos um cenário — mesmo que apenas narrado —, alternamos o tom e intensidade da nossa fala, andamos pela sala, gesticulamos, fazemos caras e bocas, e interagimos com os alunos, esperando deles atenção e encantamento. Não raro, as aulas ministradas com esse foco viralizam, tornam-se inesquecíveis, tal como as mais conhecidas histórias!

Envolver os estudantes por meio do *storytelling* acrescenta valor ao trabalho pedagógico, que se torna dialógico, criativo e humanizado. Com ele, é possível:

- ▶ ampliar os espaços para rodas de conversas e interações;
- ▶ auxiliar o estudante a dar sentido e a buscar novas leituras;
- ▶ incentivar o aluno a fazer releituras e criar suas próprias histórias;
- ▶ estimular o exercício espontâneo da escrita;
- ▶ desenvolver a escuta ativa;
- ▶ despertar o desejo de interpretar textos e dramatizar ideias;
- ▶ incentivar a expressão e comunicação oral;
- ▶ desenvolver um trabalho de qualidade, com resultados positivos, independentemente do nível de escolaridade.

Utilize o *storytelling* como uma prática comunicativa para comunicar soluções, ideias e proposições. Ao colocar os estudantes diante de uma situação-problema, eles podem esboçar uma ideia, registrá-la, construir uma personagem para contar a história, mostrando, dentro de uma estrutura narrativa, a saga do herói na implementação da solução que encontraram. Para isso, precisam se perguntar: de que forma vamos comunicar a ideia? Com quais instrumentos? Quem é quem nessa produção? Que jornada é essa?

Obviamente, dada a diversidade do universo narrativo, não há uma fórmula absoluta para o desenvolvimento da arte de contar histórias. No entanto, como vimos, há um

padrão que pode ser seguido, cujas etapas devem ser adaptadas, tornando factível a possibilidade de criação de uma história única.

A contação de histórias, portanto, é uma estratégia pedagógica diferenciada e, uma vez em sintonia com a realidade da turma, suas necessidades e expectativas de aprendizagem, suas temáticas de interesse e, principalmente, suas potencialidades, otimiza o processo educativo de maneira lúdica e emancipatória.

Já que ensino e aprendizagem caminham juntos, a contação de histórias exerce um papel fundamental no desenvolvimento intelectual e de humanização de educador e educando. Ao despertar o interesse pela leitura e escuta de textos, ao contar um conteúdo e ao provocar os estudantes a criarem suas narrativas, a imaginação é acionada, favorecendo o desenvolvimento da comunicação e de interação entre narrador e espectador. Como consequência, surge uma interação sociocultural que, por vezes, resulta no intenso e imediato interesse de ouvir e recontar histórias para o mundo a fim de preservá-lo e transformá-lo. □

JULCI ROCHA

é fundadora e diretora da *Redesenho Educacional*. Mestre em Educação: Currículo pela PUC/SP, pós-graduada em gestão educacional, design educacional e educação inovadora. Licenciada em Letras pela USP. Integra o time de docentes da pós-graduação e extensão do Instituto Singularidades. Tem experiência em gestão de programas inovadores em redes públicas e privadas, com experiência em instituições importantes como Instituto Paulo Freire e Fundação Lemann. Atua na formação inicial e continuada há 10 anos, com destaque para as metodologias ativas e cultura digital.

PARA SABER MAIS

- ❶ ARISTÓTELES. *Poética* [1965]. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- ❷ CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 1989.
- ❸ CAMPBELL, J. Os primeiros contadores de histórias. *História e antropologia*, 2005, v. 6 fev.-jul. 2015. Disponível em: mod.lk/OVtkK. Acesso em: 9 jul. 2020.
- ❹ LAMBERT, J.; HESSLER, B. *Digital storytelling: story work for urgent times*. 6. ed. Berkeley: Paperback, 2020.
- ❺ PIETRO, H. *Quer ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999.
- ❻ VOGLER, C. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores* [1998]. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.



Técnicas inovadoras para aulas inesquecíveis

O *storytelling* pressupõe socialização, imaginação, criatividade, oralidade e expressividade, aspectos fundamentais para contar a história de uma solução ou de uma ideia a ser defendida.

TEXTO *Julci Rocha* ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*

AO CRIAR E CONTAR histórias sobre sua existência no mundo, o ser humano constitui, metamorfoseia e fortalece suas relações interpessoais. O *storytelling* é concebido como boa prática de contação de histórias. No entanto, não é efetivado de forma espontânea. Sua concretização se dá a partir de técnicas que estabelecem conexões com os espectadores e favorecem o compartilhamento de conceitos, conteúdos, valores e outros elementos da narrativa.

Vamos descobrir como colocar em prática técnicas de *storytelling* para a criação de boas histórias e aulas para serem contadas e recontadas? »

» COMEÇO DE CONVERSA: O CURRÍCULO É A HISTÓRIA A SER CONTADA

A contação de histórias tem conexão intensa com o *storytelling*. Porém, a mera existência de um fato não garante uma boa história sobre ele. É preciso método para que tal fato seja mostrado como grande feito e seja disseminado como uma narrativa única e imersiva para o espectador na essência do que se deseja comunicar (simbólica, psicológica, lógica, afetiva).

O *storytelling*, estratégia pedagógica do campo comunicativo, permite o desenvolvimento do ensino baseado em problemas, com vistas à aprendizagem significativa. Aliado ao fazer pedagógico, o *storytelling* ajuda a destacar a relevância de um tema e a comunicar soluções, ideias e proposições criadas a partir de situações-problema inerentes aos conteúdos curriculares.

Para criar de aulas contadas, o professor (*storyteller*) deve:

- ▶ **Conceber um projeto exequível.** O planejamento docente concentra elementos robustos que subsidiam possíveis adaptações e tornam factível a efetivação de aulas com *storytelling*.
- ▶ **Conhecer o perfil da turma.** É essencial entender os desejos dos estudantes (público-alvo).
- ▶ **Definir a mensagem.** Qual conteúdo será apresentado aos alunos? Isso pode ser definido com uma avaliação pedagógica diagnóstica.
- ▶ **Escolher o recorte do conteúdo pedagógico,** a partir dos resultados obtidos no passo anterior.

▶ **Fazer adaptações da abordagem.** Considere a faixa etária e o nível de conhecimento dos alunos sobre o tema.

▶ **Preparar o cenário.** Considerar o espaço em que a história será contada, e as condições materiais e tecnológicas disponíveis para a realização de um trabalho de qualidade (sala de aula, demais ambientes da escola ou outros espaços dos arredores).

▶ **Elaborar o(s) roteiro(s).** Conceber o passo a passo de uma aula, conteúdo ou conjunto de aulas.

O planejamento docente, ancorado na promoção do desenvolvimento integral dos estudantes, deve conter um alinhamento construtivo que destaca os objetivos, a descrição das atividades, os recursos e a avaliação da aprendizagem. Com o planejamento em mãos, antes de criar um roteiro, o professor como *storyteller* deve, por meio de boas perguntas, traçar o perfil da sua turma, levantando alguns dados que facilitam a escolha do estilo de história a ser criada: quem são meus alunos? Quais são suas dificuldades e potencialidades? Do que eles gostam? Do que não gostam? Como se comportam? Quais os temas que os encantam? Que tipo de atividades os mantêm engajados?

Com o perfil traçado, é possível fazer um mapeamento que ajuda o *storyteller* a engajar a turma. Tomando como base a estrutura narrativa de Aristóteles ([1965] 2008), um outro conjunto de perguntas pode ser respondido para ajudar na composição do roteiro da aula contada:

ESTRUTURA NARRATIVA PROPOSTA POR ARISTÓTELES



ENREDO

O que as personagens estão fazendo ou desejam realizar?

PERSONAGEM

Quem são as pessoas? Quais são seus traços, suas personalidades? Quais são os seus antecedentes, necessidades, aspirações e emoções?

LINGUAGEM

O que as pessoas estão dizendo? As pessoas têm falas diferentes diante de situações distintas? As falas representam raiva, decepção, tristeza ou felicidade? O que você sabe sobre o diálogo entre as pessoas? É possível identificar elementos implícitos ou não ditos?

PENSA- MENTO

De onde veio a ideia? Por que ela é importante?

ESPETÁCULO

Existem reviravoltas nas suas histórias? As pessoas se surpreenderam com algo inesperado que merece ser contemplado?

MÚSICA / TRILHA SONORA

Qual é o som da história?

AMBIENTAÇÃO

Onde suas personagens atuarão? A narração eficaz de histórias não ignora o cenário, porque muitas vezes as interações entre as personagens e ele nos conta muito sobre suas motivações e comportamentos, assim como oportunidades ou obstáculos presentes.

UMA AULA CONTADA?

Imagine, por exemplo, uma sequência didática de ciências para uma turma do 2º ano, sobre *Anatomia e fisiologia das angiospermas*. O trabalho realizado deve desenvolver nos estudantes as seguintes habilidades da BNCC: EF02CI04 e EF02CI06. Logo, os objetivos de cada aula devem ser um compêndio das habilidades citadas. A história da aula pode ser inspirada na seguinte sequência:



SEQUÊNCIA

1 Maria era muito curiosa. Ela amava explorar a horta de seu pai, mexendo na terra, plantando, colhendo e comendo tudo o que vinha de lá. Certo dia, a sua professora lançou um desafio: mostrar como acontecia a germinação das plantas com uma experiência. Com grãos de feijão, algodão e água, os alunos veriam um broto nascer.

2 A turma ficou entusiasmada, menos Maria, que se recusou a fazer a atividade, argumentando que não era possível germinar. Precisaríamos de terra. Ela era experiente nisso. Vendo a resistência da menina, a professora aconselhou: “Maria, use a sua experiência a seu favor. Coloque seus conhecimentos à prova e se desafie a aprender mais e a ajudar os colegas, o que acha?”. A menina refletiu e notou que valia a pena tentar, nem que fosse para contrariar a premissa da professora.

6 Era o que Maria precisava! Além de auxiliar os colegas na sua germinação, agora a menina ia para a escola sem essa pulga atrás da orelha.

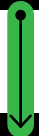
7 De volta à escola, Maria fez as orientações para ajudar seus colegas a obterem melhores resultados na experiência, expondo todas as condições que influenciam a germinação de uma planta.

8 Quando a professora pensou que a sequência didática estava finalizada, foi surpreendida por Maria, que contou sobre as diferenças entre as plantas que brotam das sementes e aquelas que nascem a partir dos brotos. Essa história, que parecia ter terminado com o encerramento da experiência do feijão, deu origem a uma nova história, igual as plantas fazem...

3 Os dias passaram e cada criança fazia algo para o seu pé de feijão crescer e registrava os resultados. No caminho, alguns grãos secaram, outros incharam e muitos brotaram. Maria, que fazia parte da turma que tinha seus brotos viçosos, percebeu que o sucesso da experiência dependia de um conjunto de ações favoráveis à germinação.

5 Quando Maria achava que sabia tudo, decidiu variar a experiência: iria germinar uma banana. “Cadê a semente?”, indagou a menina, surpresa. Foi um quiproquó! “Banana nasce do nada?”. “Como vou ajudar os colegas se nem eu mesma sei o que estou fazendo?”, pensava a menina, desolada. Inconformada com o suposto fracasso e quase desistindo, Maria gritou com o celular na mão: “De onde vem as bananas se elas não têm sementes???”. Imediatamente, a assistente virtual respondeu: “muita gente acha que os pontinhos pretos das bananas são sementes. Você pode plantar a bananeira por meio da muda da própria planta. Na natureza, ela se reproduz por meio de rizomas”.

4 Maria decidiu fazer pesquisas em casa, para dar dicas aos colegas que não obtiveram sucesso. Ela assistiu a vídeos, leu referências e fez muitas perguntas a seu pai, além de fazer alguns testes com sementes de diferentes plantas.



» Note que os conteúdos citados são explorados desde a Educação Infantil, em Ciências nos anos finais do Fundamental e em Botânica — um ramo da Biologia — no Ensino Médio, compreendendo conceitos morfológicos e ambientais. Assim, de acordo com o nível, são feitas adaptações visando promover o aprofundamento gradativo do tema e a complexificação das atividades, ajustados à BNCC.

CONFRONTAÇÃO: ENGAJAR OS ESTUDANTES NAS AULAS COM *STORYTELLING*

Engajar os estudantes nem sempre é fácil. Mas, para fazê-los sair da posição passiva no processo de ensino e aprendizagem e torná-los mais ativos e autônomos, propõe-se que a condução do *storytelling* da aula seja aliada às estratégias da aprendizagem baseada em problemas (PBL) e investigação.

Pausas para lançar perguntas promovem o aprofundamento nos conceitos, além de manter os estudantes atentos. Alguns exemplos de perguntas: por que os feijões secaram nesse experimento? Quais as condições ideais para a germinação? O que são rizomas?

Nessa perspectiva, as lacunas conceituais da história da aula podem ser preenchidas por novos desafios, que envolvem pesquisas, relato ou criação de narrativas; elaboração de resumos; a produção de textos individuais e/ou coletivos; estudos individuais ou em grupos etc.

É fundamental que o professor *storyteller* crie condições para que os estudantes recontem a história escutada, alterando-a, inventando novos desfechos, criando uma fusão entre sua versão e a original, com base nas pesquisas realizadas. Tal relato permite aos estudantes aprimorar a expressão oral e organizar o pensamento, construindo relações entre a oralidade, a escrita e a expressão artística.

Criar narrativas próprias é uma ótima atividade pedagógica. Além de inventar suas histórias, os estudantes podem intervir na narrativa contada, tecendo novos fatos. Para tanto, é preciso fomentar a criação e ampliação do repertório dos estudantes, fazendo com que explorem elementos da narrativa, diferentes gêneros literários, técnicas de contação, etc.

Seja nas histórias verdadeiras, seja naquelas inventadas ou imaginadas, os gêneros narrativos

guardam aproximações com o mundo real. Então, explore-os. Uma boa pesquisa bibliográfica é a fórmula mágica da ampliação de repertório. Com base no conhecimento de boas narrativas, de diferentes gêneros e origens sociais, o contador se apropria melhor da estrutura narrativa e se torna apto a fazer contação e a criar histórias. Proponha desdobramentos com diferentes linguagens a partir da contação de história. Os estudantes podem recriar o que foi contado por meio de teatro ou dobraduras, desenhos, construção com sucata, confecção de máscaras, fantasias, bonecos, livros ou HQs etc.

HISTÓRIA CRIADA, HISTÓRIA CONTADA

Eleger os conteúdos curriculares como fatos a se trabalhar favorece a concepção das aulas como *storytelling*. Consequentemente, esse contexto coloca tanto os professores quanto os estudantes na condição de *storyteller*, capazes de criar e contar a história dos saberes apropriados e construídos, com o auxílio de múltiplos recursos.

Dentre as técnicas para a contação de histórias, uma das mais importantes é a utilização adequada da voz, sem a qual a comunicação oral se torna inviável. Alguns elementos estão especificamente ligados à voz, principal instrumento do contador: ajustes no volume e na velocidade da fala, a pronúncia e vocabulário adequados etc.

Além da voz, a expressão corporal é fundamental na contação. Algumas vezes, o corpo fala muito mais do que as palavras. Através do semblante, da postura, dos gestos e das expressões, comunicamos e revelamos ideias, pensamentos e intenções. Os gestos abruptos e exagerados devem ser evitados, pois rivalizam com a própria narração, dispersando o espectador do texto e dificultando sua compreensão.

ANTES DE CRIAR UM ROTEIRO, O PROFESSOR (STORYTELLER) DEVE CONHECER O PERFIL DA SUA TURMA, BASEANDO-SE EM DADOS QUE FACILITAM A ESCOLHA DO ESTILO DE HISTÓRIA A SER CRIADA. SABER DE QUE A TURMA GOSTA É O SEGREDO DO ENGAJAMENTO.

TECNOLOGIA E STORYTELLING

Uma extensa literatura afirma que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) potencializa o trabalho pedagógico. Além de facilitar o dia a dia, aliadas às ferramentas digitais, as TICs oferecem benefícios e colaboram com um aprendizado significativo.

Em relação ao *digital storytelling*, é fato que a sua introdução na educação contribui bastante para o desenvolvimento e habilidades exigidos dos estudantes no século XXI. É uma ferramenta robusta de incentivo à pesquisa, desenvolvimento colaborativo, amplificação das habilidades comunicativas e da capacidade de escrita.

O desafio é fazer com que o *storytelling* torne-se uma prática recorrente no universo educacional. Para isso, existem ferramentas que podem ser exploradas para a criação de narrativas digitais e, por serem representativas da realidade da turma, otimizam o processo de contação das histórias:



TOONTASTIC É um dos melhores aplicativos gratuitos de contação de história.

Permite desenhar, animar e narrar a história, deslocando os personagens pela tela, como em teatro de fantoches. A narrativa é construída dentro de um ambiente interativo em 3D, com cenários personalizáveis e roteiros disponíveis em três categorias: História Curta, História Clássica e Relatório Científico.



STORYBIRD Ferramenta de artes da linguagem que permite a qualquer pessoa criar *storytelling* em segundos. No App,

há obras de arte de ilustradores de todo o mundo para inspirar escritores de qualquer idade a criarem livros ilustrados, quadrinhos, romances, poemas e ficção em flash.



STELLER Um app com formas de criar, contar e descobrir histórias divertidas e inspiradoras. Possui temas, layouts e fontes criativos para incrementar as narrativas. Você

pode se conectar com outras pessoas e compartilhar suas histórias com fotos e vídeos.

GAME STORYTELLING

Estudiosos de todo o mundo têm se debruçado sobre os jogos como ferramenta de difusão do *storytelling*. Os jogos ganham papel vital por apresentar mundos virtuais ricos com narrativas atraentes. Em muitos jogos interativos, o jogador é um participante ativo no decorrer da saga e, por

isso, os games são uma ferramenta de entretenimento completa para o trabalho do *storyteller*. Cada jogo traz um bom enredo, uma história para cada personagem, o que cada um representa e o quanto pode ajudar na trama.

O *storytelling* nos games traz uma mídia de entretenimento que vai além da jogabilidade. A vasta coleção de jogos incríveis, com enredos épicos, lendas e mundos agregam valor às narrativas. Uma boa dica é incentivar os estudantes a criarem games *storytelling* na Aprendizagem Baseada em Jogos. Para tanto, eles podem criar jogos de tabuleiro, Role Playing Game (RPG) ou histórias no Minecraft e Roblox.

BUSCANDO INSPIRAÇÃO

“De onde vem os bebês?”, “Como os computadores funcionam?”, “Por que não posso comer sobremesa o tempo todo?” e outros “Por quês?”. Perguntas evidenciam a curiosidade das crianças, que precisam de mediação para terem acesso às explicações.

Muitas produções infantis respondem aos questionamentos dos pequenos de uma forma diferenciada, por meio de aulas contadas. Elas servem como inspiração para o desenvolvimento de aulas pautadas em *storytelling*.



STORY BOTS Produção original da Netflix, criada para otimizar o ensino de crianças de forma lúdica. O gatilho é um grupo de

bots de computador que fazem a contação de respostas às perguntas de crianças do mundo todo na forma de histórias.



SHOW DA LUNA! Série brasileira em que Luna, uma garota de 6 anos, é completamente apaixonada por ciências. Para ela,

o mundo é um imenso laboratório. Nos episódios, Luna, ao observar algo que desperta dúvidas, vai logo perguntando! As respostas são contadas em narrativas muito envolventes. □

PARA SABER MAIS

● ARISTÓTELES. *Poética*. [1965] Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

● VOGLER, C. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores* [1998]. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NOVO Pitangüá

FAÇA SUA ESCOLA VOAR MAIS ALTO!



Imagens ilustrativas.



O **Novo Pitangüá** é uma solução educacional completa para sua escola inovar com a consistência, confiança e segurança. Tudo com a qualidade e a credibilidade Moderna!



RECURSOS PARA SUA ESCOLA ALCANÇAR GRANDES RESULTADOS



LIVRO DIGITAL
INTERATIVO, COM
TECNOLOGIA
HTML5!



PACOTE BÁSICO

Livros didáticos, impressos e digitais, livros de literatura, portal educacional e caderno vai e vem.

UPGRADE

Itens opcionais escolhidos pela escola para a Educação Infantil e Fundamental 1.

IMPLEMENTAÇÃO E ACOMPANHAMENTO

Formações EaD e central de atendimento à escola.



**CANAL DE VENDAS
EXCLUSIVO PARA
AS FAMÍLIAS**

**ENTREGA
DIFERENCIADA
DOS PACOTES**

**MARKETING
EDUCACIONAL**

Explore todo o potencial
do **Novo Pitangüá**



www.moderna.com.br/pitangua





8 passos para contar histórias e engajar a turma

Como o ato de contar histórias pode transformar a sua sala de aula em um espaço colaborativo e criativo com grandes resultados de aprendizagem.

TEXTO *Emilly Fidelix* ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*

ERA UMA VEZ, uma história. Quem não se encanta por elas? Histórias são parte de nossas vidas e se manifestam em diferentes formatos: nos registros produzidos em paredes de cavernas – a chamada arte rupestre –, nas histórias de ninar, nos contos de fadas, na literatura, nas fábulas, nas novelas, nos filmes e nos seriados. As histórias estão também na conversa, no diálogo entre amigos que contam um ocorrido, num álbum de família, numa propaganda, nos arquivos pessoais de um grande gênio da humanidade ou de um indivíduo comum. Já deu para entender que *storytelling* tem tudo a ver com histórias, né? Mas quando falamos sobre utilizar essa técnica na educação, não estamos tratando apenas de fazer a leitura de um livro e mostrar suas ilustrações aos estudantes. *Storytelling* vai muito além. Vamos descobrir?

DESCOBRINDO UM NOVO MUNDO

Storytelling trata de contar histórias, aliás, mais que isso: trata-se de contar boas histórias. Essa técnica – já utilizada pelas mídias e pelo entretenimento por meio do cinema e da publicidade, por exemplo – pode ser aproveitada também no âmbito educacional pelos professores. Vamos pensar juntos: Qual é o objetivo de uma propaganda de televisão? Entre tantas outras propagandas, além de vender o produto, quer chamar a atenção de quem assiste. Para isso, recursos como cores, sons, imagens, histórias envolventes e a própria linguagem são explorados para gerar emoções e conexões, mantendo o telespectador engajado na mensagem transmitida.

A Coca-Cola, por exemplo, é uma das marcas que mais aplicam com sucesso a técnica do *storytelling* em suas propagandas, especialmente aquelas de Natal que visam emocionar e passar uma mensagem de esperança e bem-estar a quem assiste (**mod.lk/ex_coca**). O mesmo ocorre com filmes, seriados e novelas: entre cenas de ação, humor e drama, muitas histórias são contadas e construídas, gerando emoções diversas em quem acompanha, ganhando a atenção plena de quem está do outro lado da tela. Não se engane ao pensar que a técnica pode ser utilizada apenas em comerciais. O *storytelling* pode ser usado em apresentações de trabalho, de projetos, de propostas, em planejamentos, com o objetivo de explicar um conceito, ilustrar uma emoção, apresentar resultados, convencer, conquistar, inspirar e, principalmente, engajar.

GRANDES STORYTELLERS E SEUS SEGREDOS

Há alguns indivíduos que se destacaram e mudaram suas vidas por serem grandes *storytellers* e por utilizarem isso ao seu favor, seja para transmitir sua mensagem, para compartilhar uma causa, para expandir seus negócios ou para se tornar reconhecido em alguma área do conhecimento. É o caso de Steve Jobs, Martin Luther King Jr., Bill Gates e Malala Yousafzai, que nos deixam algumas lições exploradas no livro *Storytelling*: Aprenda a contar histórias com Steve Jobs, Papa Francisco, Churchill e outras lendas da liderança, de Carmine Gallo:



STEVE JOBS *Storytellers* inspiradores são eles mesmos inspirados e compartilham o seu entusiasmo com o seu público.



MARTIN LUTHER KING JR. Grandes *storytellers* se tornam, não nascem assim. Aproveitam as oportunidades para aperfeiçoar suas habilidades de falar em público e de inspirar espectadores.



BILL GATES Quebre expectativas. Quando as pessoas acham que sabem o que vem adiante, surpreenda. Crie histórias inesperadas, chocantes ou surpreendentes.



MALALA YOUSAFZAI Conte histórias com o coração. Uma boa história pode levar alguém às lágrimas; uma história magnífica pode dar início a um movimento. »



Histórias

MITOS E LENDAS

Experiências Simples

2020

Outro velho -
Aconteceu...

A JORNADA DO HERÓI

O modelo a seguir, também disponibilizado no livro de Carmine Gallo, foi compartilhado por Austin Madison, um animador e criador de *storyboards* de vários filmes da Pixar, como *Ratatouille* e *Toy Story 3*. Em uma apresentação, Austin compartilhou os 7 passos que os filmes da Pixar seguem e que têm como objetivo dar à plateia alguém por quem torcer:

Era uma vez um _____. (O protagonista/herói)

Todo dia ele _____.

(O mundo desse herói é um mundo comum, cotidiano)

Até que um dia _____.

(Toda história atraente tem um conflito, um desafio para o herói)

Por causa disso _____.

(Uma série de esforços vão acontecer e se conectar em sequência com a cena seguinte - como se tudo fosse se encadeando)

Por causa disso, _____.

(Outras cenas que são conectadas com as anteriores e as seguintes.)

Até que finalmente _____.

(O clímax - o triunfo do bem sobre o mal)

Desde então _____. (A moral da história)

Agora, veja o exemplo aplicado ao filme *Star Wars* a partir da história do personagem Luke Skywalker:

Era uma vez um menino de fazenda que queria ser piloto.

Todo dia ele ajudava na fazenda.

Até que um dia sua família é assassinada.

Por causa disso, ele se junta ao lendário Jedi Obi-Wan Kenobi.

Por causa disso, contrata o contrabandista Han Solo para levá-lo a Alderaan.

Até que finalmente Luke alcança seu objetivo e torna-se piloto de guerra e salvador da pátria.

Desde então, Luke está a caminho de se tornar um cavaleiro Jedi.

UM EXEMPLO PRÁTICO

No meu caso, como professora de História, usei alguns elementos da Jornada do Herói (existem vários modelos para se contar uma história, a Jornada do Herói é uma das possibilidades) para chamar a atenção dos meus estudantes sobre uma temática pouco atraente para a maioria deles: as Cruzadas. Para esse tema, uni duas ferramentas: o *storytelling* para abordar o assunto e conquistar sua atenção e o Google Maps para aprofundamento e uma experiência de aprendizagem mais significativa. De forma resumida, iniciei a aula em círculo com um bate-papo sobre grupos de pessoas que percorriam, em expedições, longas distâncias, correndo todo o tipo de perigo, desde a fome até doenças para libertar locais sagrados pelos cristãos do domínio islâmico. Algumas pessoas do grupo acreditavam que, ao completarem a jornada, uma mistura de peregrinação com guerra, teriam seus pecados perdoados.

Conforme a história se aprofundava, íamos abordando outros objetivos das Cruzadas e suas características, e muitas perguntas surgiam: “eles eram loucos?”, “Quantos dias eles andavam?”, “Eles iam morrendo pelo caminho?”, “Que dis-

tância eles percorreram?” Era o que bastava para convidar a turma à pesquisa. Em equipes, os alunos jogavam os dados que tínhamos disponíveis no Google Maps e descobriam a distância percorrida em cada Cruzada - com um paralelo ao mapa do mundo atual. De repente, eu ouvia: “professora, você não vai acreditar! Na primeira Cruzada, se a gente fizesse no Brasil saindo lá da pontinha do Rio Grande do Sul, a gente teria que andar até a Bahia! Por que eles faziam isso?! Como eles aguentavam?”. Bem, a partir daí, o casamento entre o *storytelling* e o uso de ferramentas digitais foi o suficiente para que a aprendizagem das Cruzadas fosse um tema mais relevante, significativo e proveitoso para a turma e eu poderia dar sequência a outras coisas interessantes que veríamos juntos sobre aquele período.

Outro exemplo na minha trajetória como professora foi uma série de arquivos fictícios e pessoais dos tempos da Segunda Guerra Mundial que criei a partir do conteúdo que trabalharia. Era uma turma de Ensino Médio e, num primeiro momento, imaginei que, devido à idade e à fase de vida, os alunos não se interessariam e minha ideia iria por água abaixo. Ledo engano: pessoas amam histórias e desafios.

Cortei algumas folhas de papel sulfite, derramei café nelas e deixei que secassem de um dia para o outro. Resultado: folhas marrons, parecendo papel antigo. Juntei restos de papel kraft, papel cartão preto e alguns envelopes de carta. O próximo passo foi a definição dos meus personagens: os “donos” dos arquivos. Assim fiz: duas amigas judias se escondendo com suas famílias; pai e filho alemães, sendo o filho soldado do exército; esposa e marido japoneses, sendo ela enfermeira em guerra, e outros. Escrevi à mão algumas cartas curtas, todas com datas do período entreguerras. Na internet, consultei cartões-postais antigos com imagens da França e da Europa em geral, para simular cartões enviados por correspondência. Também imprimi selos de carta da época e coleí nos envelopes. Para as cartas mais longas, escrevi no Word, utilizando a fonte Courier New (semelhante à fonte de máquinas de escrever, para manter a sensação de ser algo antigo) e juntei alguns objetos que pareciam antigos.

Cada equipe ganhou um arquivo e teve de ler, analisar as datas, as informações e descobrir a relação entre o remetente e o destinatário, descobrir o período em que viviam, o que contavam, no que trabalhavam, enfim, uma simulação ao trabalho de pesquisa de um historiador, que tem de lidar com documentos não lineares e que não trazem todas as informações. Ao final, cada equipe apresentou seus personagens e contou suas histórias baseando-se na documentação disponibilizada. Hoje, já adultos, quando os alunos daquela turma me encontram, afirmam: “professora, nunca mais esqueci o que estudamos sobre a Segunda Guerra Mundial e o que aconteceu naquele período”. Tudo porque estudamos um período tão importante, com histórias “reais” em pano de fundo.

COMO COMEÇAR O STORYTELLING?

Agora você deve estar se perguntando: quais lições um educador *storyteller* pode dar a outro educador que quer explorar essa técnica? Como professora de História e, consequentemente, mas não acidentalmente, uma contadora de histórias, compartilho algumas sugestões:

1 Pense de forma interdisciplinar. Todas as áreas do conhecimento estão conectadas; a matemática, a geografia, a história, as linguagens, a arte, a educação física, a química – no universo, não há gavetas separando os temas. Conectar a sua temática com outra área ajuda a dar sentido e demonstrar a relação entre o cotidiano e o que está sendo explorado. Numa receita de bolo, a matemática (quantidades) e a química (fermentação) podem se juntar e se transformar em uma história que envolve a vida cotidiana, algo palpável, concreto.

Vejamos um exemplo.

“Pessoal, vocês não imaginam o que aconteceu comigo ontem! Estava muito feliz pelo aniversário do meu sobrinho que fez 18 anos, então me inspirei, tomei coragem e fiz algo que nunca faço: um bolo! Peguei uma receita qualquer na internet, às pressas e sem perceber que as quantidades não estavam fazendo muito sentido. Ao final percebi que havia colocado pouca farinha, muitos ovos e muito fermento. Imaginem o resultado! O bolo ficou com um aspecto estranho e como usei muito fermento, que tem sua reação causada pela temperatura e que só para quando todo o fermento reage, o bolo crescia sem parar! Eu me lembrei da importância das frações na cozinha, seja para não comer comida salgada demais, para não desperdiçar ou mesmo para não causar essa catástrofe que foi o meu bolo de aniversário. Depois de tudo isso, vamos aprender a fracionar e perceber o quanto utilizamos isso no nosso dia a dia?”

2 Domine o conteúdo. Para contar histórias, saiba bem do que está falando. Depois, pense em situações que podem ser reais (a biografia de um ícone daquela área), pessoais (quando você mesmo vivenciou e tirou uma lição) ou criadas (quando você conta situações envolvendo uma história).

3 Use e abuse de elementos atraentes. Pense em todos os elementos e ferramentas necessários à sua história para torná-la mais relevante. Você pode incluir seus alunos como personagens, sua cidade, a escola; pode inserir algum cantor, uma celebridade, alguém muito conhecido na cidade; pode eleger uma música-tema e usar ferramentas simples do cotidiano da turma como *gifs*, memes, vídeos, imagens, enfim, o que puder ilustrar esse momento ou partes da história.

4 Use sua voz. O tom de voz mais baixo indica a sensação de suspense, de contar um segredo. Isso atrai a atenção dos estudantes para o que vem a seguir. Além disso, um tom de voz mais alto indica ânimo, energia, e se utilizado para enfatizar momentos, destacar falas e indicar sensações como a de susto torna a história mais envolvente.

5 Ilustre com objetos reais: Antes de falar sobre frações, você pode levar alguns objetos e pedir à turma que divida, some ou multiplique, por exemplo. Em vez de chegar em sala de aula afirmando: “Turma, hoje vamos estudar o Egito Antigo”, apresente imagens de tumbas, das pirâmides, da esfinge, do Egito hoje, ilustrações de Cleópatra e outros ícones egípcios. Faça hipóteses antes de você entrar de vez na temática.

6 Avalie com *storytelling*. Que tal pensar na avaliação utilizando o *storytelling*? Crie um personagem que precise de ajuda e, a cada questão respondida, o estudante chega mais perto de salvá-lo do mal.

7 Crie zines. Zines são a abreviação de fanzines, muito utilizados por produtores culturais de pequena circulação. São pequenos livros feitos com papel sulfite e que podem ser utilizados como cartões, biografia, livros com histórias curtas, cartões com resumos de conteúdos, etc.

8 Desperte a criatividade com ferramentas digitais. Uma boa forma de trabalhar *storytelling* como aliado no desenvolvimento da competência 4 da BNCC – a comunicação –, são as histórias em quadrinhos, exercitando a expressão a partir de uma variedade de linguagens e plataformas, utilizando a criatividade. Você pode lançar o desafio para os seus alunos através de ferramentas como o Storyboard That (www.storyboardthat.com/pt), o Strip Generator (www.stripgenerator.com) e o Make Beliefs Comix (www.makebeliefscomix.com). Com essas ferramentas digitais, os alunos podem contar sua própria história, a história de um grande cientista, de um escritor ou resumir uma história literária. Além disso, a turma pode sintetizar o conteúdo visto ou trazer curiosidades adicionais sobre a temática estudada.

Nossa história está chegando ao fim, mas para ajudar você, professor, a perceber a importância de conquistar a atenção dos seus estudantes e propiciar uma aprendizagem cada vez mais significativa, finalizo este breve roteiro com uma fala do especialista em Neuroeducação, Francisco Mora, em seu livro *Neuroeducación*: solo se puede aprender aquello que se ama, publicado em 2013: “A curiosidade, o que é diferente e se destaca no entorno, desperta a emoção. E, com a emoção, se abrem as janelas da atenção, foco necessário para a construção do conhecimento” (p. 66).

EMILLY FIDELIX

é professora há 12 anos, tendo trabalhado com turmas de Educação Infantil ao Ensino Superior. É historiadora, doutoranda em História Global (UFSC) e Especialista em Tecnologias, Comunicação e Técnicas de Ensino (UTFPR). Também é criadora da página no Instagram @seligaprof na qual explora temas como tecnologias e metodologias ativas.

PARA SABER MAIS

- GALLO, C. *Storytelling*: Aprenda a contar histórias com Steve Jobs, Papa Francisco, Churchill e outras lendas da liderança. São Paulo: Alta Books, 2018.
- MORA, F. M. *Neuroeducación*: Solo se puede aprender aquello que se ama. Madrid: Alianza Editorial, 2017.



COMPARTILHA

O futuro
da educação,
hoje

UM PROJETO GLOBAL VIVO

+ de **670**
ESCOLAS
no Brasil

+ de **280**
MIL ALUNOS
no Brasil

presente em
16 PAÍSES

+ de **1 MILHÃO**
de alunos



Desenvolvemos e implementamos propostas **360°**, a partir de uma experiência educativa que se adapta a sua escola, baseada no **DESENVOLVIMENTO CONTÍNUO** de seus profissionais, suas metodologias, seus processos, sua tecnologia, seus espaços de aprendizagem, sua comunicação, sua projeção na comunidade escolar.

 modernacompartilha.com.br

 [/Moderna.Compartilha](https://www.facebook.com/Moderna.Compartilha)

 [@modernacompartilha](https://www.instagram.com/modernacompartilha)

 **COMPARTILHA**

Uma experiência educativa que se adapta à sua escola

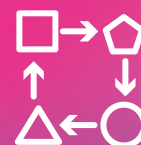
Analizamos o momento e as necessidades específicas da sua escola para potencializar sua identidade e seu próprio projeto educativo junto à comunidade.



PRECURSOR



FLEXÍVEL



ADAPTÁVEL

Há mais de 50 anos, estamos próximos das escolas, ressignificando a relação com o conhecimento e a cultura digital.

Oferecemos resultados visíveis a partir do desenvolvimento de habilidades, espaços híbridos de aprendizagem e tecnologia educacional.



MENSURÁVEL



CONFIÁVEL

Acreditamos no aprender e reaprender continuamente por meio da formação docente, alinhada a padrões internacionais.

ISTE

Nosso projeto educativo tem foco no desenvolvimento e *feedback* contínuos dos professores e na personalização da aprendizagem.

#CompartilheONovo

 modernacompartilha.com.br

 [/Moderna.Compartilha](https://www.facebook.com/Moderna.Compartilha)

 [@modernacompartilha](https://www.instagram.com/modernacompartilha)



Story- telling.

**a arte de encantar,
influenciar e conquistar**

Histórias e metodologias para transformar a sua realidade e engajar toda a comunidade escolar.

TEXTO *Martha Gabriel* ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*



Livros para leitura em voz alta

HISTÓRIAS

LIVE

BLACK LIVES MATTER

vida

2020

FABRICA DE TECIDOS

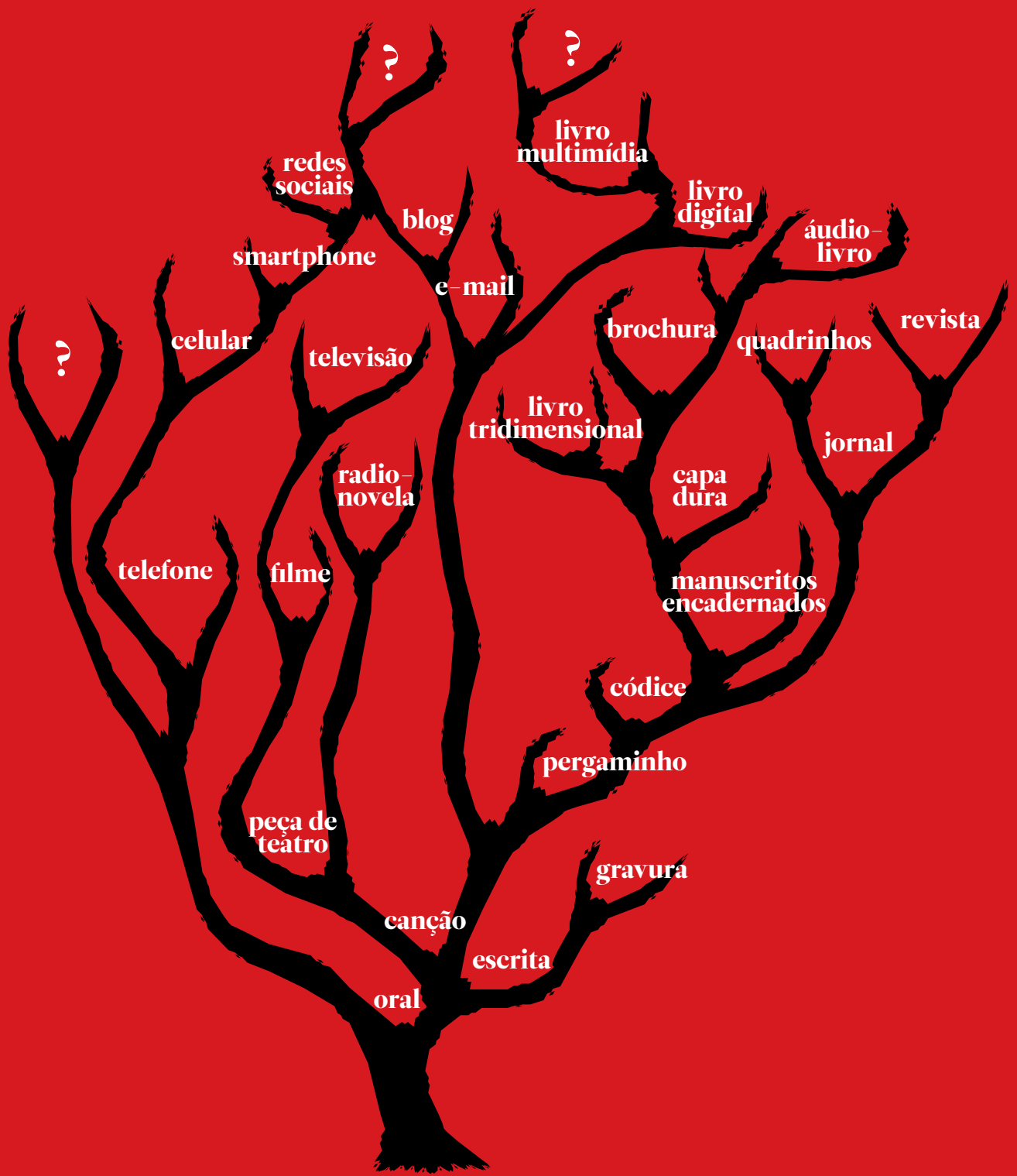
APESAR DE SER um termo que ganha cada vez mais relevância na era digital, *storytelling* é uma prática que remonta ao início da história da humanidade e está intimamente ligada à comunicação que permitiu a nossa evolução para que nos tornássemos a espécie dominante do planeta. A sua importância é tão fundamental para a nossa existência que nossos cérebros são configurados biologicamente para prestar atenção em histórias. Por isso, desde sempre, saber contar boas histórias é uma das estratégias mais eficientes para engajar cérebros, e, consequentemente, quem eles comandam: pessoas.

Histórias existem muito antes de poderem ser registradas: uma das primeiras evidências de *storytelling* são as imagens das cavernas de Lascaux na França, que datam de aproximadamente 17 mil anos atrás, retratando uma variedade de desenhos de animais e algumas poucas criaturas humanoides. Essas figuras são esforços combinados de várias gerações representando os seus rituais: contando histórias, que também sugerem que o ser humano não era o foco central, e que o drama daquele período do Paleolítico acontecia, realmente, entre a megafauna – carnívoros e grandes herbívoros.

A linguagem verbal, por sua vez, pode ser rastreada em um período que vai bem mais longe, até pelo menos 50 mil anos

atrás, sendo que a maioria dos linguistas acredita que a sua origem é muito mais antiga do que isso, possivelmente há mais de 500 mil anos. No entanto, para conseguir construir narrativas – portanto, histórias –, foi necessário que a linguagem verbal evoluísse de uma protolíngua para estruturas mais complexas, como a da maioria das línguas que chamamos de antigas, e que não chegam a ter mais de 6 mil anos. A escrita, por sua vez, entra em cena mais recentemente, há aproximadamente 5 mil anos, ampliando o poder de propagação das histórias.

Nesse sentido, ao longo do tempo, as formas com que as histórias eram contadas – tanto linguagens, quanto seus suportes – foram mudando drasticamente, adquirindo características adicionais conforme os avanços tecnológicos passaram a oferecer novas possibilidades para criá-las, registrá-las, reproduzi-las e propagá-las. A imagem da figura 1 mostra algumas das principais formas de contar histórias desde a Antiguidade até a era digital, em que surgem constantemente novos suportes de mídia, que continuamente acrescentam mais recursos para o espaço narrativo. Virtualmente, podemos dizer que não existem limites para expandirmos o universo ficcional – tudo pode ser utilizado e mixado para criar, registrar, contar e propagar histórias. »



[ÁRVORE EVOLUTIVA DAS FORMAS DE **STORYTELLING**]

» O processo de evolução da narrativa é decorrente da simbiose natural entre linguagens e suportes, que vão mutuamente se modificando, de forma contínua, elevando o grau de complexidade da comunicação, e, conseqüentemente, do *storytelling*. Esse caminho culmina no contexto atual, altamente transmidiático, que se desenvolveu (e continua a se desenvolver) em sintonia com a evolução da própria humanidade, que sofre, também, um aumento gradativo de complexidade.

Exemplos disso são as histórias da Marvel ou DC Comics, nas quais não apenas os personagens, mas todo o universo ficcional das séries e filmes se relacionam entre si, expandindo-se, também, nesse processo, para outros suportes: TV, cinema, jogos, etc. Nesses casos, a história passa a não caber mais em ape-

nas uma mídia, ou uma narrativa, ou um suporte único, transcendendo-se tanto em forma quanto em conteúdo, apropriando-se, para tanto, de todas as possibilidades tecnológicas e de linguagem possíveis. Além da infinidade das potenciais inter-relações transmidiáticas que a fluidez do ambiente digital oferece, os personagens também cresceram consideravelmente na complexidade da sua construção, quando comparados com os das narrativas populares usuais do século passado, que tendiam a uma dualidade ingênua entre bem e mal, herói perfeito ou vilão eterno. Hoje, o caráter dos personagens oscila com muito mais frequência entre os extremos, de uma forma muito mais sutil e dinâmica dentro da narrativa, representando de modo bem mais verossímil a essência complexa do ser humano.



[**PERSONAGENS** DO UNIVERSO MARVEL]

ECONOMIA DA ATENÇÃO, ERA DA DISTRAÇÃO

Essa multiplicidade crescente de plataformas que o ambiente digital proporciona não apenas contribui para o aumento da complexidade das histórias, mas traz consigo duas consequências adicionais diretas na comunicação:

- 1 explosão de conteúdos, criando sobrecarga informacional;
- 2 fragmentação da informação, favorecendo a interrupção e a distração.

Nesse contexto, em que sofremos cada vez mais com a sobrecarga, com a fragmentação e com a dispersão informacionais, experimentamos um aumento considerável não apenas na concorrência pela nossa atenção, mas também, e principalmente, na dificuldade de conseguir extrair sentido e utilidade desse *tsunami* de conteúdos que nos assola continuamente. Isso tudo nos leva à Era da Distração, em que é muito mais fácil e tentador se distrair a todo momento na superficialidade desse volume gigante de informação, que nos dá a “ilusão de saber” (um dos fatores de propagação de *fake news*), do que gastar tempo e energia para processar significado, aprofundar conhecimento para, realmente, adquirir o “saber”. Essa é uma das grandes ironias dos nossos tempos: a riqueza informacional é cada vez mais abundante e disponível a todos, mas apenas aqueles que empenham o esforço necessário para conseguir selecionar o que realmente tem valor para suas vidas conseguem manter o foco para alcançar seus objetivos. Os demais tendem a ser levados pelas correntes dos fluxos informacionais de duas formas principais: à deriva, ou dirigidos por aqueles que sabem navegá-los.

Nesse sentido, aqueles que dominam os fluxos informacionais exercem um grande poder social – tanto para educação e evolução, quanto para alienação e manipulação. Isso não é novidade, e acontece desde sempre. A clássica estratégia *panem et circenses*, que sur-

giu na Roma Antiga, continua plenamente em uso hoje em dia para distrair e manipular massas. No entanto, se na Antiguidade romana, o poder predominante sobre os fluxos de informação era dos governantes, com o passar dos séculos esse poder foi se tornando acessível também para outros agentes, tanto que a imprensa passou a ser reconhecida como o “Quarto Poder” a partir do século XVIII-XIX, e, mais recentemente, a internet como o “Quinto Poder”. Nessa jornada, fica claro que no contexto atual, altamente distribuído e sobrecarregado de informação, o poder sobre os fluxos informacionais não está mais apenas nas mãos de quem consegue gerá-los e distribuí-los (detendo audiência), mas está principalmente nas mãos daqueles que conseguem engajar a audiência.

STORYTELLING: ÍMÃ DE ATENÇÃO E ENGAJAMENTO

Assim, a partir do momento em que uma mensagem alcança determinado público, indubitavelmente, o maior desafio da comunicação passa a ser conquistar a atenção desse público e conseguir engajá-lo para que se interesse pelo nosso assunto – seja ele qual for: educação, vendas ou qualquer bate-papo mundano. Caso contrário, teremos sido apenas parte da distração e não da comunicação. Como diz o ditado popular, “você pode levar um cavalo até a água, mas não pode obrigá-lo a beber”; em outras palavras, não adianta apenas conseguir entregar uma mensagem para um público; para fazê-lo beber da nossa água, precisamos atrair a sua atenção e conseguir engajá-lo. Histórias são excelentes para isso, pois elas exercem um poder inigualável no nosso cérebro. Estudos comprovam que histórias:

- ▶ nos conectam de forma universal;
- ▶ representam a nossa maneira natural de compreender o mundo;
- ▶ tornam mais fácil lembrar e entender acontecimentos;
- ▶ podem produzir oxitocina, hormônio relacionado a confiança e empatia;

Jerome Bruner, um dos principais arquitetos da revolução cognitiva, advoga em seu livro *Actual Minds, Possible Worlds* que a mente possui um “modo narrativa” que não retém dados e *bullet points*, e que as pessoas têm 22 vezes mais probabilidade de se lembrarem de uma história do que de uma série de fatos e números. »

» Assim, boas histórias são extremamente atrativas para o cérebro humano, funcionando como um antídoto contra a falta de atenção. Ao mesmo tempo, histórias são ótimos instrumentos para entrega de sentido, atuando como um fio condutor que organiza fragmentos de informações e emoções, facilitando a compreensão. Por isso, histórias ajudam a explicar conceitos altamente complexos, como é o exemplo do filme *Divertidamente*, da Disney-Pixar, que, por meio de uma narrativa, mostra a importância científica de cada emoção no corpo humano, até mesmo a tristeza.

É justamente por isso que as histórias engajam, fazendo com que estratégias de *storytelling* tornem-se atualmente mais relevantes do que nunca, pois aquilo que elas obtêm – atenção e engajamento – tem se tornado cada vez mais difícil de se conquistar.

HISTÓRIAS, DECISÕES E VIDA

Histórias são a forma primordial da comunicação humana e de representação da vida, que é formada por uma série de histórias que contamos para nós mesmos e para os outros. As histórias nos definem.

Humanos vivem em um mundo de faz de conta: o que nos move não são os acontecimentos ou fatos, mas a nossa interpretação sobre eles. Toda decisão é fundamentada em uma história imaginada, que antevê o seu resultado. Quando mudamos a história, vislumbramos a futuro distinto que, eventualmente, afeta a decisão no presente. Por exemplo, considerando-se determinado fato, um otimista é alguém que imagina uma história futura com desfecho positivo a partir dele, enquanto um pessimista enxerga um desdobramento negativo. O fato pode ser o mesmo, mas os significados atribuídos a ele são distintos, em função da história que imaginamos. Por isso, pessoas com visões (histórias imaginadas) diferentes de mundo tomam decisões distintas – elas enxergam uma outra narrativa para os mesmos fatos.

STORY + TELLING

Assim, toda história é composta de duas partes simbióticas: **fatos** (que são o *story*) e **narrativa** (que é o *telling*). A combinação estratégica de ambas é o que faz um *storytelling* ser bom ou não. Os mesmos fatos podem ter narrativas diversas, gerando histórias diferentes. Se comparássemos o *storytelling* a uma fogueira, poderíamos dizer que o *story* é o fogo, e o *telling* é a fogueira que revela o fogo: ela pode ser menor, maior, com gravetos úmidos que geram

fumaça, ou secos que estalam. É a junção das duas partes que torna a fogueira encantadora, atraente, sedutora ou não.

Nesse sentido, a diferença entre uma boa história – que engaja, atrai a atenção e influencia – e uma ruim é justamente como são articulados os seus elementos: a escolha dos fatos e a forma como eles são narrados. O *story* e o *telling* devem ser pensados e adequados para engajar determinado público específico – por exemplo, podemos contar a história de *A Bela Adormecida* pela ótica da sociedade dos anos 1960, em que a princesa precisa ser salva por um príncipe encantado, ou podemos narrar pelos olhos da bruxa, resultando no filme *Malévola*, um sucesso recente de bilheteria, que articula uma narrativa mais atrativa para os dias de hoje, sob o ponto de vista de inclusão, diversidade e empoderamento feminino. Perceba que a estrutura de fatos da história é a mesma, mas sendo contada (*telling*) de forma diferente.

O STORY: ESCOLHENDO OS INGREDIENTES DA HISTÓRIA

Para criarmos uma história que encante, influencie e conquiste, é essencial, portanto, conhecer o que é relevante para o público que queremos engajar. Somente assim conseguiremos selecionar os fatos que atrairão a atenção seletiva desse público e poderemos desenvolver uma narrativa que o conduza a um processo de transformação (conversão) que faça sentido dentro da sua visão de mundo, o seu universo.

Não é à toa que as melhores histórias são aquelas que conseguem articular dores e prazeres humanos da forma mais simples possível – porque é assim que o nosso cérebro funciona: maximizando prazer, minimizando dores e otimizando a nossa energia nesse processo, para que consigamos sobreviver como indivíduos e como espécie. Assim, o primeiro passo para se criar um *storytelling* de sucesso é conhecer as dores e prazeres do seu público. Uma ótima maneira de fazer isso é por meio da ferramenta de Mapa de Empatia (bastante usada em Design). Com ela, conseguimos entender quais são as dores

“A TRAGÉDIA, ENTÃO, É A IMITAÇÃO DE UMA AÇÃO, COM INCIDENTES DESPERTANDO PENA E MEDO, COM O QUAL SE REALIZA UMA CATARSE DE TAIS EMOÇÕES.”

ARISTÓTELES, POÉTICA

do nosso público, o que causa interesse, o que lhe tira o sono, quais as aspirações que o movem, apontando os seus motivadores para prestar a atenção e agir. Essas são as peças para construir histórias que engajem esse público.

O TELLING: FAZENDO A HISTÓRIA APARECER

A partir do momento em que conhecemos o nosso público e aquilo que o move, obtemos os ingredientes para criar uma história, mas isso apenas não basta. Fazer uma boa história é como fazer um bolo: precisamos de uma metodologia que determine como combinar corretamente os ingredientes da forma adequada. Essas metodologias estruturam a forma de contar a história.

Uma das mais eficientes, e conseqüentemente mais utilizada, estruturas de criação de histórias é a “Estrutura dos Três Atos” – ela funciona, sempre funcionou e provavelmente sempre funcionará porque imita a forma como o cérebro humano atua para resolver problemas. Ela divide a história em três partes (atos), normalmente chamados de início (apresentação), meio (confronto) e fim (resolução). Perceba que um elemento fundamental em uma história é o confronto: sem algum tipo de desequilíbrio que precise ser solucionado, o nosso cérebro não se interessa.

Há 2,5 mil anos, Aristóteles descreveu essa fórmula na forma de pena, medo, catarse: você precisa fazer o público ter pena de uma personagem (normalmente isso é feito fazendo a personagem passar por revezes não merecidos) para criar uma conexão emocional entre o público e essa personagem. Uma vez que essa conexão emocional seja estabelecida, a história passa a ter algum controle sobre a audiência. Conforme você colocar a personagem em situações cada vez piores, o público sente medo, devido à conexão emocional estabelecida, e cria identificação. Quando você livra a personagem daquela ameaça, ou daquela situação ruim, seja ela qual for, a audiência experimenta a catarse. Esses três atos são conhecidos também como sofrimento, luta e superação.

ATO FINAL

Assim, criar histórias é uma arte que envolve conhecer muito bem o seu público para conseguir obter os ingredientes certos, que permitam o desenvolvimento da narrativa que terá o poder inigualável de

atrair e engajar esse público. Para tanto, a estrutura dos três atos é uma arma infalível.

Para conhecer mais sobre *storytelling* e como aplicar nas mais diversas áreas, recomendo que faça um curso específico para isso, como o que ofereço [on-line, em martha.com.br/st], ou leia alguns dos inúmeros livros que ensinam as mais diversas técnicas para dominar essa arte.

Esse é o primeiro passo para abraçar o *storytelling* como estratégia de comunicação, que, quando usada corretamente, pode ensinar, iluminar e entreter. Cada história tem um propósito, mesmo que seja transmitir uma simples mensagem. Sem histórias, a humanidade nunca aprenderia com os seus erros, nunca sonharia para realizar grandes feitos ou inovar, e nunca conseguiria ver além do agora – não poderíamos conhecer o passado e nem imaginar o futuro. □

MARTHA GABRIEL

é escritora, consultora e palestrante nas áreas de marketing digital, inovação e educação. Autora de sete livros, um deles o best-seller Marketing na Era Digital. Palestrante de 5 TEDx, keynote speaker internacional com mais de 75 palestras no exterior e premiada três vezes como melhor palestrante em congressos nos Estados Unidos.

PARA SABER MAIS

- BADDLEY, A. D. *Essentials of human memory*. New York: Psychology Press, 1999.
- BBC Brasil. *Quando e por que os humanos começaram a falar?* Disponível em: mod.lk/wLEAj. Acesso em: 7 jul. 2020.
- BECK, J. C.; DAVENPORT, T. H. *A economia da atenção*. São Paulo: Elsevier, 2001.
- BOYD, B. *On the origin of stories: Evolution, cognition, and fiction*. Cambridge, MA: Belknap Press. & Pace-Schott, E. F. (2013). *Dreaming as a storytelling instinct*. *Frontiers in Psychology*, 4, 159, 2009.
- BRUNER, J. *Actual Minds, Possible Worlds*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- CHRISTIAN, D. *TED TALKS: A Grande História*. Disponível em: mod.lk/vhvyq. Acesso em: 7 jul. 2020.
- POPOVA, M. *The evolution of storytelling*. Disponível em: mod.lk/8ecgf. Acesso em: 7 jul. 2020.
- PRIVACIDADE hackeada. Direção de Jehane Noujaim e Karim Amer. Estados Unidos: Netflix, 2019.
- UNIVERSITY of Southern California. *Something universal occurs in the brain when it processes stories, regardless of language*. Disponível em: mod.lk/szrfz. Acesso em: 7 jul. 2020.
- ZAK, P. J. *Future of StoryTelling*. Disponível em: mod.lk/mzbxr. Acesso em: 7 jul. 2020.
- ZAK, P. J. *Why Your Brain Loves Good Storytelling*. Disponível em: mod.lk/1mXmQ. Acesso em: 7 jul. 2020.



PROGRAMA
CRESCEMOS

o melhor que eu posso ser

**Trabalhamos habilidades,
desenvolvemos competências.**

Um programa que promove a educação socioemocional e investe no contexto escolar, formando cidadãos capazes de compreender melhor a si mesmos e interagir positivamente com o mundo.

Para a escola

- Consultoria Educacional
- Formação Inicial para Professores
- Visitas Periódicas



Vamos aprender na prática:

Pensamento analítico
e capacidade de
antecipação

Comunicação
positiva e eficaz

Autoconhecimento
Criatividade




Cidadania digital e
consciência cultural e social

Liderança e
trabalho em equipe

Aplicar e criar
tecnologia

**Alinhado à proposta BNCC e aos
pilares da Educação da Unesco.**

 /programacrescemos
 @programacrescemos
 contatos@crescemos.com
 0800 772 1041

 Avaliações de Impacto
 Marketing Educacional
 E muito mais!



**BASE
NACIONAL
COMUM
CURRICULAR**



**Impulsionamos
nossos alunos
para o mundo**

A verdadeira liderança vai muito além do 1º lugar

Com o SFB, você tem ao seu lado uma **Assessoria de Performance** completa, pronta para oferecer todo o suporte necessário para a sua escola **preparar os alunos para a vida.**

ASSESSORIA DE PERFORMANCE



Assessoria Administrativa

Gestão
Financeiro
Marketing



Assessoria pedagógica

Avaliação
Tecnologia educacional
Currículo



Acesse e saiba mais

 www.sistemafb.com.br

 atendimento@sistemafb.com.br

 /sistemafariasbrito

 /sistemafb

 Gerência Comercial Nacional:
(61) 99214-0904



SISTEMA FARIAS BRITO

Educação bilíngue e avaliação

Na educação bilíngue, duas ou mais línguas são utilizadas para ensinar diferentes áreas do conhecimento de modo que os alunos aprendam as línguas ao mesmo tempo em que aprendem por meio dessas línguas. Que impacto essa integração traz para a avaliação?

TEXTO *Maria Teresa de la Torre Aranda*



— Podría decirme, por favor,
¿qué camino debo tomar de aquí?
— Eso depende en gran medida
de adónde quieres llegar
— le respondió el Gato.

ALICIA EN EL PAÍS DE LAS MARAVILLAS,
CAPÍTULO VI



► **AS VIAGENS** começam muito antes da data de partida e terminam muito tempo depois do nosso retorno. O destino, o propósito da viagem, a estação do ano, o tempo de estadia demandam preparos distintos com impactos diretos na sua realização. Ao escolhermos, por exemplo, um destino no exterior, não podemos deixar para descobrir, ao desembarcar, que o país escolhido exigia um visto que não providenciamos antecipadamente.

Uma viagem de estudos é planejada considerando interesses e motivações diferentes das de uma viagem de lazer ou de negócios, portanto as ações, as interações, os eventos serão traçados de modo que materializem, que deem vida ao plano inicial. Durante o percurso, vivenciamos as experiências desse plano, fazemos registros, tiramos fotos, compartilhamos sensações, descobrimos novas paisagens e fazemos ajustes na rota, sem, no entanto, perdermos de vista os desejos e as intenções. Ao final da viagem, quando nos perguntarem “E aí, como foi?”, a resposta, inevitavelmente, nos remeterá às expectativas projetadas antes da partida: “Foi incrível, melhor do que eu esperava”, ou, “Apesar de alguns contratemplos inesperados, valeu a pena”.

Com a avaliação não é muito diferente, portanto, cabe aqui a metáfora da viagem para essa reflexão. Um curso ou unidade de aprendizagem são desenhados com um objetivo em mente e devem ter na avaliação uma aliada, mediando a aprendizagem de maneira integrada e dialógica, coletando evidências do aprendizado ao longo de todo o percurso e não só ao final.

Na educação bilíngue, esse diálogo se impõe de maneira ainda mais premente, pois duas ou mais línguas são usadas como meios de instrução para diferentes áreas do conhecimento. Dessa forma, os alunos aprendem as línguas e por meio delas. Assegurar aos nossos alunos que a compreensão de conceitos possa ser articulada nessas línguas é um dos

grandes desafios da docência bilíngue; portanto, da mesma maneira que integramos língua e conteúdo para o ensino, também devemos integrá-los para a avaliação, o que depende em grande medida do planejamento colaborativo entre os professores das diferentes áreas do conhecimento de modo que se estabeleça uma parceria de expertise. Nesse sentido, desenvolver as competências em língua/linguagem passa a ser responsabilidade não apenas de uma professora de língua, mas de toda a equipe envolvida no ensino bilíngue.

Language stands at the center of the many interdependent cognitive, affective, and social factors that shape learning.

CORSON, 1999



Em seu livro *The Assessment of Emergent Bilinguals*, Kate Mahoney propõe uma abordagem avaliativa que contemple os seguintes conceitos: propósito, uso, método e instrumento (PUMI).

- ▶ Qual o **propósito** dessa avaliação?
- ▶ Como os resultados dessa avaliação serão **usados**?
- ▶ Qual **método** é o mais apropriado?
- ▶ Que **instrumentos** serão necessários? (rubricas, *checklists*, *prompts* etc.)

Esses quatro princípios sustentam as escolhas e decisões na elaboração de avaliações que olhem para a aprendizagem do bilíngue num continuum. O propósito e o uso determinarão a escolha do método e dos instrumentos mais adequados, que valorizem o que o aluno já sabe e informem sobre passos a seguir, tanto para quem aprende como para quem ensina. Nesse sentido, o “erro” será tratado como estratégia didática, a partir do qual se cria, se constrói. A per-

gunta aqui é: Como ouço meus alunos? Esperando a resposta correta ou tentando entender o quanto eles já sabem e ainda precisam aprender? Ao considerar o caráter formativo e processual da avaliação, evitamos a potencial conotação negativa centrada em resultados apenas. Consideremos o seguinte exemplo:

- ▶ *Em determinada sala de aula, uma avaliação é dada a cada semana.*
- ▶ *Terry começa o bimestre com 4 A's, mas termina com 4 C's. Sua média final é B.*
- ▶ *Maya, por sua vez, começa o bimestre com 4 C's, mas termina com 4 A's. Sua média final também é B.*

Quem aprendeu mais? O que esse resultado nos informa sobre desempenho e progressão da aprendizagem? (WILLIAM, 2011). Ao informar os resultados dessa maneira, reduzimos a complexidade da evolução da aprendizagem a uma nota apenas, tornando a informação final arbitrária. Um descritivo detalhado, fundamentado em indicadores de competência para cada objeto do conhecimento, informará de maneira mais equitativa o que cada aluno é capaz de fazer por meio das línguas em que aprende.

Vale ressaltar que as demandas de aprendizagem e uso de uma língua vêm se tornando mais complexas no século XXI. Enquanto os programas de educação bilíngue e de “ensino de segunda língua” do século XX enfatizavam as habilidades de comunicação, hoje a ênfase está no desenvolvimento do pensamento crítico e do conhecimento em profundidade (GARCÍA e WEI, 2015).

Pesquisas recentes revelam que os alunos alcançam resultados em níveis mais altos quando o currículo apresenta propostas intelectualmente desafiadoras e, conseqüentemente, ficam mais envolvidos quando o trabalho de sala é também cognitivamente desafiador. Os mesmos princípios se aplicam à avaliação como aprendizagem. O real desempenho dos alunos só pode ser medido se

tocarmos seu intelecto, acendermos seu entusiasmo e apoiarmos seus esforços em aprender (GOTTLIEB, 2016).

Dar repertório aos alunos com materiais instigantes nas duas (ou mais) línguas de instrução é essencial para despertar interesses, acender talentos e apoiá-los na articulação das suas descobertas. O texto lido, cantado, escrito, pensado ou ilustrado assume um papel central nessa aprendizagem. Na contemporaneidade, os textos se estendem a enunciados híbridos para além da linguagem verbal: escrita e fala se misturam com imagens, ilustrações e em movimento (vídeo e áudio). Eles são multimodais, ou multissemióticos, e devem estar presentes também na avaliação, pois os recursos imagéticos são portadores de significado e atuam na compreensão.

ASPECTOS PARA A AVALIAÇÃO DE CONTEÚDO E LÍNGUA EM UM CURRÍCULO BILÍNGUE INTERDISCIPLINAR

A língua/linguagem permeia todas as atividades humanas e está presente na rotina escolar de diferentes maneiras. A linguagem da música, da dança, da física, da biologia tem características próprias e se manifesta em diferentes gêneros discursivos. Um relatório sobre um experimento científico tem uma linguagem específica, diferente de um relato histórico ou de uma narrativa ficcional.

Ao planejar avaliações para as disciplinas que compõem um currículo bilíngue é importante destacar quais aspectos de língua/linguagem sustentarão a articulação do conhecimento nas diferentes áreas. O quadro a seguir destaca os aspectos a se considerar tanto para as questões de língua/linguagem como para o conteúdo de cada componente curricular. Há alguns exemplos para ilustrar possíveis inter-relações, com a ênfase alternando entre conteúdo ou língua, segundo o conhecimento ou a competência a ser aferida. ▶



»	ASPECTO	MATEMÁTICA	LÍNGUA E LITERATURA	CIÊNCIAS	ESTUDOS SOCIAIS	ARTES
LÍNGUA / LINGUAGEM	Objetivo linguístico	Ler e interpretar gráficos.		Explicar como animais e plantas se adaptam a vários ecossistemas.	Argumentar a favor de um organismo que tenha maior chance de sobrevivência em determinado hábitat.	
	Marcadores do discurso / gênero					
	Funções linguísticas					
	Estruturas linguísticas					
	Uso de linguagem especializada ou técnica					
	Conexões interculturais					
	Objetivos para diferenciação					
	Indicadores de proficiência linguística					
CONTEÚDO	Objetivos da unidade temática / objetos do conhecimento	Criar gráficos comparativos do crescimento populacional de uma região.		Avaliar diferentes tipos de desastres naturais e o impacto da sua potencial devastação.	Analisar os habitats de um ecossistema tendo em vista um conjunto de características determinantes para a chance de sobrevivência dos seus organismos.	
	Conceitos-chave					
	Habilidades relacionadas					
	Objetivos para diferenciação					
	Parâmetros nacionais					

“What we call the beginning is often the end. And to make an end is to make a beginning. The end is where we start from. [...] We shall not cease from exploration, and the end of all our exploring will be to arrive where we started and know the place for the first time.”

T.S. ELIOT

O FEEDBACK COMO PROPULSOR DA APRENDIZAGEM

Feedback está entre as influências mais críticas à aprendizagem dos nossos alunos. O tipo de *feedback*, o modo como é estruturado e o momento em que é dado podem ter impacto positivo ou negativo na aprendizagem. Para ser eficaz, o *feedback* deve descrever a qualidade do trabalho e apontar para a próxima ação, em vez de enfatizar erros ou acertos apenas. O *feedback* constante reduz a discrepância entre o conhecimento atual e o desejado e aponta para reformulações necessárias. Ele é um componente essencial da avaliação formativa, pois as ações empreendidas pelos professores e alunos geram informação para modificar o ensino e a aprendizagem. Essa informação também nos oferece um panorama de quais aspectos devem ser trabalhados individualmente, com alunos específicos, e quais afetam o grupo todo e devem, portanto, ser trabalhados coletivamente. Envolver os alunos em um *feedback* dialógico sobre seu processo de aprendizagem estimula sua percepção e desenvolve sua linguagem para além da tarefa proposta.

O PORTFÓLIO COMO EVIDÊNCIA DE APRENDIZAGEM

Um portfólio é uma narrativa da trajetória de aprendizagem ao longo de um determinado período, cujas escolhas podem ser feitas pelo aluno, pelo professor, ou por ambos. Sua composição atende a propósitos distintos, podendo representar:

- [A] uma seleção das melhores produções;
- [B] evidências da progressão e da evolução do aluno em determinado aspecto, por exemplo, exemplos de texto escrito ou oral em diferentes estágios de desenvolvimento;
- [C] exemplos de produção acompanhados de rubricas de autoavaliação;
- [D] ou ainda uma coletânea de tarefas de desempenho autênticas que

revelam uma área específica de interesse do aluno.

Escolher o que incluir no seu portfólio dá aos alunos um estímulo autoral no seu trabalho, que pode ser compartilhado com seus pares e com sua família. Essa ação abre possibilidades para desenvolver a autonomia e a autorregulação, pois apresentar e comentar as escolhas envolve reflexões e justificativas sobre o que cada um aprendeu e como aprendeu. Tomar conhecimento da nossa própria compreensão, sobre como aprendemos, revela:

- ▶ conhecimento do objetivo (*knowing what*);
- ▶ auto-observação do processo (*self-monitoring*);
- ▶ autocontrole e autorregulação da atividade mental (*self-control, self-regulation, self-management*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma breve visita ao Aulete Digital (www.auletedigital.com.br) para o levantamento dos sinônimos de avaliar me remeteu a um grupo semântico permeado de acepções: estimar, calcular, analisar, apreciar, prezar, reconhecer grandeza, examinar conhecimento, atribuir valor. Por que caminhos ou descaminhos, por muitos anos, a avaliação ocupou um lugar de oponente não cabe discutir aqui, mas sim defender as abordagens formativas que a toam como aliada da aprendizagem.

Volto, então, ao início e à metáfora da viagem. Que percursos propiciaremos aos nossos aprendizes bilíngues para que, além de passageiros, sejam também condutores e agentes de sua aprendizagem? Que processos avaliativos lhes possibilitarão apreciar paisagens, ajustar rotas e vivenciar uma experiência significativa e transformadora? Ao desenhar nossos propósitos e escolhermos os métodos e os instrumentos, não percamos de vista o fato de que as línguas de um bilíngue estão ativas o tempo todo, uma alimentando a outra. Elas não são

entidades separadas, sem comunicação. O que aprendemos em uma das línguas transferimos para a outra e, assim, vamos nos constituindo e ampliando nosso olhar. Da mesma forma, o ensino, a aprendizagem e a avaliação caminham juntas, apoiando-se, ajustando-se e complementando-se. □

MARIA TERESA DE LA TORRE ARANDA

é mestre em *Teaching English as a Second Language (TESL, ensino de inglês como segunda língua)* pela *School for International Training, Vermont (EUA)*. Licenciada em Letras pela *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, antigo instituto isolado da USP, atual Unesp, tem ampla experiência no ensino bilíngue e na coordenação pedagógica. Atualmente é docente do Instituto Singularidades, no curso de pós-graduação Bilinguismo e Educação Bilíngue: Desafios e Possibilidades, e dá assessoria ao currículo bilíngue da Beacon School. Suas áreas de atuação incluem a formação de professores, especialmente em Educação Bilíngue, o desenvolvimento de currículo e a avaliação formativa.*

PARA SABER MAIS

- BLACK, P. & WILLIAM, D. *Assessment and Classroom Learning*. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 5:1, 7-74, DOI: 10.1080/0969595980050102, 1998. Published on-line: 28 Jul, 2006. Disponível em: mod.lk/ZAH8N. Acesso em: 9 jul. 2020.
- BROOKHART, Susan M. *How to Give Effective Feedback to Your Students*. 2nd edition. Alexandria: ASCD, 2017.
- GOTTLIEB, Margo. *Assessing English Language Learners: Bridges to Educational Equity*. 2nd edition. Thousand Oaks, CA: Corwin, 2010.
- GRANGEAT, M. (Coord.). *A Metacognição, um Apoio ao Trabalho dos Alunos*. Porto: Porto Editora, 1999.
- MAHONEY, Kate. *The Assessment of Emergent Bilinguals*. Bristol: Multilingual Matters, 2017.
- WIGGINS, G. & MCTIGHE, J. *Understanding by Design*. New Jersey: Pearson Education, 2006.
- WILLIAM, Dylan. *Embedded Formative Assessment*. Bloomington: Solution Tree, 2011.

educate

bilingual program
by **Richmond**

O PROGRAMA BILÍNGUE

para a sua escola!



Educação Infantil
ao Ensino Médio

Vivemos em tempo de ressignificar e atribuir novos olhares para **um aprendizado ainda mais eficaz, conectado e mensurável para sua escola e as famílias.**

Educate Bilingual Program tem tudo para uma experiência plena de aprendizagem da língua inglesa.

PRINCIPAIS VANTAGENS DO PROGRAMA:



Plataforma de aprendizagem e sala de aula digital.



Ferramentas de *Blended Learning*.



Assessoria de Marketing.



Biblioteca digital com mais de 6 mil títulos literários sem custo extra para as famílias.



Desenvolvimento contínuo dos professores.



Consultoria acadêmica especializada.



Certificação Internacional para professores e alunos **sem custo extra para a escola e famílias.**



Mais benefícios para a gestão financeira da escola.



Agende uma reunião e entenda como fazer parte desta experiência!



Richmond Solution

Novos tempos, novas formas de ensinar!

Hoje, oferecer uma educação flexível, tecnológica e de qualidade é fundamental para o ensino de idiomas. Tudo isso se torna possível e mais simples com **Richmond Solution**.

- ▶ **Ambiente virtual exclusivo** para professores de alunos.
- ▶ Segurança e eficácia para o **ensino híbrido**.
- ▶ **Plataforma de aprendizagem e sala de aula digital** com variedade de recursos didáticos.



**Livro digital
interativo**



Avaliações



Vídeos



Atividades



Jogos

UMA EMPRESA DO GRUPO



Richmond Solution conta, também, com uma **biblioteca digital gamificada**, com mais de 6 mil títulos literários para que as famílias não tenham gastos extras.

Garantimos flexibilidade a partir de ofertas personalizadas que respeitam o momento e as necessidades da sua escola.



Quer conhecer mais?
Agende uma reunião com
nossos especialistas.



Luz, câmera: diversão!

Afinal, por que *Harry Potter*, *Minecraft* ou *LOL* não fazem parte do debate literário na escola com a mesma importância que ocupam o imaginário dos alunos? Saber dosar o que a escola tem a ensinar com aquilo que os jovens querem aprender é o grande segredo do engajamento.

TEXTO Jayse Ferreira

O QUE TORNA uma aula enfadonha? O que é preciso para que ela se torne interessante? Quais sugestões você daria para dinamizar os conteúdos? Ao fazer essas perguntas aos meus estudantes, pude verificar que a escola e/ou os conteúdos não dialogavam com a realidade deles. O mundo virtual, as novas tecnologias, as redes sociais, os *softwares* e aplicativos *mobile* não estavam sendo utilizados em toda sua potencialidade. Assim, teve início uma jornada de buscas a *sites*, livros e revistas que me norteassem sobre como trazer esse mesmo interesse para as minhas aulas de Arte.

Sabendo que os alunos adoravam esse mundo *geek* (fãs de tecnologia, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, HQs, livros, filmes, animes e séries), resolvi criar o projeto *Vamos enCURTAr essa história?*, com os meus alunos da Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Frei Orlando, localizada no município de Itambé, zona da mata pernambucana. O objetivo era estimular os alunos a escreverem e produzirem histórias que virariam curtas-metragens baseados em assuntos de seu interesse. Essa proposta vinculava-se ao conteúdo ministrado naquele bimestre: Cinema. Os vídeos produzidos seriam postados nas redes sociais para serem apreciados e curtidos por toda a comunidade escolar. Não se tratava apenas de fazer “filminhos” produzidos pelos alunos nas aulas de Artes. A proposta era bem mais ampla, envolvia artes gráficas, cinema, vídeo, fotografia, edição

e novas tecnologias, resultando num ensino mais colaborativo, prazeroso e atestado com os anseios desses jovens aprendizes.



VISITAÇÃO AO CINEMA E CRIAÇÃO DE ROTEIROS

“Não dá para falar de cinema sem conhecer uma sala de exibição. O aluno tem que vivenciar a experiência.”

Como não há cinema em nossa cidade, firmamos uma parceria com um *shopping* de João Pessoa, capital paraibana. Essa parceria foi fundamental, pois pagávamos meia-entrada e a maioria dos alunos não poderia pagar o preço normal de um ingresso.

Quando saímos do cinema, ainda no ônibus, os alunos já debatiam sobre as histórias que queriam criar. Eles estavam ávidos para escrever seus roteiros e não viam a hora de ver suas criações se transformando em filmes. Isso foi ótimo, só me deu um pouco de trabalho para administrar toda essa energia criativa em sala de aula!

Para ter mais controle sobre a escrita dos roteiros, pedi a cada representante de turma que me trouxesse uma amostra das histórias feitas por suas equipes. A história escolhida foi *Harry Potter: O Recomeço*, uma tentativa de continuidade da emocionante saga do bruxinho que os alunos adoravam.

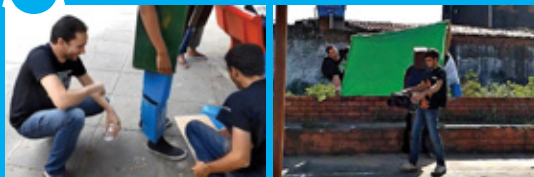
1



2



3



4



“NINGUÉM NUNCA TINHA ME CHAMADO PARA FAZER ALGO ASSIM, ME SENTI MUITO VALORIZADO.” RICARDO DOUGLAS



PARCERIA PARA FILMAR NOSSA VERSÃO DE HARRY POTTER

“Eu acho importante esse tipo de trabalho, tanto sai ganhando a escola quanto nós comerciantes que temos nossos produtos divulgados.” Luciene, dona de loja.

Decidido que a história escolhida seria sobre *Harry Potter*, a etapa seguinte foi a escolha do figurino. Neste momento, surgiu nosso primeiro obstáculo: como conseguir roupas semelhantes ao figurino de Harry Potter? Eu não podia pedir aos alunos que confeccionassem essas roupas, pois sabia que suas condições financeiras eram escassas – a maioria deles vem de famílias de trabalhadores rurais. A solução foi firmar parceria com as lojas de roupas da cidade. As lojas emprestariam as roupas para a filmagem e, em contrapartida, divulgaríamos o nome do estabelecimento. De imediato, elas toparam e, com essa estratégia, conseguimos todo o figurino e adereços que ajudaram a contar a nossa versão de Harry Potter.

Para a gravação, utilizamos a área externa das salas de aula. Tudo foi aproveitado como cenário: corredores, pátio, laterais das salas e áreas abertas. As filmagens e a edição foram feitas inteiramente pelos alunos que tinham mais habilidade com essas ferramentas. Foi a forma que encontrei para dar vazão às suas múltiplas inteligências e habilidades.

Todo esse processo levou em torno de um mês, mas para os alunos parecia uma eternidade! Quando ficou pronto, disponibilizamos no Youtube para todos assistirem e darem os seus likes. O curta dos alunos fez tanto sucesso que foi postado na página oficial de Harry Potter no Brasil e, em menos de uma semana, obteve mais de 20 mil visualizações.



DAS CRÍTICAS AO SUCESSO DE BILHETERIA

“A escola é reflexo da sociedade onde ela está inserida. É preciso preparar os estudantes para lidar com essas situações fora dos muros da escola.”

Os alunos tiveram de lidar com a outra face do sucesso: as críticas preconceituosas. Ler comentários maldosos sobre o nosso sotaque foi como um balde de água fria. Como lidar com isso? Como reverter essa situação?

A metodologia que utilizei para tratar desse tema tão delicado foi discuti-lo abertamente nas aulas. No começo, os alunos queriam responder as postagens com palavras agressivas, porém, consegui convencê-los de que não se combate com ofensas; o que faltava àquelas pessoas era justamente »



» a educação. O preconceito se forma por causa da intolerância, sendo assim, não podíamos agir da mesma forma. Isso rendeu ótimos debates, que se estenderam para assuntos correlatos como *bullying* e xenofobia.

A Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco ficou sabendo da grande repercussão do nosso curta nas redes sociais e mandou uma equipe de reportagem até a escola para conversar com os alunos. Esse era o ingrediente que faltava para reanimar e manter os alunos focados no projeto. A matéria ficou linda e estampava a página principal do *site* oficial da Secretaria de Educação. Os alunos compartilharam com todos os seus contatos das redes sociais.

Com os ânimos renovados, analisamos tudo que tínhamos planejado e executado. Essa parada foi fundamental para percebermos que os comentários maldosos vinham de uma minoria e que grande parte das mensagens parabenizava pelo nosso belíssimo trabalho.

Era hora de partir para o próximo projeto. Decidimos filmar o segundo roteiro mais votado pelos alunos: *Minecraft*. Agora, cabia a nós dar vida aos personagens do jogo que é sucesso entre a garotada do mundo todo. O curta foi intitulado *Minecraft Apocalypse*. Nele, dois alunos interpretam sobreviventes de um apocalipse zumbi, que tentam escapar de um colégio abandonado, infestado de monstros, para chegarem até Recife. O enredo reforça o que o MEC preconiza para o Ensino Médio: a valorização da identidade, cidadania e a promoção das culturas locais. As pessoas gostaram tanto que recebemos diversas mensagens perguntando como foi feito. Postamos também o *making of* do processo.



ROTEIRO ADAPTADO PARA INCLUIR TODOS

“Todos, sem exceção, têm direito à Educação pública de qualidade. Está lá na Constituição.”

Era a primeira vez que nossa escola recebia um aluno com deficiência auditiva severa. Tivemos de nos adaptar para acolhê-lo da melhor forma possível e, de cara, me encantei com Ricardo Douglas. Sempre assíduo e participante dos eventos da escola. Pedi a sua intérprete que perguntasse se ele teria interesse em participar do curta. Ele ficou superentusiasmado!

Toda a escola queria fazer parte dos curtas. Devido à procura, fizemos testes de seleção de atores para o próximo filme. Mais de 50 alunos participaram das audições. Para envolver a comunidade na escola, a seleção ficou por conta de uma dupla de atores da nossa cidade.



ENTRE DOIS LADOS: IMPROVISO E CRIATIVIDADE

“Se eu for esperar os melhores materiais para dar as melhores aulas, esse dia nunca chegará.”

Ao perceber que os alunos estavam prontos para um novo desafio, incentivei-os a escreverem e criarem um curta total-

mente autoral. Para isso, espalhei pelas paredes da escola um edital com as seguintes exigências:

[1ª] **CATEGORIA** Suspense.

[2ª] **CENÁRIO** A história tem de se passar em nossa escola.

[3ª] **ENREDO** Abordar um problema que aflija a juventude.

Para minha surpresa, houve mais de 40 inscritos, cada um com uma história mais interessante que a outra. O conto escolhido foi *Entre dois lados*, do aluno Fernando do 3º ano (EM). Trata-se de uma história cheia de aventuras e mistérios sobre cinco estudantes que provocaram um acidente por dirigirem embriagados. Por conta disso, eventos misteriosos começam a acontecer com cada um dos envolvidos. Por mais que o texto fosse fictício, não deixou de abordar uma prática bem real e, infelizmente, muito comum entre os jovens de nossa cidade: direção e consumo precoce de álcool. Sem dinheiro e sem materiais básicos de gravação, o jeito foi improvisar muito para filmar.



OS ALUNOS MOSTRAM SUAS HABILIDADES

“Se todo professor desse a oportunidade aos seus alunos de mostrarem suas habilidades pessoais, tenho certeza de que eles participariam e aprenderiam muito mais nas aulas.”

Nesta etapa do projeto, os alunos mostraram suas habilidades em diferentes áreas artísticas. Criação de cartazes, confecção de convites, chegando ao desenvolvimento de um protótipo de jogo mobile para celular baseado na história do curta.

Dias antes da estreia do curta, tivemos a ideia de gravar um depoimento real de alguma vítima da mistura do álcool e direção para que servisse de alerta para todos. Fiz uma sondagem na cidade e encontramos um rapaz chamado Meyckson que aceitou contar sua história.

Na mesma tarde, gravamos alguns dados referentes ao número de acidentes com jovens em idade escolar no Estado de Pernambuco.



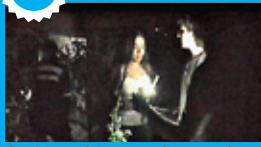
TRANSFORMANDO A PRAÇA DA CIDADE EM UM GRANDE CINEMA

“Ouço muitos colegas de profissão dizerem que os pais não vão à escola. Por que a escola não vai até os pais?”

Chega o grande dia! Com algumas cadeiras da escola, transformamos a praça da cidade em um grande cinema a céu aberto. Em uma tarde deixamos tudo prontíssimo: cadeiras, telão, som, um lindo tapete vermelho e a pipoca, é claro! Às 19h30, a praça estava lotada. Às 20h, começamos a exibição dos três curtas. As pessoas pareciam não acreditar que seus filhos estavam no telão. Para muitos, aquela era a primeira vez que tinham contato com a sétima arte.



5



Iluminação feita com a lanterna dos celulares (não tínhamos material).



Para a cena do acidente, fomos ao ferro velho e conseguimos uma porta.

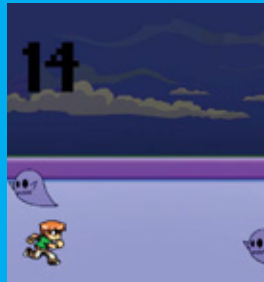


Improvizamos a cena com a porta em uma piscina na casa de aluno.



Câmera envelopada em saco plástico para filmar debaixo d'água.

6



Cartaz (à esquerda) e jogo para celular desenvolvido pelos alunos e disponibilizado para download gratuito.

7



CONSCIENTIZAÇÃO NAS ESCOLAS E RECONHECIMENTO DENTRO E FORA DO BRASIL

“A escola deve trabalhar conteúdos que, de alguma forma, impacte a vida de sua comunidade.”

Por sugestão dos próprios alunos, começamos a dar palestras para os estudantes dos 9^{os} anos de todas as escolas públicas e privadas do nosso município, conscientizando sobre os riscos de misturar álcool e direção, cumprindo o verdadeiro papel da escola: promover a mudança social que impacte diretamente na vida das pessoas.

O projeto nos deu outras conquistas e espaços muito importantes, como o Enade 2017 (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), que utilizou nosso projeto para elaborar uma questão, e o Prêmio Professores do Brasil 2017, em que fomos um dos vencedores. Em 2019, fomos escolhidos como um dos 50 melhores projetos pedagógicos do mundo pelo Global Teacher Prize.

Como desdobramento, já está em curso uma exposição fotográfica de alunos que são sócias dos astros do cinema, valorizando ainda mais a sétima arte. Estamos organizando o lançamento de um livro com mais de 20 contos, incluindo as histórias que geraram os curtas, além de uma proposta mais ousada: gravar nosso primeiro longa-metragem.

Alguém tem dúvida de que eles conseguirão?

JAYSE FERREIRA

é professor com formação em Educação Artística e pós-graduação em Psicopedagogia. Atua há mais de 12 anos com experiências no Ensino Fundamental 2, no Ensino Médio e na EJA. Dedicou-se à aplicação mais dinâmica das diversas linguagens artísticas, em especial a Fotografia e o Cinema. Foi vencedor de duas edições do Prêmio Professores do Brasil (2014 e 2017), realizado pelo MEC. Também consta em seu currículo os prêmios da Revista Select, Prêmio do Detran (PE) e três vezes finalista no Arte na Escola. Atualmente, dá aulas nas cidades de Itambé (PE) e Pedras de Fogo (PB). Em 2019, foi escolhido como um dos 50 melhores professores do mundo pelo Global Teacher Prize, considerado o Nobel da Educação.

PARA SABER MAIS

- Jayse Ferreira: www.jayseferreira.com.br
- Harry Potter: O recomeço: mod.lk/ed19_hp
- Minecraft Apolipse: mod.lk/ed19_min
- Entre dois lados: mod.lk/ed19_ent
- Portal Secretaria de Educação e Esportes (PE). *Estudantes da Rede filmam versão de Harry Potter que vira sucesso na internet.* Disponível em: mod.lk/NmwVN. Acesso em: 10 jul. 2020.

Transmídia: como conectar a informação em um mundo fragmentado?

Muito além dos conhecimentos formais, a narrativa transmídia é um método efetivo e divertido de incentivar conexões e desenvolver habilidades como a criticidade, a criatividade e a cidadania.

TEXTO *Bárbara Falcão* ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*

ATIVIDADES TRANSMÍDIAS, por seu caráter autoral, também levam os estudantes a refletir a respeito de si mesmos como seres humanos, cidadãos e participantes críticos de uma sociedade em constante transformação, que exige cada vez mais profissionais dinâmicos, flexíveis e participativos.

Você já ouviu falar sobre narrativa transmídia? Essa concepção surgiu na Publicidade e no Marketing, mas hoje vem sendo experimentada de forma inovadora na Educação. Vamos discutir aqui sobre o que é transmídia, e qual é a diferença entre uma história “normal” e uma história transmídia. Falaremos também sobre o porquê de usar o termo transmídia e não multimídia. E,

finalmente, por que esse recurso é tão pertinente para ser usado na Educação.

A narrativa transmídia é uma história completa – com começo, meio e fim – contada por meio de várias mídias diferentes. Uma parte da história pode estar em um filme; outra, em um livro; outra, em um *site*; e uma outra parte pode, ainda, estar em um jogo digital, por exemplo. É importante notar que não se trata de uma história que aparece em várias mídias, como uma adaptação de um livro para um filme, em que as duas narrativas são idênticas ou apresentam poucas modificações. »

» Em uma história transmídia, cada mídia conta uma parte diferente da história ou mesmo um desdobramento da história principal, isto é, uma mídia completa a informação presente na outra. É como se aquela história que você viu no filme continuasse no livro, depois tivesse seu final apresentado em uma história em quadrinhos.

A professora Marsha Kinder foi uma das primeiras pessoas a usar o termo transmídia, e seu relato explica bem esse conceito. Ela começou a perceber que sua filha, pela manhã, via o desenho das Tartarugas Ninja na televisão; à tarde, brincava com seus brinquedos das Tartarugas Ninja, criando ela mesma suas histórias; e à noite, assistia a um filme sobre as tartarugas mutantes, que contava uma história diferente daquela do desenho. A pesquisadora percebeu que a filha ampliava a experiência com as tartarugas mutantes por meio de muitas mídias, que contavam histórias diferentes sobre as personagens, o que ela chamou de um grande sistema de entretenimento, que é ampliado conforme a vontade e o interesse do usuário/consumidor da narrativa.

Essa ideia foi usada em várias produções famosas. O filme *Matrix*, por exemplo, usou a narrativa transmídia. Além da conhecida trilogia cinematográfica, as animações chamadas *Ani-matrix* apresentavam o começo da história, anterior ao que era contado nos filmes. Nas animações também estavam presentes códigos que abriam fases no jogo digital. Cada parte do universo ficcional criado pelas irmãs Wachowski está disperso em mídias diferentes e, para ter uma experiência completa, o espectador/jogador deve transitar por esses diferentes canais.

Outro exemplo relevante do uso da transmídia no cinema ocorreu no lançamento do filme *Batman, o Cavaleiro das Trevas*, nos Estados Unidos. Durante a semana do lançamento, diversos fãs recebiam um telefonema do Comissário Gordon convidando-os a ajudar o Batman. É divertido imaginar o personagem de um filme falando com você ao telefone, extrapolando a história pre-

sente no filme e promovendo a participação dos fãs.

Essa participação do fã é outro aspecto notável da narrativa transmídia, porque o fã pode fazer parte de suas histórias preferidas por meio das *fanfics*. O termo em inglês para “ficção de fã” abrange as produções textuais que esses fãs de franquias famosas produzem, nas quais, muitas vezes, eles mesmos estão presentes nas histórias como personagens. Essas histórias, criadas e publicadas por fãs, partem do universo original da obra para criar histórias autorais. Os jovens produzem textos criativos, publicam e compartilham seus textos na internet, criando comunidades de leitores e extrapolando o enredo da obra original por meio da transmídia. É fácil achar *sites* dedicados exclusivamente a *fanfics* sobre a saga do bruxo Harry Potter, por exemplo, em que os usuários postam suas produções e comentam as produções dos outros.

A NARRATIVA TRANSMÍDIA E A ESCOLA

Essa produção de textos autorais, algo tão esperado nas aulas de Língua Portuguesa, acontece naturalmente por meio da transmídia na internet, então, nada melhor do que usar essas atividades que os alunos já realizam fora da escola para promover a aprendizagem dentro da sala de aula também.

Os mais jovens estão muito envolvidos nessa dinâmica de produção e consumo de conteúdos. Segundo um estudo sobre o que os pesquisadores chamaram de habilidades transmídia, realizado com adolescentes de vários países, esses jovens que usam as mídias digitais estão fazendo muito mais do que assistir a vídeos no Youtube ou divertir-se com jogos on-line. Os adolescentes estão criando e editando produções audiovisuais, sonoras, programas de computador e jogos digitais e, com isso, aprendendo a dominar as ferramentas para a produção desses conteúdos.

Esses jovens estão desenvolvendo habilidades para além do espaço escolar, e cabe à escola se apropriar dessa cultura que eles já estão produzindo para, desse modo, contribuir para uma formação mais completa, exigida pelo mundo contemporâneo com suas tecnologias digitais cada vez mais presentes em todas as áreas de nossas vidas. A transmídia serve muito bem para que a participação da escola possa ser mais efetiva nessa formação.

Muitas atividades podem ser propostas com o uso da transmídia para incentivar maior participação e comprometimento dos alunos, já que eles serão os criadores e produtores. Dessa maneira, promove-se uma mudança no papel do aluno, nor-



ELA COMEÇOU A PERCEBER QUE SUA FILHA, PELA MANHÃ, VIA O DESENHO DAS TARTARUGAS NINJA NA TELEVISÃO; À TARDE, BRINGAVA COM SEUS BRINQUEDOS DAS TARTARUGAS NINJA, CRIANDO ELA MESMA SUAS HISTÓRIAS; E À NOITE, ASSISTIA A UM FILME SOBRE AS TARTARUGAS MUTANTES, QUE CONTAVA UMA HISTÓRIA DIFERENTE DAQUELA DO DESENHO. A PESQUISADORA PERCEBEU QUE A FILHA AMPLIAVA A EXPERIÊNCIA COM AS TARTARUGAS CONFORME AUMENTAVA O INTERESSE PELA NARRATIVA.

malmente estabelecido em sala de aula como passivo, que fica sentado, escutando e absorvendo o que o professor traz. A transmídia propõe que o estudante seja ativo, que produza conteúdos e, assim, desenvolva habilidades.

Essas habilidades, que podemos entender como um “saber fazer”, vão muito além de dominar o uso de ferramentas como programas ou aplicativos. São habilidades de análise, de interpretação, de exercício da ética, de gerenciamento de emoções, de autocontrole e de construção de identidade, entre outras, segundo a pesquisa comentada anteriormente.

O estudante deve saber como fazer a pesquisa e definir quais conteúdos são confiáveis e adequados,

pensar em questões éticas a respeito da publicação e do compartilhamento de produções, entender como seus textos – que podem ser verbais, visuais, audiovisuais, sonoros – inserem-se na sociedade e refletir sobre seu papel no mundo, ao criar histórias sobre temas que tenham relação com sua realidade.

Já podemos perceber que são muitas as vantagens do uso da transmídia na Educação em várias disciplinas. O professor de História, por exemplo, pode sugerir a produção de uma *fanfic* sobre algum fato histórico, incentivando a exploração de outros pontos de vista para que se faça uma reflexão crítica. Por exemplo: “Se os portugueses não tivessem conseguido colonizar o Brasil, como seria?”.

Ou, ainda, propor pesquisas sobre como viviam os primeiros indígenas, e quais influências adquirimos dos portugueses em nosso cotidiano, estimulando, por meio de uma estratégia transmídia, que os estudantes pesquisem, reflitam e produzam conteúdo sobre um tema da história do Brasil.

O professor de Biologia pode pedir aos alunos que produzam um jogo digital sobre algum processo biológico ou mesmo propor a criação de uma narrativa sobre determinado tema, como uma história em que uma bactéria seja personagem, deixando a aula mais dinâmica e divertida para a turma ao promover aprendizagens que vão além do currículo da disciplina.

Essa interdisciplinaridade proporcionada pela

narrativa transmídia, como a junção de várias disciplinas em uma mesma atividade, também é muito enriquecedora. Muitas das atividades propostas podem ser aplicadas por professores de diferentes componentes curriculares, pois abrangem habilidades e informações de diferentes áreas do conhecimento, cabendo ao professor o papel de mediador e facilitador, e não mais de detentor absoluto do conhecimento, e ofertando mais autonomia ao estudante.

A narrativa transmídia – e sua capacidade de integrar diversas mídias dentro de uma história maior – tem grande potencial de contribuir com a aprendizagem dos alunos, na medida em que valoriza os conhecimentos que eles já possuem, promovendo a criatividade e a participação desses estudantes na construção de saberes e reflexões críticas. O uso de atividades transmídia contribui, também, para o desenvolvimento do aluno como cidadão integrado à nova cultura digital.

Por meio da transmídia, a aula pode ficar mais divertida, produtiva e dinâmica, fazendo com que tanto professores quanto alunos conheçam mais sobre cultura digital e as novas tecnologias, sem deixar de valorizar as mídias tradicionais – como as mídias impressas –, uma vez que a intenção é promover a integração entre elas.

As atividades transmídias, por seu caráter autoral, também levam os estudantes a refletir a respeito de si mesmos como seres humanos, cidadãos e participantes críticos de uma sociedade em constante transformação, que exige cada vez mais profissionais dinâmicos, flexíveis e participativos. □

BÁRBARA FALCÃO

é graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e cursa o mestrado profissional para professores de Português também na USP. É especialista em Mídias Digitais e Design Instrucional e autora e professora de Língua Portuguesa e Espanhola. Já participou da produção de materiais didáticos em diversos movimentos sociais, instituições públicas e privadas.



**Da Educação Infantil
ao Ensino Médio**

UNO é a criatividade transformando a educação.

Fazemos mais que preparar alunos para ingressar nas melhores universidades do país. Nosso propósito é desenvolver o **pensamento crítico**, a **autonomia** e a **maturidade emocional**.

Formamos **alunos criativos**, protagonistas no vestibular e também nas **próprias escolhas**.



Recursos de aprendizagem

- Curriculares
- Projetos Atitudinais
- Programas (lógica de programação, socioemocional e estratégias de pensamento)



Ambientes inovadores

- **Novidades e melhorias** na plataforma de conteúdo
- Espaço Maker
- Laboratório Media Lab
- Sala de aula multimídia

Acesse e saiba mais:



/unoeducacao



@unoeducacao

contato@unoi.com
0800 772 8866



FAÇA DA SUA ESCOLA UM TERRITÓRIO DA LEITURA

Território da leitura

ALUNOS engajados, cidadãos que constroem e contam sua própria história.

ESCOLAS de resultados + gestores comprometidos com a formação + professores que ensinam e aprendem.

FAMÍLIAS que colaboram com o trabalho em sala de aula.

COMUNIDADE que cultiva valores e respira cultura.

UM PROJETO FOCADO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Recursos que incentivam a construção do repertório literário e cultural do aluno.



MATERIAIS PARA ALUNOS E PROFESSORES

EMBALAGEM ESPECIAL PARA OS ALUNOS



Diário literário da família para registrar as experiências e engajar a família.



Diário do contador de histórias para registro autônomo das produções e experiências de leitura.



Aplicativo Contadores de histórias para incentivar a criatividade.

AUTORES PREMIADOS, NACIONAIS E INTERNACIONAIS

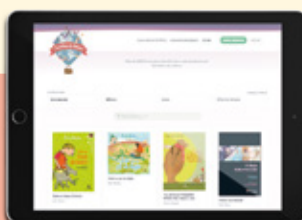


4 obras literárias à escolha da escola entre mais de 200 títulos disponíveis.

MATERIAIS EXCLUSIVOS PARA O PROFESSOR



Ferramentas pedagógicas para intermediar a **dinâmica de leitura**.



Site com acesso exclusivo para uma série de vídeos com contações de histórias e formações pedagógicas.



Arquivos prontos para imprimir – materiais de ambientação e para organizar um sarau.



Conheça mais em territoriodaleitura.moderna.com.br

A catedral das palavras

Como a leitura pode se tornar
uma construtora do imaginário.

TEXTO *Ilan Brenman* ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*

QUANDO fui convidado a escrever este artigo, eu me lembrei de uma história de que gosto muito:

Um buscador da verdade perambulava pela região da Umbria, Itália, quando começou a ouvir um grande barulho vindo de uma pequena cidade que ele avistara ao longe. Ao adentrar no pequeno burgo, descobriu que se chamava Orvieto. No centro de Orvieto, o buscador da verdade ficou perplexo com o esplendor da catedral que estava sendo construída; quando estivesse pronta todos a conheceriam como a catedral de Santa Maria Assunta, uma das mais lindas do mundo! O barulho que ele ouvira ao longe era dos quebradores de pedras, que trabalhavam sem parar para fornecer matéria-prima aos construtores e artistas daquela majestosa construção.

O homem que buscava a verdade começou a rodear a catedral e na parte de trás viu um quebrador de pedras de aspecto taciturno, se aproximou e perguntou: »

» – Meu bom homem, como é seu trabalho?

O quebrador de pedras olhou de soslaio para o buscador da verdade e quase bufando respondeu:

– É um dos piores trabalhos do mundo! Trabalho como um burro de carga! É uma vida desgraçada! Agora vá embora e me deixe trabalhar!

O buscador da verdade ficou mexido com aquelas palavras, mas continuou a caminhar, e numa das laterais da catedral, viu outro quebrador de pedras e fez a mesma pergunta e a resposta veio num tom um pouco mais ameno:

– Não é um trabalho fácil, precisa de força e energia, mas com ele consigo alimentar a minha família dignamente, e posso lhe garantir que é melhor quebrar pedras do que sofrer arando a terra e rezar para que o clima e as pestes não destruam tudo.

O buscador da verdade ouviu atentamente o segundo quebrador de pedras, se despediu e continuou circulando a catedral. Agora ele estava bem perto da fachada, e que fachada! Por lá também havia quebradores de pedras, ele se aproximou de um que parecia fazer o seu ofício com muita dedicação, o homem batia nas pedras, respirava, olhava para a fachada e continuava com mais ânimo.

– Meu bom homem, como é o seu trabalho?

O terceiro quebrador de pedras, respondeu:

– Eu estou construindo uma catedral! – Agora, por favor, me dê licença que preciso continuar!

O buscador da verdade ficaria por muitos anos refletindo sobre o que aqueles três quebradores de pedras falaram para ele. Quem um dia tiver oportunidade de conhecer Orvieta e a catedral não deixem de fazê-lo!

Podemos nos inspirar nesse antigo conto para pensar como estamos apresentando a leitura e os livros aos nossos alunos. A leitura apresentada somente como trabalho, esforço, desvinculada das infinitas possibilidades do imaginário é apenas um fardo na vida das crianças que carregam as palavras como enormes pedras, não percebendo sua função. Eu conheço, infelizmente, casos assim, de alunos que odeiam a leitura pelo simples fato de não enxergarem a catedral deslumbrante que podemos erguer com ela.

Há casos em que os alunos, assim com o segundo construtor, percebem que se entregarem o que o professor quer já está bom, é o famoso “nota só para passar”, eles entendem o jogo combinatório das palavras, mas ficam no seu uso limitado, apenas para alimentar o diário de avaliação.

Finalmente, temos os alunos que têm o privilégio de compreender e sentir o que as palavras são capazes de provocar e, com isso, mergulham na catedral de palavras e, combinando-as, vão construindo mundos sem fim.

O bom de ser criança ou jovem é que o destino do leitor não está selado ou escrito a tinta de ouro numa superfície metálica, impossível de ser apagada. No mundo das letras, os cegos podem voltar a ver e, a partir dessa visão, raramente ocorrem recaídas, não podemos mais grudar a maçã do conhecimento no galho novamente, nem uma supercola adianta. Um leitor literário competente não pode mais voltar para trás; ele pode ficar enferrujado, mas é como andar de bicicleta, se ficamos anos sem praticar e voltamos de repente, precisamos de pouco tempo para nos adaptar e biciletar como antigamente. Com a leitura literária, é a mesma coisa. Se a base foi bem construída, o retorno, em caso de falta de prática, é bem mais fácil.

Mas estamos falando aqui de alunos, livros, leituras, maçãs, catedrais. Em que momento o professor entra nisso tudo? Ele é o principal agente de todo esse processo, é o arquiteto, o maestro que precisa mostrar o que podemos construir com as palavras, qual a função delas em nossa sociedade e em nossas vidas.

Um mundo sem palavras é um mundo caótico. Na selva, um leão não pede um bife acebolado para o garçom, nem faz bicos para descolar uma graninha; menos ainda chama a empresa de delivery da hiena para entregar uma coxa de antílope ao molho de gnu. O leão, que não usa palavras, ruge e ataca suas presas – essas, coitadas, por também não terem palavras, não podem ligar para o 190 e pedir ajudar. O mundo das palavras é o responsável pelo que somos e pelo que fizemos até agora conosco e com o lugar que habitamos: coisas surpreendentes e outras nem tanto.

O professor precisa mostrar para os seus alunos o valor das palavras e as suas potências. Foram as palavras que nos levaram à Lua e ao fundo do mar. Foram elas que nos levaram a descobrir o invisível como as bactérias e a apreciar o visível como um pôr do sol. Mais do que isso, transmitiram esses conhecimentos geração após geração. A pergunta que surge é: como o professor pode começar a construir essa ponte com o aluno para que ele possa cruzá-la

“SE VOCÊ QUER
QUE ALGUÉM FAÇA
O QUE VOCÊ DIZ,
VOCÊ TAMBÉM
TEM DE FAZÊ-LO.”

MAHATMA GANDHI



em segurança? Podemos acenar do outro lado da ponte e esperar que a turma venha sozinha, podemos caminhar em sua direção e propor que venham conosco até o outro lado. Tudo isso é válido, mas acredito que, antes de se falar em pontes e caminhadas, a primeira coisa a se fazer é transformar-se em leitor. O professor deve ele mesmo ser um leitor, um modelo a ser seguido e admirado.

Isso me fez lembrar de outra história:

Mahatma Gandhi é um personagem histórico dos mais conhecidos no mundo, sendo um dos responsáveis pela independência da Índia nos anos 1940. Muitos relatos foram circulando sobre sua sabedoria e simplicidade. Em um desses relatos, conta-se que uma mãe desesperada pediu para falar com Gandhi, e ele a atendeu:

– Sim, em que posso ajudá-la, minha senhora?

A mãe estava com um filho ao seu lado, um menino de sete anos, e apertava a mão do menino com força, bem irritada:

– Gandhi, por favor, diga ao meu filho para parar de comer açúcar. Os dentes dele estão todos cariados e ele também fica o tempo todo no banheiro. Eu tenho certeza de que ele irá escutá-lo.

Gandhi olhou para ambos, fez uma cara séria e disse:

– Por favor, volte daqui três semanas com o seu filho.

Ela agradeceu e foi embora. Depois de três semanas, lá estavam eles novamente com Gandhi:

– Venha cá, meu menino – disse o líder indiano.

O menino se aproximou e parecia hipnotizado pelo olhar daquele pequeno grande homem.

– Por favor, meu menino, pare de comer tanto açúcar.

– Sim, vou parar.

A fala do menino parecia ter saído do fundo do seu coração. Ele realmente pararia de comer tanto açúcar.

A mãe, espantada e agradecida, disse:

– Obrigada, mas não entendi por que o senhor não falou isso para o meu filho há três semanas e me fez voltar somente agora.

Gandhi abriu um singelo sorriso e respondeu:

– Há três semanas, quando vocês vieram pela primeira vez, eu também estava comendo muito açúcar. Passei esse tempo sem comer um grão doce sequer. Se você quer que alguém faça o que você diz, você também tem de fazê-lo.

A mãe e o filho concordaram com a cabeça e se despediram daquele que tinha acabado de ensinar-lhes uma grande lição.

É isso. Se queremos que nossos alunos sejam leitores, que saibam a alegria que o encontro com a

literatura pode proporcionar, nós temos de ter essa experiência e praticá-la. Assim, quando acenarmos para eles da ponte, eles verão em nossos olhos que sabemos do que estamos falando, que os livros fizeram e fazem um bem danado para nossas almas e corações.

Quando o amor que os professores sentem pelos livros transbordar para os seus alunos, outro fator de extrema importância despertará: a imaginação. Sem imaginação não há aprendizagem, sem imaginação não há futuro! A imaginação foi a base de quase todas as descobertas e criações mais importantes da história humana, de Da Vinci a Einstein; de Beethoven a Cartola; de Santos Dummont a Steve Jobs; todos têm em comum a grande capacidade de imaginar.

COMO PODEMOS ENCONTRAR E FOMENTAR O IMAGINAR?

Não existe melhor lugar do mundo do que nos livros! Perdi a conta de vezes que li sobre grandes personalidades das mais diversas áreas da nossa sociedade – artistas, filósofos, cientistas etc. – que contam como os livros e as histórias ouvidas nas suas infâncias e juventude foram cruciais para sua formação e protagonismo nas suas áreas de atuação.

Certa vez, Bill Gates, na época o homem mais rico do mundo, concedeu uma entrevista a um jornal estadunidense e a repórter fez a seguinte pergunta:

– Quem o fez ser o homem mais rico do mundo.

– A minha avó!

A repórter deve ter feito uma cara de surpresa e indagou:

– Por que a sua avó?

– Porque a minha avó me contava histórias, me fazia sonhar, imaginar mundos que ainda não existiam.

Quero encerrar o texto falando sobre outro personagem marcante do século XX: o filósofo francês Jean-Paul Sartre. No livro *As palavras*, Sartre narra como na sua infância a leitura, a literatura e a imaginação foram fundamentais para torná-lo uma das figuras públicas mais reconhecidas da sua época. Vamos adentrar a sua catedral de palavras:

“[...] Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo colhido num espelho; tinha a sua espessura infinita, a sua variedade e a sua imprevisibilidade [...]”

Simple assim. □

ILAN BRENNAN

é mestre e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É um dos principais escritores de literatura infantil do Brasil, com mais de 60 publicações e mais de 25 menções a prêmios relevantes da literatura (FNLIJ, White Ravens etc.). Atualmente, é autor exclusivo da editora Moderna:

www.moderna.com.br/autoresexclusivos/ilan-brennan

Ilan BRENMAN



UM ESCRITOR DO MUNDO

Ilan Brenman é um desbravador de histórias. Agora, como autor exclusivo da Moderna, sua biblioteca está ainda mais versátil: novas versões de seus clássicos e novas aventuras com a nossa qualidade editorial, prontas para encantar leitores, famílias e escolas.



Explore a biblioteca completa do autor:
www.bibliotecailanbrenman.com.br

+20

obras relançadas pela
Moderna em 2020

Traduzido em

+12

países

+3Mi

de exemplares
vendidos

3 

Prêmios
FNLIJ



MODERNA



www.moderna.com.br



[/editoramoderna](https://www.facebook.com/editoramoderna)



[@editoramoderna](https://www.instagram.com/editoramoderna)



[/EdModerna](https://www.youtube.com/EdModerna)



Da reação ao amadurecimento:

EDUCAÇÃO ON-LINE DE LONGO PRAZO

Seja estratégico e intencional na transição do ensino remoto emergencial para o ensino on-line de qualidade e com potencial duradouro na aprendizagem.

TEXTO Carla Arena, Giselle Santos e Samara Brito

O MUNDO entrou em modo emergencial, sem aviso, e para a maior parte da comunidade educacional sem tempo para preparação. De repente, o ensino on-line e a relevância das tecnologias educacionais para o aprendizado tornaram-se visivelmente imprescindíveis e inadiáveis. Algo antes visto como um investimento futuro passou a ser urgente e estratégico. Escolas, professores e famílias tiveram de se adaptar à nova realidade totalmente digital, cada um buscando equacionar a dinâmica do modo on-line de ensinar, sem muito domínio ou conhecimento básico das plataformas, das ferramentas digitais, dos aplicativos, e muito menos considerando um desenho instrucional que fizesse sentido. O momento inicial da pandemia foi de correria, em que todos fizeram o que dava e como achavam que era o melhor a fazer. Nesse momento, aqui chamado de ciclo de reação à crise, em que foram impulsionadas por seu caráter emergencial, com a tomada de decisão »





» em reação à circunstância da crise e fechamento das escolas. O *modus operandi* nesse ciclo reativo foi de respostas imediatas a riscos e a impactos para a comunidade educacional. Equipes pedagógicas e gestão acadêmica se mobilizaram para enfrentar a crise, usando recursos tecnológicos e humanos que podiam para mitigar a situação emergencial. Houve apenas uma mudança temporária do modo de instrução presencial para o on-line, com pouco tempo para o planejamento das práticas pedagógicas com um corpo docente que, muitas vezes, não estava preparado para a transição. O ensino no modo emergencial e reativo teve como propósito manter o acesso à educação e a conexão escolas-famílias. A mentalidade foi “disponibilize on-line do jeito que é possível”.

Em um segundo momento, iniciou-se um período de reorganização dos processos, das dinâmicas com os alunos e as famílias e com todo o corpo docente e administrativo escolar. Depois do choque inicial e das medidas emergenciais para responder à crise, as escolas entraram em uma outra etapa, aqui chamada de ciclo da reconfiguração, em que novos processos educacionais e novos modelos de gestão escolar se tornaram mais ágeis, uma comunicação mais objetiva e focada na comunidade começa a se estabelecer. Aqui, a escola e os professores já experimentaram diversos formatos e métodos no meio on-line e já entenderam o que funcionava ou não nos seus contextos. Ainda há incertezas, tentativas, ajustes, erros e acertos. A ansiedade e os desafios tanto para os pais, quanto para os alunos, professores e gestores ainda existem, mas tudo começa a se normalizar e ganhar novo ritmo.

No entanto, queremos focar aqui na terceira onda: o ciclo da renovação, em que as instituições educacionais começam a vislumbrar e a entender mais sobre o “próximo normal”, impulsionado pela pandemia da covid-19 e que precisa ser visto de forma sistêmica e estratégica. Há anos o tema transformação digital e a relevância do letramento digital de professores e alunos estão em pauta, mas, para a grande maioria, eram vistos apenas como tangencial ao aprendizado e não com um papel premente de desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para o mundo em que vivemos. A maioria dos programas de formação de professores para o desenvolvimento das competências digitais era composto de palestras sobre o tema ou capacitações práticas de algumas poucas horas durante a semana pedagógica das instituições educa-



cionais. O fechamento das escolas reorganizou as prioridades e, nesse novo ciclo de realinhamentos, o ensino on-line certamente terá lugar de destaque nas decisões estratégicas das instituições.

Apesar de estar surgindo esse “próximo normal” em que pensamos, analisamos e queremos implementar novas práticas pedagógicas que contemplem o digital como parte da rotina escolar e com impacto real no aprendizado, não podemos nos iludir. O discurso atual é de que nunca mais as coisas serão como eram. Na prática, não é bem assim. Tendemos, na maioria das vezes, a voltar à rotina e às formas de fazer que conhecemos. Esse “próximo normal” só irá se concretizar se houver estratégia, formação, colaboração para novas soluções e uma equipe alinhada para implementar as ações acordadas. Então, o que realmente devemos considerar se quisermos nos direcionar para este ciclo de reconfiguração e uma nova cultura organizacional que promovam o ensino on-line em suas diversas formas como oportunidades para o aprendizado conectado e aprofundado? Levantamos para você alguns dos principais pontos que acreditamos ser essenciais para reflexão e, principalmente, para a ação neste momento na forma de um pequeno manifesto.

1 SAIA DO MODO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL PARA O MODO ENSINO ON-LINE

Durante a crise, vimos uma avalanche de dúvidas e incertezas sobre como trabalhar um conteúdo preparado para uma aula presencial em ambientes virtuais. Era o que poderia ser feito no momento, mas, na verdade, ensino on-line exige planejamento,

tempo, investimento e uma equipe multidisciplinar, com a inclusão de designers instrucionais especialistas em meios digitais, para que se construa uma trilha de aprendizagem engajadora, dinâmica e desafiadora que promova a aprendizagem significativa. Para isso, não estamos falando de uma mera transposição de conteúdo do presencial para o on-line. Em um artigo da Educause sobre a diferença de ensino remoto emergencial e ensino on-line, os autores nos lembram de um resumo das pesquisas sobre a efetividade do ensino on-line, compilado no livro *Learning On-line: What Research Tells Us about Whether, When and How*, em que se identificam nove dimensões do ensino on-line a serem consideradas em termos de design e tomada de decisão: modalidade, ritmo, proporção aluno-facilitador, pedagogia, papel do facilitador on-line, sincronicidade da comunicação on-line, o papel das avaliações on-line e as formas de feedback. Tudo para mostrar que planejar para o ensino on-line de qualidade não é trivial; exige esforço, mobilização, estudo e tempo. No retorno às aulas presenciais, o repensar e redesenhar as experiências de aprendizagem começam pela mobilização da equipe, *feedback* das experiências dos professores e dos alunos e um olhar intencional para as formas de mixar on-line e presencial de modo que faça sentido dentro da proposta pedagógica da escola e considerando experiências ricas para os usuários e os limites das leis, que estão também sendo reconsideradas desde o início da pandemia.

2 SEJA INTENCIONAL NA SUA ESTRATÉGIA

Falando em intencionalidade, os ensinamentos on-line e híbrido em ambientes educacionais serão sustentáveis e avançados se fizerem parte de uma estratégia maior de transformação digital que considere os diversos *stakeholders*, encare o que foi iniciado no período da pandemia como uma oportunidade de mudança real por meio de investimentos e aprendizagem e desenvolvimento da equipe, investimento em infraestrutura digital e condições de trabalho para a equipe docente, e, acima de tudo, uma abertura genuína das lideranças educacionais para escutar, receber *feedback* e traçar um processo de tomada de decisão com visão de longo prazo e, ao mesmo tempo, com a agilidade necessária nos tempos atuais.

3 PEDAGOGIA EM PRIMEIRO LUGAR COM UM DESENHO INSTRUCIONAL PARA O MEIO DIGITAL

Já mencionamos a importância de uma equipe multidisciplinar pensando no desenho instrucional intencional para o ensino on-line. Essa etapa do processo é essencial porque determina as premissas pedagógicas que guiarão o programa curricular da escola e traz um alinhamento e convergência de como será a experiência digital. Desenvolve-se, então, uma visão educacional para a linha a seguir no processo de ensino-aprendizagem. Como será essa experiência on-line? Será mais direcionada ou o aluno terá uma atuação autônoma e autogerida com pontos específicos de avaliação e *feedback*? Será um programa com um viés mais construtivista com portfólios, por exemplo, em um sistema de avaliação formativa dentro de um modelo de pedagogia de projetos ou será um conteúdo mais prescritivo? Como ocorrerão as interações? Qual será o papel do professor? Como serão as avaliações? Quais plataformas e ferramentas digitais estarão disponíveis para os professores e alunos no processo?

Enfim, antes do processo de desenho instrucional para ambientes virtuais, é preciso realinhar expectativas, processos, premissas pedagógicas para que o trabalho em equipe se inicie de forma consistente e coerente com as diretrizes institucionais.

4 FOCHE NO PROTAGONISMO DOS ALUNOS

Talvez essa seja uma das tarefas mais desafiadoras para os alunos que estão acostumados a receber conteúdo em vez de criá-los, mas essa é uma oportunidade única para alinharmos as práticas pedagógicas além do currículo em vigor, focando no desenvolvimento de competências e habilidades para a vida. Como Tony Wagner, autor de vários livros de liderança e o papel das escolas, nos lembra em seu livro *The Global Achievement Gap*, as principais »

» competências de sobrevivência que os jovens do século XXI precisam desenvolver para se tornarem profissionais bem-sucedidos e cidadãos atuantes são raciocínio crítico e resolução de problemas, colaboração nas redes e liderança por influência, agilidade e adaptabilidade, iniciativa e empreendedorismo, comunicação oral e escrita eficientes, acesso e análise da informação, curiosidade e imaginação. É nesse sentido que falamos aqui em protagonismo.

Em uma postagem em seu *blog* do Proflab, a educadora Karla Vidal afirma que as plataformas digitais são o nosso menor problema. De fato, há várias opções no mercado. O nosso olhar tem de se voltar ao papel do professor, sobre como ele pode incentivar o protagonismo do aluno, a autonomia, a criatividade e uma atenção especial para os interesses e necessidades deles. Sim, sabemos da demanda curricular por um conteúdo que, muitas vezes, foge ao mundo em que os alunos vivem, e eles acabam sentindo a desconexão entre o que aprendem e o que têm interesse em aprender. No entanto, há caminhos.

É exatamente isso que Karla Vidal mostra em seu *post* ao contar a história de como as propostas pedagógicas do professor Allisson Santos com conteúdo dentro da proposta curricular da escola, mas com uma proposta de produção dos alunos para tornarem seu aprendizado visível, encorajou a criação da aluna Grazi Vasconcelos, de 13 anos. A aluna fez uma releitura da obra *Abaporu* (Tarsila do Amaral), incluindo vários elementos e referências, até mesmo de outros movimentos artísticos estudados. Não subestimemos nossos alunos. Eles precisam de estímulo à autonomia e à criatividade para encontrarem seu lugar de fala. Isso requer envolvimento constante e a identificação dos talentos, saberes e inclinações dos alunos. Ao criarmos ambientes seguros de aprendizagem, estamos estimulando a abertura a novos cenários, as fluências criativas e o pensamento crítico. E, para isso, precisamos encontrar formas dentro do desenho instrucional nas sequências pedagógicas on-line que trabalhem na personalização e diferenciação da aprendizagem, dando caminhos aos alunos, escolhas na forma como aprendem e apreendem o mundo que os cerca.

O digital nos oferece a oportunidade única de potencializar as experiências de aprendizagem que vão muito além da reprodução de conteúdo por meio da multimodalidade no ensino e na forma como o aluno tangibiliza o que aprendeu. Pode ser

em texto, áudio, vídeo ou um remix de mídias. E, claro, remixando essas práticas digitais com o que já fazemos bem no mundo analógico e off-line. Está aí a chance de colocar o aluno como protagonista de seu processo de aprendizagem.

5 INVISTA EM UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA

O período de pandemia nos mostra a fragilidade da formação docente para o ensino em ambientes digitais de aprendizagem. Cada vez mais sabemos sobre como aprendemos, embasados na aproximação da neurociência com a educação. Teorias de aprendizagem como o Conectivismo de George Siemens e Stephen Downes (Siemens & Downes, 2009) que têm debatido o potencial digital para a aprendizagem com seus nós das redes de conexão distribuídas on-line e modelos de integração de tecnologias nas práticas pedagógicas como o SAMR (substituição, aumento, modificação e redefinição) de Puentedura (2006) nos dão várias pistas de como repensar a pedagogia para ambientes digitais. Para que tudo faça sentido, os educadores devem vivenciar na prática o que significa estar, conhecer, aprender e produzir em ambientes digitais.

Para evoluir genuinamente em suas propostas digitais, as escolas terão de investir em programas de capacitação robustos, consistentes e de longo prazo para o letramento digital de sua equipe para que todos se sintam confortáveis e prontos para atuar em



meios on-line. O que a pandemia nos mostrou foi um despreparo das equipes docentes e gestores educacionais que acabaram por impactar na visão dos profissionais sobre a qualidade e eficiência do ensino on-line. Vale ressaltar que no ciclo de reação, o que foi feito não foi ensino on-line, e sim processos de remediação e paliativos de transposição do conteúdo presencial em um modo de contingência em resposta à crise sem que as equipes estivessem capacitadas para enfrentar os desafios e sem entender o funcionamento do meio on-line para a aprendizagem em suas várias dimensões.

A formação docente para o desenvolvimento do letramento digital exige investimento, tempo e planejamento com acompanhamento dos resultados em termos de aplicabilidade e impacto na aprendizagem. Tarefa nada fácil, com resultados duradouros quando um programa de capacitação é implementado.

Outro aspecto na formação docente a ser estimulado é a busca por um senso de coletividade nas formações para que se criem comunidades de aprendizagem docente em que os professores se sintam apoiados, ouvidos e com a disposição para inovar em suas práticas pedagógicas. É criar um círculo de confiança, um ambiente psicologicamente seguro, para que o professor evolua profissionalmente sabendo que ele vai errar e acertar, mas que com o apoio da instituição ele tem liberdade criativa e de reestruturação de caminhos. Lembre-se de que no mundo digital conexões humanas são tudo, tanto para os professores que se desenvolvem profissionalmente como para seus alunos que vivenciam as experiências de aprendizagem. Precisamos, neste momento, que todos desenvolvam a sua cidadania digital. Plataformas, aplicativos e ferramentas digitais são transitórios, o humano sempre será presente e permanente.

UM NOVO CICLO DO AMADURECIMENTO E DO RECONHECIMENTO

O momento educacional demanda uma abordagem antropológica para uma avaliação mais informada dos possíveis novos cenários do ensino e aprendizagem on-line. Será muito saudável revisitarmos o passado e os diversos cenários, padrões e momentos da educação para identificar, priorizar e projetar uma arquitetura instrucional mais humana, abrangente, colaborativa, inovadora e coletiva.

Enquanto o mundo se volta à educação e a educadores em busca de soluções aplicáveis em con-

textos tão plurais, é importante constituirmos um quarto ciclo, e quem sabe torná-lo parte integrante de todas as iniciativas em resposta a um “próximo normal”: o ciclo do reconhecimento. Para que este manifesto seja duradouro e holista, é fundamental que sejamos capazes de reconhecer as necessidades, aspirações e potencial da nossa comunidade escolar. O nosso papel é, sobretudo, dar às pessoas a sensação de confiança e a visão para o futuro. Reconheça para acolher, e a longevidade e a validade do aprender on-line no futuro serão a resposta das relações e identidades construídas hoje. □

CARLA ARENA e SAMARA BRITO

educadoras e cofundadoras do Amplifica, empresa focada em criação de experiências de aprendizagem para educadores, líderes educacionais e corporativos. Educadoras Inovadoras certificadas pelo Google. Atuam na formação de profissionais para desenvolverem fluência digital e um mindset para a inovação. Carla e Samara têm projetos com o Google, Nova Escola, Fundação Lemann, Oi Futuro, Telefônica Vivo, makerspaces, editoras e universidades. Samara é professora e mestre pela UnB no ensino de Física. Carla é formada em Relações Internacionais, com especialização em ensino on-line e Inovação em Tecnologias Educacionais. Carla e Samara blogam no <http://amplifica.me/blog> e são ativas no Twitter como @carlaarena e @samarameira.

GISELLE SANTOS

Google Innovator, consultora de Inovação e fundadora da human:ia, startup fundamentada na intenção de criar, através da Educação, acessos descomplicados para o entendimento e uso combinado das inteligências artificiais e humanas. Giselle Santos é geek assumida, curiosa por natureza e investigadora de temas como futurismo, gamificação, tecnologias disruptivas e aplicação de realidade virtual e aumentada na aprendizagem. Diariamente, ela troca dicas de Educação e práticas inovadoras através do seu perfil no twitter, @feedtheteacher. Em suas horas vagas, liberta brinquedos e hackeia a vida.

PARA SABER MAIS

- HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. *The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning*. Publicado em: 27 mar. 2020. Disponível em: bit.ly/artigoeducause. Acesso em: 10 jul. 2020.
- MEANS, B.; BAKIA, M.; MURPHY, R. *Learning Online: What Research Tells Us about Whether, When and How*. Londres: Routledge, 2014.
- VIDAL, K. *A hora e a vez do protagonismo nas experiências de aprendizagem*. Publicado no blog ProfLab. Disponível em: www.souproflab.com.br/releitura-abaporu. Acesso em: 10 jul. 2020.
- WAGNER, T. *The Global Achievement Gap*. Nova York: Basic Books, 2010.



KEPLER

EDUCAÇÃO E EMPREENDEDORISMO MOVENDO O MUNDO.

UMA NOVA FORMA DE ENSINAR E ESTUDAR.

ALUNOS PREPARADOS PARA ULTRAPASSAR FRONTEIRAS E CRIAR OPORTUNIDADES.

Conheça nossa proposta de Plataforma Digital Completa, disponível da Educação Infantil ao Ensino Fundamental – Anos Iniciais, que une tecnologia e praticidade em sua essência e leva o conhecimento além da sala de aula, englobando todos os agentes essenciais envolvidos no processo de aprendizagem.



PARA A ESCOLA

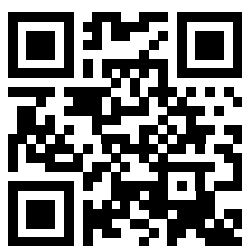
- Assessoria Pedagógica
- Formação continuada para professores



PARA OS ALUNOS

- Empreendedorismo Social
- Preparação para o futuro

**ACESSE E
SAIBA MAIS:**



/plataformakepler



@plataformakepler

contato@plataformakepler.com
0800 772 1045

Ensinações de Oeiras

Em apenas 4 anos, o município saltou da marca de 4,0 no Ideb para 7,1 nos anos iniciais do Fundamental. O segredo está em uma gestão que investe em alfabetização, cultura e parceria com as famílias.

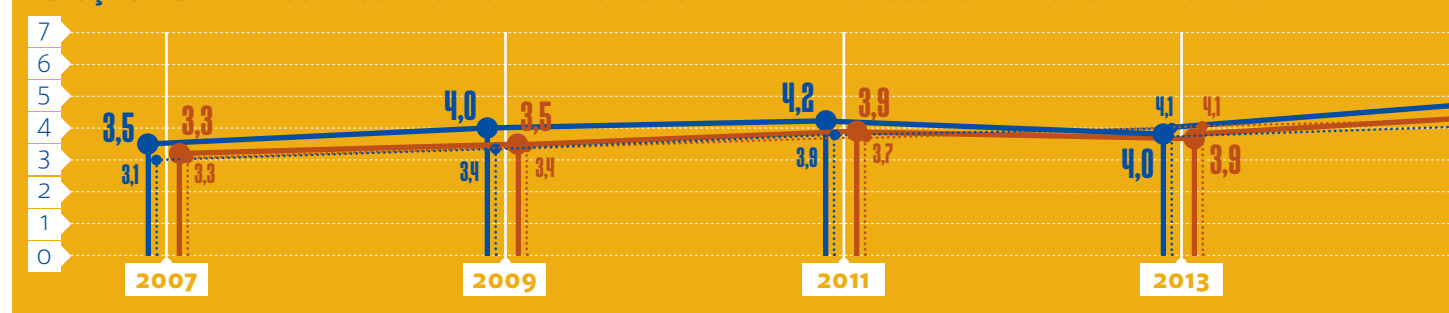
TEXTO Lara Silbiger

ESTA TERIA TUDO para ser uma quinta-feira comum em Oeiras, município no interior do Piauí que ganhou projeção nacional graças à acelerada escalada nos rankings do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Faz calor e a probabilidade de chuva é praticamente zero, como já é de se esperar para os meses do meio do ano.

No entanto, basta uma rápida passagem de olhos pela cidade para identificar que pouco – ou quase nada – lembra a normalidade em tempos de enfrentamento ao novo coronavírus. A começar pelas escolas municipais, que outrora ocupavam as manchetes nacionais por levarem equidade e garantirem a aprendizagem e que estão fechadas desde o dia 21 de março.

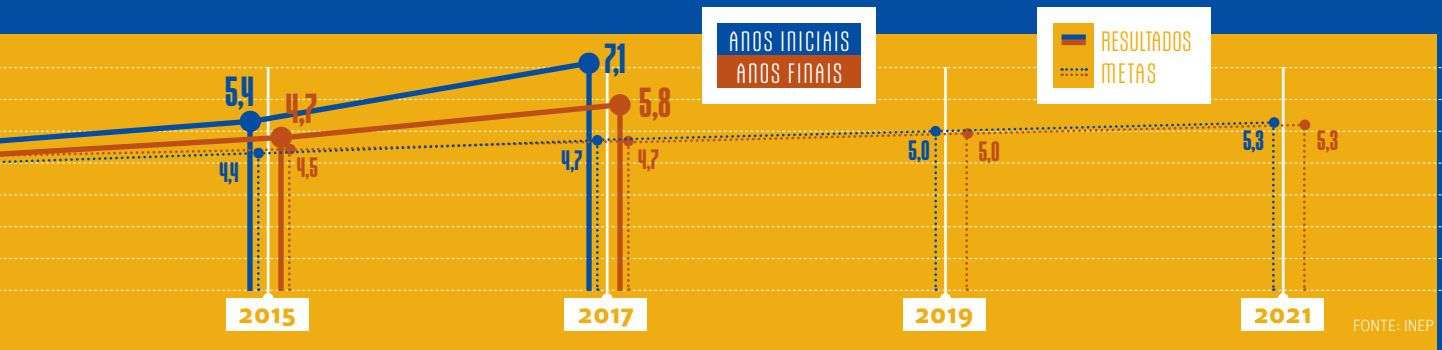
Nas 13 escolas urbanas e 15 escolas rurais de Oeiras, os portões trancados, as salas de aula vazias e os alunos em casa não significam, porém, que a Educação deixou de ser prioridade no município. Pelo contrário. Na localidade, onde a marca no Ideb dos Anos Iniciais do Fundamental passou de 4,0, em 2013, para 7,1 em apenas quatro anos, superando a meta de 6,0 pontos projetada para 2022 pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), os planos de desenvolvimento focados nas reais necessidades dos estudantes continuam a pleno vapor. ➤

EVOLUÇÃO DO IDEB NOS ANOS INICIAIS E FINAIS DO FUNDAMENTAL VERSUS AS METAS ESTABELECIDAS





Alunas de Oeiras fazem apresentação de dança para a comunidade.



» Não por acaso, quando telefonamos para a secretária de Educação, Sebastiana Tapety, mais conhecida por Tiana, para a entrevista desta reportagem, a encontramos despachando documentos na Secretaria de Educação. “Apesar da recomendação para ficarmos em casa na quarentena, precisei passar aqui para assinar alguns papéis. Tem coisas que não param, nem podem esperar”, assegura ela, que está à frente da pasta de Educação desde 2013.

Na maior parte do tempo, Tiana vem trabalhando de casa. A disputada agenda inclui reuniões com sua equipe, com integrantes da Secretaria da Saúde e com o prefeito José Raimundo de Sá Lopes. “Tenho pesquisado, refletido e discutido muito sobre uma saída factível para a retomada do ensino em Oeiras”, afirma a educadora licenciada em Letras e com 27 anos de carreira como professora na rede pública de ensino.

Alguns dias depois, no início de junho, a secretária e o prefeito vieram a público para anunciar o modelo de aulas não presenciais idealizado para a rede municipal de Oeiras. “Tivemos o cuidado de adotar alguns mecanismos para garantir a equidade do aprendizado”, afirmou José Raimundo durante a *live*. Entre eles, está a adoção de um material apostilado, a ser entregue quinzenalmente para cada um dos 6.182 alunos de Educação Infantil, Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

Outra medida são as aulas pela internet. O problema é que na casa de muitos dos estudantes a realidade que impera é a falta não só de dispositivos eletrônicos como de conexão à internet – sobretudo na zona rural. Como alternativa, as aulas também serão transmitidas pelas emissoras de rádio locais. “Ainda assim, é um modelo desafiador. Por isso, estamos investindo ainda mais no apoio às famílias, inclusive abrindo novos canais de comunicação, como aplicativos de mensagem, para garantir o direito de aprendizado dos filhos”, afirma a secretária. Aos olhos de Tiana, todos esses esforços têm uma única finalidade: não perder o foco na “ensinagem”. A palavra é um neologismo que ela cunhou para se referir à importância do ensino de qualidade como disparador da real aprendizagem.

DO ENSINO À ENSinAGEM

Tiana assumiu a Secretaria Municipal de Educação em janeiro de 2013, no início da gestão do então prefeito Lukano Sá, com Ideb de 4,2 nos anos iniciais do Fundamental e 3,9 nos anos finais. O cálculo do índice se baseia nas médias alcançadas na Prova Brasil pelos alunos de 5º e 9º anos do Fundamental e nas taxas de aprovação em cada etapa de ensino. A meta nacional é alcançar os 6 pontos até 2022 – média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos.

Em setembro de 2013, porém, novos dados do Ideb foram divulgados. Os números caíram para 4,0 nos anos iniciais e permaneceu na casa dos 3,9 nos anos finais. As metas nacionais estabelecidas pelo MEC eram de 5,9 e 4,1 respectivamente.

A regressão nos resultados não surpreendeu Tiana. “Como em boa parte dos municípios, aqui reinava o faz de conta no ensino. Cada escola fazia do jeito que queria e, pior, nem se dava ao trabalho de planejar. Os professores apenas abriam o

livro, viam o número de unidades e as distribuíam ao longo do período letivo. E se a criança não aprendesse, já vinham com o velho discurso de que o aluno da escola pública, pobre e sem apoio da família, não aprende mesmo.”

Mas se tem uma coisa que a secretária de Oeiras não suporta é o discurso baseado nas impossibilidades. “Com a Tiana não tem essa. Só há uma opção. Ou acontece ou ela faz acontecer”, revela em tom bem-humorado Ruthinéia Lima, consultora e parceira da pasta de Educação com um projeto de alfabetização.

Mesmo diante de uma realidade nada fácil, que exigia mudanças estruturais e até mesmo impopulares, Tiana não se intimidou. “Comecei implementando medidas básicas de organização. Por exemplo, cortei o hábito que os professores tinham de juntar suas horas de atividade para conseguir dias de folga. O horário tem que ser feito em função do aluno e não o contrário.” Ela também encabeçou um projeto político-pedagógico para a rede. “Não se trata de engessar, mas de garantir a unidade no planejamento e na atuação das nossas 28 escolas”, afirma a secretária de Educação.

Outra medida tomada em 2013 foi o levantamento dos conteúdos ano a ano, bem como as competências esperadas, a fim de criar um currículo para a rede. “Como referência, usamos o Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental. Assim, fomos organizando nossas bases, com especial atenção para a leitura e escrita”, conta Tiana.

Por outro lado, ela enfatiza que nada do que fez foi extraor-





Diversas ações realizadas pela Secretaria de Oeiras que colaboram com a formação integral das crianças.



dinário. “Os gestores precisam passar a tratar como ordinárias ações básicas, como a universalização da matrícula, a garantia do piso nacional para o professor e o resguardo dos direitos – sobretudo o de aprender – e também dos deveres.”

Esse conjunto de ações foi apenas o pontapé para estabelecer a “ensinagem” no município. O próximo passo foi estruturar o tripé cultura, alfabetização e parceria com as famílias.

EIXO DE LEITURA

Não é exagero dizer que Oeiras respira cultura. A cidade, que de 1758 até a década de 1930 foi capital do Piauí, teve seu conjunto histórico e paisagístico tombado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) há sete anos. Tal pujança cultural não se perderia nas mãos de Tiana. Em 2014, ela organizou espaços de leitura em todas as escolas da rede e criou o projeto “Aprendendo com”. Tudo começou com a escolha de um autor cujas obras seriam trabalhadas ao longo do ano todo. O primeiro foi Ziraldo, seguido de Maurício de Sousa, Ruth Rocha, o poeta piauiense Cineas Santos, Roseana Murray e Ilan Brenman.

O projeto culmina com um grande evento no final do ano, a FLOR (Feira Literária de Oeiras), com a presença do autor homenageado. Há também apresentações em praça pública, salas de bate-papo, performances culturais e até lançamento de livros. “É aquela festa, com dança, música, teatro e fotos com o escritor”, conta Domingas Costa, mãe de duas alunas da rede municipal.

Outra iniciativa foi a implantação dos Núcleos de Cultura e Arte nas escolas a partir de 2015. Atualmente, todas as unidades urbanas e duas rurais contam com as oficinas do projeto, que inclui aulas de bandolim, flauta, violão, sax, capoeira, *hip-hop*, teatro, dança moderna, balé, entre outras. “Nos Núcleos de Cultura Afrodescendente, implantados nas escolas de comunidades quilombolas, há também oficinas de congo”, comenta Tiana. Segundo ela, o investimento vale a pena. “A educação a partir da arte e da literatura sensibiliza, humaniza, aguça a percepção dos estudantes, traz referência de pertencimento e ainda abre novos horizontes.”

Como resultado de todas essas medidas, no Ideb de 2015, os anos iniciais do Fundamental atingiram a marca de 5,4 pontos e os anos finais, 4,7. Ambos superaram as metas nacionais da época, 4,4 e 4,5 respectivamente.





Em Oeiras, famílias, alunos e escolas participam ativamente em prol do sucesso coletivo.

Oeiras sob o olhar de Ilan Brenman

Em 2019, a produção literária de Ilan Brenman, autor exclusivo da Moderna, foi o fio condutor do projeto “Aprendendo com”. Com mais de 70 obras lançadas e mais de 3 milhões de livros vendidos no Brasil e no mundo, sua versatilidade se revela nos temas sobre os quais escreve, que vão desde a diversidade cultural à vida cotidiana e às descobertas da infância. Com exclusividade para a Educatrix, Ilan falou sobre a experiência de ser homenageado pela rede municipal de ensino de Oeiras.

“Mesmo trabalhando há quase 30 anos com Literatura e Educação, minha experiência em Oeiras foi uma das mais emocionantes e encorajadoras. Lá pude ver que a frase ‘a Educação salva’ não é um clichê. Ela, de fato, é o motor de desenvolvimento humano, econômico e social, na busca por justiça social e por uma cidade menos violenta e mais solidária.

Oeiras inteira abraçou esse objetivo, o que eleva a Educação para além de disputas políticas. A gente pode ver isso na cumplicidade das famílias com a escola municipal. Muitas tiraram seus filhos da rede privada porque

viram que a rede pública estava melhor.

Uma das razões desse sucesso é o pilar da Arte e Cultura, muito bem construído. Tamanho é o incentivo por meio do projeto ‘Aprendendo com’ que eu, um autor, fui parado na rua o tempo todo para dar autógrafos e tirar fotos. É uma forma genial de aproximar as crianças e os pais da literatura.

Na FLOR, assisti a grupos tocando os mais variados instrumentos, com repertório de alta qualidade. Vi danças, trabalhos literários e apresentações teatrais com referências ao folclore regional. Pelas ruas, havia portais enormes, com ilustrações dos meus livros.

Outro pilar do município é o foco na aprendizagem em si. Fique surpreso com a fluência de leitura das crianças pequenas e com as oportunidades no campo das Ciências – por exemplo, em uma experiência de lançamento de foguetes artesanais com a presença de um professor de Astrofísica do Rio de Janeiro.

Notei a valorização do professor, que tinha acesso a todo o material de que precisava e podia ver os resultados práticos do seu trabalho, tanto no Ideb quanto nas oito medalhas conquistadas na última edição da Olimpíada Brasileira de Matemática.

Tudo isso vem insuflando sonhos nos estudantes. Desperta também a possibilidade de voar para além de Oeiras e ser o que quiserem – cientistas, artistas, professores... Resta agora assegurar que o que começou não se interrompa, mas siga em uma constante crescente.”

» EIXO DA ALFABETIZAÇÃO

Se de um lado os resultados do Ideb de 2015 foram motivo de comemoração, de outro direcionaram os holofotes para o desafio de manter a curva ascendente. “Nesse momento, que coincidiu com o final do quadriênio da gestão, fizemos uma avaliação na rede para identificar os pontos que deixaram a desejar”, conta Tiana.

Foi então que ela identificou o real problema. “Tínhamos um projeto de leitura eficiente e interessante, mas que não se voltava à alfabetização. Era preciso qualificar o leitor.” Em 2017, de cada dez estudantes que chegavam aos anos finais do Fundamental, sete não haviam desenvolvido habilidades leitoras.

Para transformar essa realidade, a rede adotou o “Projeto Borboleta”, idealizado pelas pedagogas Ruthinéia Lima e Rosana Moraes para os anos iniciais do Fundamental. Trata-se de uma proposta de alfabetização que recorre à escuta periódica da leitura de cada aluno, permitindo identificar em que estágio eles se encontram e apoiá-los em suas especificidades de aprendizado.

Com base em variáveis como nível de leitura e idade, os estudantes são alocados em diferentes turmas nos seus respectivos anos escolares. Os não leitores formam o grupo Borboleta, em alusão à proximidade do desabrochar para o universo das letras. Os silabandos e os leitores palavra a palavra compõem a turma Andorinha, em alusão à ave cujo voo não alcança grandes altitudes. Já o grupo Ganso recebe alunos com velocidade de leitura, mas que não interpretam nem seguem a estrutura textual. Por fim, na turma Águia, ficam os alunos que têm entonação, ritmo e compreensão do texto, mas que ainda precisam aprender a ler as entrelinhas.

As intervenções do projeto acontecem no turno regular por meio de sequências didáticas interdisciplinares que privilegiam o aprendizado de Língua Portuguesa e de Matemática, sem deixar de lado os conhecimentos das demais áreas. “Propomos uma transformação das práticas pedagógicas – do jeito de aprender e ensinar –, obedecendo ao binômio aluno-ensinante e professor-aprendente. Cada dificuldade que a criança encontra impõe um novo desafio para o professor. São exatamente esses desafios que alimentam os conjuntos didáticos na sala de aula”, diz Ruthinéia.

Para levar a cabo o “Projeto Borboleta”, os professores participam da chamada formação em serviço. “Eles participam de capacitações presenciais, estudam o roteiro das sequências didáticas, se apropriam, aplicam na sala de aula e voltam para tirar dúvidas com o coordenador”, explica Ruthinéia.

A cada dois meses, a equipe do projeto volta a fazer a escuta de leitura de todos os alunos. A ideia é nortear as intervenções, avaliar o grau de avanço da turma e, eventualmente, mudar um aluno para a turma seguinte.

Os avanços já saltam aos olhos e se materializam nos dados do Ideb. Em 2017, ele chegou a 7,1 entre os anos iniciais do Fundamental em Oeiras e 5,8 nos anos finais. As metas de ambos eram de 4,7 pontos.

CONEXÃO COM A FAMÍLIA

Desde 2013, a Secretaria de Educação promove a Escola da Família, um programa que inclui palestras para apoiar as famílias na missão de educar. “A iniciativa surgiu da necessidade que tínhamos de dialogar com os pais, que antes se limitavam a apenas colocar o filho na escola, sem sequer aproveitar todo o potencial de orientação que temos para dar”, revela Tiana.

Os encontros acontecem a cada dois meses, com duração de até 60 minutos. Os temas vão dos cuidados com a criança e diferença entre educar e criar, passando pela motivação do hábito de leitura, entre outros. “A programação é muito boa porque nos ajuda a aliviar o estresse do dia a dia e a entender como ajudar no desenvolvimento dos nossos filhos”, comenta Domingas, mãe de uma aluna de dez anos e de outra de quatro.

Os bate-papos são regados a café, chá e bolachas, em um ambiente mais acolhedor para os pais. “Enquanto a escola escolariza, a família educa. Uma não pode fazer o papel da outra, mas nos sentimos na obrigação de orientar as famílias e trazê-las para perto não só quando são chamadas para resolver algum problema com o filho na escola”, explica a secretária.

PRÓXIMOS PASSOS

Ostentando a fama de ter a melhor educação do Piauí e a ambição de se tornar a Finlândia brasileira – tal como divulgado em uma manchete do periódico *El País* –, Oeiras ainda tem desafios pela frente. Um deles é a formação dos professores. “Muitos estão efetivados há 20 anos, mas não estão qualificados para atuar como pedagogos”, comenta Tiana. Segundo ela, mais de 40% dos docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Fundamental são formados em outras áreas do conhecimento. “Estamos pagando o preço das graduações pactuadas com as universidades sem, na época, terem sido levados em conta os vínculos municipais. É uma pendência que ainda precisamos resolver.”

Agora, o foco está na capacitação de todos os educadores da rede para enfrentar os desafios do ensino a distância na pandemia, com a adoção de novas tecnologias da informação e do modelo de sala de aula invertida. “Estamos promovendo formações on-line e treinamentos conduzidos pela equipe de mídia do município, tudo para que a gente possa se adaptar, se reinventar e não perder todas as possibilidades de interagir com as crianças”, afirma Tiana. ■



O NOVO ENSINO MÉDIO COMEÇA AQUI

A Moderna reconhece os desafios de adaptação às novas diretrizes curriculares. Pensando nisso, nossos autores e especialistas elaboraram materiais que garantem uma transição gradual e segura para a sua escola. Além de nossas coleções alinhadas à BNCC do Ensino Médio, você conta com os lançamentos **Moderna em projetos** e com duas novidades de **Projetos de vida**.

Assim, estaremos juntos em mais essa jornada de (trans)formação.

Para saber mais das novidades, entre em contato com o consultor Moderna que atende a sua escola.



www.moderna.com.br



[/editoramoderna](https://www.facebook.com/editoramoderna)



[@editoramoderna](https://www.instagram.com/editoramoderna)



[/EdModerna](https://www.youtube.com/EdModerna)



Segurança na internet: MAPEANDO JORNADAS DE ALUNOS E PROFESSORES NAS REDES SOCIAIS

Uma navegação por diversos prismas, focos e perspectivas para garantir comunicação, acesso e aprendizagens seguras.

TEXTO *Cristina Sleiman*

VAMOS INICIAR esta conversa pela questão: o que é segurança na internet? Para alguns trata-se de ter um bom antivírus instalado no computador. Para outros, é não falar com estranhos. Mas será que seriam apenas essas duas preocupações?

Obviamente, cuidar do equipamento é essencial. Perdê-lo ou danificá-lo pode também acarretar algum prejuízo à segurança de dados. Todavia, segurança na internet vai muito além, desde aspectos técnicos até comportamentais. Então, com certeza, a premissa todo cuidado é pouco também se aplica aos ambientes virtuais. »





» Imagine que alguém espalhe uma *fake news* sobre sua empresa, sua escola ou sua equipe. Antes de uma checagem efetiva, é provável que você tenha impactos reputacionais e, consequentemente, financeiros. Uma bola de neve. Isso posto, vamos partir para a questão legal, pois tanto os aspectos técnicos como os comportamentais são fatores importantes nessa gestão de vida e segurança. Toda exposição gera uma consequência, seja ela boa ou ruim. Poucas publicações passam despercebidas, ainda que sejam descobertas futuramente. Lembre-se de que um conteúdo disseminado dificilmente pode ser apagado por completo. Portanto, todas as publicações devem ser feitas com muita cautela e, do ponto de vista das escolas, devem ser pensadas e planejadas previamente.

POSSO REGISTRAR AS JORNADAS DE ALUNOS E PROFESSORES NA INTERNET?

Na vida, tudo pode, mas é preciso pensar nas consequências. Ao prever situações complicadas ou que apresentem alguma possibilidade de risco negativo, reveja imediatamente a publicação ou mitigue a ação. Lembre-se de que ao tomar uma decisão, qualquer consequência que venha dela deve ser assumida com transparência.

Em outras palavras, a gestão de risco passa a ser essencial e algumas perguntas devem ser respondidas antes de qualquer decisão:

- 1 **O que vamos publicar?**
- 2 **É conteúdo editado? Passou por uma revisão?**
- 3 **É conteúdo ao vivo?**
- 4 **As pessoas foram capacitadas?**
- 5 **Conhecem os riscos?** (situação vexatória, brigas entre alunos, professor extrapolar nas suas palavras, pais intervirem na aula, problemas com direito de imagem etc.).
- 6 **Existe previsão contratual?** (se não existe, faz parte do risco a ser mitigado).
- 7 **O que pode acontecer?** (prever situações futuras, como: se alguém gravar uma aula e disponibilizar, todos estarão satisfeitos?).
- 8 **Como mitigar os riscos previstos?**

Essas são perguntas básicas para um planejamento de ações em redes sociais. Voltando à questão inicial, a resposta é sim, é possível registrar as jornadas, desde que de uma forma planejada com antecipação e obviamente dentro da legalidade. Para isso, será necessário estabelecer regras e, em alguns casos, adequar contratos através de aditivos ou termos específicos, principalmente nos materiais produzidos durante a pandemia.

Toda utilização de recursos tecnológicos deve estar amarrada ao termo de uso e política de pri-

vacidade. Nesse sentido, inserir um *disclaimer* no primeiro acesso pode ser uma solução muito positiva para elevar o nível de segurança jurídica. Os Termos de Uso e Política de Privacidade podem estar acompanhados de um Termo de Ciência e Responsabilidade, ou, para facilitar, podem estar em um único documento com todas essas informações. É fundamental que sejam adequados para cada público, mas tanto os pais como os professores deveriam assinar um documento específico.

Em relação aos professores, o ideal seria ajustar o próprio contrato de trabalho através de um aditivo decorrente da pandemia com a redução de carga horária ou para incluir a modalidade de trabalho remoto.

PODEMOS FAZER A DIVULGAÇÃO DA IMAGEM DOS ALUNOS NO SITE E NAS REDES SOCIAIS DA ESCOLA? COMO PRESTAR CONTAS AOS PAIS E PROMOVER A ESCOLA JUNTO A TODA A COMUNIDADE?

Com certeza a divulgação de imagem dos alunos em redes sociais pode ser feita, mas depende única e exclusivamente da autorização dos pais, uma vez que deve ser feita uma previsão contratual. Por certo que a maioria das escolas já tem alguma cláusula específica para uso de imagem, que deve prever publicação de fotos nas redes sociais existentes ou que venham a existir.

Essa cláusula deve ser muito clara e transparente em relação à finalidade das publicações, pois publicações informativas e divulgação das atividades não correspondem a campanhas publicitárias ou marketing. Por exemplo, fazer *banners* com as fotos dos alunos como propaganda com uma chamada para “venha nos conhecer” precisa de uma autorização específica. Informar é diferente de divulgar. Cuidado!

Pode parecer complexa, mas essa adequação é bem tranquila juridicamente. O maior desafio é pensar de maneira estratégica, analisar as ações e identificar as documentações necessárias.



COM O ENSINO REMOTO E A DISTÂNCIA, CADA VEZ MAIS TEREMOS O PROFESSOR COMO AUTOR DE SEUS CONTEÚDOS. COMO REGULAMENTAR ESSA SITUAÇÃO?

Com a mudança brusca na entrega da educação, passando a ser remota de uma semana para outra, por certo as escolas não estavam preparadas, mas arrumar a casa faz parte, ainda que esteja em andamento com as aulas. Já é chover no molhado, mas a sociedade nunca mais será a mesma e essa pandemia abriu as portas para algo que não tem mais retorno: a intensificação do uso de recursos tecnológicos. Ainda que as aulas presenciais sejam essenciais, as escolas já absorveram conhecimento suficiente para entender seu potencial de apoio, já se organizaram minimamente para atender aos seus alunos e famílias. A retomada vai depender apenas dos órgãos reguladores.

Imagine que muitas escolas podem usar apoio remoto para aulas de reforço ou atividades específicas. Podem promover encontro de alunos para discussão de trabalhos, mas tudo estará vinculado à questão comportamental, portanto criar regras para educação digital passa a ser essencial.

O uso da tecnologia deve ser pensado com equilíbrio e as atividades devem ser acompanhadas de zelo e sabedoria. Saber desenvolver atividades on-line ou ainda absorver informações provenientes do ambiente virtual exige uma prática respeitosa, lícita e didática no sentido de pensar a entrega de forma que seja proveitosa a quem recebe, portanto, entendida facilmente.

Se as escolas não promoverem a capacitação de seus profissionais e a orientação necessária para seus alunos, o que é ótimo pode virar um pesadelo. Uma dessas preocupações está com a apropriação de conteúdo de terceiros. Todos os conteúdos disponíveis na internet são de propriedade intelectual de alguém, por isso, antes de sair utilizando, todos devem se preocupar com os créditos e com o direito do autor. Nesse sentido, os conteúdos desenvolvidos pelos professores também devem ser previstos no contrato de trabalho e, se não houver nenhuma cláusula, recomenda-se a proposição de um aditivo.

Mas tudo que o professor desenvolve pertence à escola ou será que pertence ao professor, ao contedista ou tutor? Esse assunto por si só seria pauta de um único artigo. Em linhas gerais, tudo deve ser previamente acordado e, quando houver amparo legal, pode ser reafirmado para que não restem dúvidas. A transparência e o acordo desde o início é prevenção de responsabilidade legal.

Não podemos nos esquecer da Lei Geral de Pro-

teção de Dados Pessoais (LGPD), sancionada em 2018 e cuja adequação (*vacatio legis*), prevista inicialmente para agosto de 2020, foi prorrogada para maio de 2021 (Medida Provisória n. 959/2020), com aplicação de multa prevista para início em agosto de 2021. A questão é que a MP precisa ser transformada em lei, então ainda não temos certeza de qual será o prazo real para adequação.

Com a LGPD, a imagem passa a ser considerada dado pessoal. Portanto, além de atender à proteção constitucional, será preciso atentar-se às regras para tratamento de dados pessoais. Quando falamos em aulas remotas ou a distância no real sentido educacional, muitos dados pessoais são coletados ou tratados de diversas formas.

A lei trata de dados pessoais e dados pessoais sensíveis, apresenta as hipóteses de tratamento e os direitos dos titulares. Conhecer os princípios que norteiam a LGPD é muito importante. A transparência e a minimização dos dados, por exemplo, preveem a coleta do mínimo necessário ou de informação completa dos titulares, ainda que não seja necessária a coleta do consentimento.

A LGPD traz medidas e penalidades bem significativas, podendo acarretar sanção pecuniária por infração, publicidade da infração e até mesmo suspensão no tratamento de dados relacionados à infração, entre outras questões. Diante do que foi exposto acima recomendo como boas práticas:

- 1 **atualização de contratos** de professores, equipes administrativas, matrículas, colaboradores terceirizados, etc.;
- 2 **atualização dos documentos** de Termos de Uso e Política de Privacidade;
- 3 **atualização do Regimento Escolar** com foco no uso de recursos tecnológicos;
- 4 **criação de um disclaimer** para acesso às plataformas utilizadas pelos alunos;
- 5 **elaboração de regras** gerais de publicidade;
- 6 **treinamento** e capacitação para equipes docentes;
- 7 **educação digital** para os alunos.

CRISTINA SLEIMAN

é advogada e pedagoga, mestre em Sistemas Eletrônicos pela Escola Politécnica da USP, Extensão em Direito da Tecnologia pela FGV-RJ, Educadora Virtual pelo Senac-SP com Simon Fraser University (Canadá). Sócia da Peck Sleiman EDU e do escritório Cristina Sleiman Sociedade de Advogados, conselheira jurídica do Instituto iStart. Presidente da Comissão Especial de Educação Digital da OAB/SP, 2ª vice-presidente da Comissão de Direito Digital e Compliance da OAB/SP, membro da Comissão de Direito Antbullying da OAB/SP e do Grupo de Estudos Temáticos de Direito Digital e Compliance da Fiesp, mediadora certificada pelo CNJ, professora da pós-graduação em Direito Digital e Compliance da Faculdade Damásio, e da pós-graduação em Gestão de Segurança da Informação na Faculdade Impacta de Tecnologia. Coautora de materiais associados a temas como direito digital, bullying e cyberbullying com um olhar focado no mercado educacional.

PARA SABER MAIS

☎ Contato: cristina@sleiman.com.br

Contra a **pandemia** **das fake news**, a **vacina é a educação**

O combate às *fake news* passa por uma educação que forme leitores críticos, capazes de diferenciar textos jornalísticos de ficcionais e de ler texto, subtexto e contexto.

TEXTO Paulo de Camargo

AS NOTÍCIAS FALSAS não respeitam os fatos, a ciência, tampouco os sentimentos ou a segurança das pessoas. Até mesmo durante a pandemia da covid-19, mentiras desumanas como fotos de caixões carregados apenas com pedras, falsos remédios e teorias conspiratórias que alimentavam discursos de ódio circulavam pelas redes sociais. O advento das *fake news* colocou um imenso ponto de interrogação entre os seres humanos e a busca pela informação confiável.

Notícias falsas sempre existiram, é certo, mas nunca conseguiram ganhar tal aparência de verdade, nem circular de maneira tão veloz, varrendo o mundo no espaço de poucos minutos como agora. E, se está no mundo, também pertence ao universo da educação e das escolas, envolvendo as crianças, os adolescentes e suas famílias. Como lidar com esse fenômeno, que só tende a se agravar?

Responder a essa pergunta é o desafio da pesquisadora e jornalista Januária Alves, coautora do livro *Como não ser enganado pelas fake news*

(Moderna), parte da coleção Informação e Diálogo. Quando fez seu mestrado na USP, há 15 anos, sobre grupos de crianças que produziam jornais, Januária se aproximou do mundo da educação – área que estuda as interseções entre educação e a produção de informação. Desde então, vem se aprofundando neste tema que se tornou um desafio global e agora integra a Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

“O que há de novo nas *fake news* é a forma pela qual são produzidas e se proliferam”, afirma Januária, que vê os professores preocupados e se sentindo sem apoio para trabalhar uma área que desconhecem. As estratégias históricas, como discutir notícias em sala de aula, representam apenas um pequeno passo porque hoje, com as redes sociais, os alunos são produtores de informação. “É um trabalho de cidadania”, explica Januária, que participou da construção de um currículo de educação midiática para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. »



» É isso o que as escolas vêm sentindo na pele. Muitas vezes, circulam informações não apenas mentirosas, como prejudiciais para alunos, professores e outros profissionais da Educação. Há dois anos, o diretor de uma tradicional escola da Zona Sul carioca estava a caminho de seu sítio, quando começou a receber mensagens torrenciais sobre um caso de racismo na escola, o que nunca de fato acontecera. “Ficamos indefesos, tendo que explicar algo que simplesmente não tinha origem ou base em verdade”, lembra o diretor, que nunca esqueceu o episódio e prefere não se identificar. Apenas no segundo semestre do ano passado, duas tradicionais escolas, uma em São Paulo e outra em Belo Horizonte, sofreram com a divulgação de notícias falsas sobre supostos casos de assédio sexual. Ao final, nada foi comprovado, em nenhum dos casos, mas os traumas permaneceram.

POR QUE ACREDITAMOS?

Muitas vezes, as notícias são absurdas, mas mesmo assim ganham tração e circulam. Segundo Januária, as pesquisas mostram que as *fake news* possuem um forte componente emocional. “Uma notícia falsa tem 70% mais chance de circular do que uma verdadeira. Existe um fator sedutor que é o desejo humano de contar histórias de impacto”, diz a pesquisadora.

Para causar esse efeito, o texto frequentemente usa termos exagerados, muitos adjetivos, tons de denúncia, traz apelos e chamados à ação, como “você tem que repassar isso”, “mande para o máximo de pessoas que puder”. Em uma reação de impulso, basta apertar o botão Enviar, e lá se vai a mentira para amigos, família e grupos de afinidades: mais veloz do que um vírus e, algumas vezes, mais prejudicial. Por isso, como explica Januária, o primeiro desafio da escola é ensinar a seus alunos as diferenças marcantes entre o texto jornalístico e o texto ficcional – que é a classificação das notícias falsas.

Mais recentemente, um novo fenômeno veio somar à divulgação de notícias falsas: a sua transformação em um produto. Robôs – programas que simulam perfis reais de pessoas nas redes sociais – invadiram as redes sociais replicando notícias enganosas com determinados objetivos. “Há um movimento mais amplo hoje que é o da desinformação intencional, que está ligado ao descrédito das ciências”, diz Januária.

Turbinadas por teorias conspiratórias, enxurradas de *fake news* atacam as instituições que produzem informação de credibilidade, como o jornalismo, a universidade, os cientistas e os sistemas eleitorais. É o caso das notícias que tentam dar asas

à inconcebível teoria de uma Terra plana ou a que atribuiu a covid-19 a uma ação maquiavélica do governo chinês.

Até mesmo o avanço tecnológico cria condições para uma nova geração de mentiras: a chamada *deep fake news*. Utilizando aplicativos de fácil acesso, pessoas com algum domínio de ferramentas digitais podem inserir em um vídeo qualquer fala de outra pessoa, com a mesma voz e simulando os movimentos da sua boca. Da mesma forma, pode-se distorcer fotos antigas, como se fossem recentes, e inserir informações falsas que gerem credibilidade, como dados e números, conferindo-lhe aspecto de verdade. “Pela maneira como são desenvolvidas essas *fake news*, fica mesmo difícil não embarcar”, explica Januária.

A crescente complexidade do tema obriga a escola a dedicar mais tempo para utilizar melhores estratégias para trabalhar com os alunos. O Colégio Rio Branco, em São Paulo, dá atenção especial ao assunto. No dia 1º de abril, tradicional Dia da Mentira e já durante o período de isolamento social, os alu-

←
**UMA NOTÍCIA FALSA
 TEM 70% MAIS
 CHANCE DE
 CIRCULAR DO QUE
 UMA VERDADEIRA.
 EXISTE UM FATOR
 SEDUTOR QUE É O
 DESEJO HUMANO DE
 CONTAR HISTÓRIAS
 DE IMPACTO.**



nos do 9º ano do Ensino Fundamental e de todo o Ensino Médio participaram da oficina virtual Mídia Digital, pra quê?, que debateu as *fake news* no contexto da pandemia. O encontro abordou a responsabilidade do uso das mídias digitais, a checagem de informação, o cuidado no compartilhamento e o combate à desinformação, e os alunos participaram de um desafio de checagem de notícias falsas e verdadeiras.

Para a pesquisadora Januária Alves, o trabalho pode começar na Educação Infantil, pois até as crianças já têm clara noção do que são notícias falsas. Em uma formação recente para a Secretaria Municipal de Educação, uma professora narrou sua experiência com o trabalho, durante uma roda de conversa. Perguntada se sabiam o que eram *fake news*, uma criança imediatamente levantou a mão e disse: “é notícia mentirosa e o celular da minha mãe está cheio delas!”.

O exemplo mostra a importância de envolver a família nas discussões. A experiência pessoal já nos mostra, por exemplo, que grupos familiares são terreno fértil para a difusão de *fake news*. Além disso, as implicações da propagação de *fake news* já são enquadradas criminalmente, em um cerco que deve se apertar, com o avanço da legislação.

Ao mesmo tempo, é preciso trabalhar com os professores de todas as áreas e a própria direção escolar. “Não se trata de escolher uma ou outra área para este trabalho, todos são responsáveis por formar para a cidadania”, diz Januária. Assim, cada vez mais, dotar esses futuros cidadãos de ferramentas contra as notícias falsas é essencial. “As *fake news* representam um ataque à democracia”, finaliza.

AÇÃO INTERNACIONAL

Sim, um ataque à democracia. É por isso que a Organização Nações Unidas (ONU) vem se mobilizando internacionalmente, com iniciativas como a plataforma Verified, cujo objetivo é conter a propagação de notícias falsas sobre a covid-19 (<http://shareverified.com>). “Não podemos ceder nossos espaços virtuais a quem trafega mentiras, medo e ódio”, afirmou em seu lançamento o secretário-geral da ONU, António Guterres. “A desinformação se espalha on-line, em aplicativos de mensagens e de pessoa para pessoa. Seus criadores usam métodos de produção e distribuição mais experientes. Para combater isso, cientistas e instituições como as Nações Unidas precisam alcançar pessoas com informações precisas nas quais possam confiar”, disse.

Assim como este, diversos sites de checagem rápida de informação, disponíveis em vários idiomas, estão sendo produzidos em parceria entre a mídia jornalística, organismos sociais e grandes empresas de telecomunicação. É o caso brasileiro da Agência Lupa, cujo foco é a caça às *fake news*, e mesmo de diversos grupos inde-

pendentes que vêm se formando nas redes sociais.

Nos últimos anos, a Unesco, agência da ONU voltada à educação, à ciência e à cultura, produz pesquisas e livros sobre o tema, em uma área denominada Alfabetização Midiática e Informacional (ou Media Literacy, em inglês).

Em maio, a Rede Internacional de Escolas Associadas da Unesco, em Paris, promoveu um webinar com especialistas de diversas partes do mundo, envolvendo jovens ativistas e educadores, para discutir caminhos para fazer frente à propagação das notícias falsas. Para os especialistas participantes, o papel da educação é central, mas não deve se restringir ao campo da linguagem. Para o pesquisador Joseph Kahne, da Universidade da Califórnia, é preciso formar pessoas mais solidárias e empáticas. “Nós temos de dar às crianças oportunidades de prática, ajudando os outros, trabalhando com o mundo real. Todos temos responsabilidade sobre a desinformação”, defende.

Da mesma forma, os sistemas educativos devem priorizar a educação científica, já que a própria ciência está sob ataque. Para a pesquisadora italiana, Stefania Gianini, deve se mostrar que a ciência é dinâmica e não produz verdades absolutas, mas baseia-se em métodos verificáveis. “É preciso falar sobre a origem da informação, a metodologia, sobre o que pode ser verificado, mostrando que ciência não é um edifício de verdades, mas tem métodos que todos devem conhecer”, lembrou.

Quanto mais se torna complexo o tema, mais importante é investir na formação para diversificar estratégias e tornar o trabalho interdisciplinar. “É preciso formar um leitor crítico e analítico, com repertório, que consiga desconfiar e perguntar: quem se beneficiaria com isso?”, defende Januária Alves. Até porque as notícias falsas conversam entre si, espelham ações globais, como é o caso dos discursos de ódio. Para isso, é tão importante o professor de História, Geografia quanto o de Português, o de Ciências e o de Inglês. “Temos de avançar, e realmente fazer com que o aluno tenha repertório para ler o texto, entender o subtexto e analisar o contexto”, explica a pesquisadora. No final do dia, a melhor vacina contra as notícias falsas continua sendo a educação de qualidade. ■

PARA SABER MAIS

● Agência Lupa. Disponível em: mod.lk/alupa. Acesso em: 10 ago. 2020.

● AIDAR, F.; ALVES, J.C. *Como não ser enganado pelas fake news*. São Paulo: Moderna, 2019.



PROJETO
ADOLESCER

· jovens preparados para o mundo ·

INFORMAÇÃO É PODER

A partir da coleção **Informação e Diálogo**, o **Projeto Adolescer** prevê a criação de redes de aprendizagem: uma prática em que os alunos, mediados pelos educadores, constroem conexões diversas a partir de um tema gerador.

Transforme alunos em cidadãos conscientes.



Confira a nossa sugestão de aplicação prática do **Projeto Adolescer**:
<http://mod.lk/infoedia>



 **MODERNA**

 www.moderna.com.br

 @editoramoderna

 /editoramoderna

Reviravolta às escolas pós-distanciamento social

Entre medos e incertezas, a união com as famílias foi peça primordial para manter o desenvolvimento dos alunos. A partir de agora, o acolhimento das famílias no dia a dia escolar precisa ser pauta diária no mundo pós-pandêmico.

TEXTO Tereza Perez

AO LONGO desse período de distanciamento social, tenho conversado com secretários(as) de educação, professores(as), coordenadores(as), diretores(as) e, em todos os cantos desse país, as falas remetem a sentimentos como medo, insegurança, incerteza, preocupação e à necessidade de se estar perto das famílias. A forma de lidar com esse cenário, porém, varia drasticamente, entre aqueles que se uniram para buscar soluções e gerar acolhimento às famílias e aos estudantes e continuar apoiando seu processo de desenvolvimento, com seus inevitáveis erros e acertos; e outros, que paralisaram diante da crise sem conseguir se articular e avançar no sentido de estabelecer uma comunicação com as famílias ou disparar ações que pudessem compor o percurso de desenvolvimento dos alunos.

Muitas variáveis entraram em jogo nesse momento e coube à escola gerar condições para que a equipe pudesse trabalhar, e isso representou ouvir as famílias e ao mesmo tempo reorientá-las em vários aspectos: repensar as próprias práticas, reorientá-las, ajudar a estabelecer rotinas e combinados. Como

todos nós já sabemos, a rotina é estruturante do ponto de vista do funcionamento da casa, da escola e também para nossa psique. Do mesmo modo que sabemos que cada criança, adolescente, jovem são únicos, as famílias também o são, com o agravante de que não podemos intervir no que ocorre em cada casa. Mas podemos contribuir para a melhoria do clima em relação às aprendizagens. O repertório intelectual, a disponibilidade para contribuir com filhos, as condições físicas e emocionais, o espaço, os equipamentos, as condições de trabalho dos adultos, as condições financeiras, possíveis desempregos, perdas, violências... tudo isso faz um mix de variáveis que agem nas condições de desenvolvimento integral dos alunos. Em meio a tudo isso todos nós, família e escola, queremos o melhor para as crianças, adolescentes e jovens. »

“*Tentamos nos cercar com o máximo de certezas, mas viver é navegar em um mar de incertezas, através de ilhotas e arquipélagos de certezas nos quais nos reabastecemos.*”

EDGAR MORIN



» O período de isolamento total foi, para além das tensões, de muito aprendizado. Não podemos perder as conquistas, sendo a mais significativa o aprimoramento da relação família e escola. As escolas não podem mais reclamar das famílias porque elas foram as únicas aliadas no compromisso em garantir as condições para a continuidade das ações escolares.

A volta às aulas demandará intensificação do diálogo com as famílias de modo diferenciado e qualificado porque não será uma volta a como era antes. Haverá uma verdadeira reviravolta à escola.

Os impactos emocionais em relação aos estudantes, aos professores, coordenadores e diretores foi intenso e talvez se mantenha ainda por algum tempo. Todos precisarão ser acolhidos. Quais práticas serão propostas? Como as histórias vivenciadas serão compartilhadas?

Como todos precisam de apoio, é melhor organizar o trabalho para que haja colaboração, compreensão e corresponsabilidade dessa comunidade educativa. Não poderá existir um único responsável pelos encaminhamentos. A troca entre os diferentes atores contribui, alivia. Quando todos se corresponsabilizam pelas conquistas, há maior chance de sucesso.

Listo aqui algumas macroações que devem ser consideradas na volta às aulas e que dependem de esforço articulado na escola, entre escolas e entre escola e família para que sejam encaminhadas:

- Quando voltar às aulas? Como esse momento será marcado?
- Como envolver os diferentes atores nessa decisão: equipes escolares, famílias?
- Como reorganizar o calendário, considerando os recursos disponíveis e a realidade local? Aulas aos sábados?
- Como organizar a grade semanal? Haverá ampliação da jornada diária?
- Volta gradual dos estudantes? Quais voltarão primeiro? Por quê? Quais critérios?

- Quais especificidades precisamos contemplar: zona urbana, zona rural; áreas indígenas e/ou quilombolas?
- Quais serão os protocolos de higiene para que todos estejam mais seguros?
- Os estudantes terão de utilizar máscara? Como fazer na Educação Infantil?
- Os estudantes serão envolvidos para a definição das regras de convivência?
- O que e como realizar ações para ampliar o pertencimento, o engajamento, o sentido do ser e do estar na escola?
- Os objetivos de aprendizagem serão os mesmos? O que é essencial aprender? O que deve ser aprendido neste contexto de insegurança?
- A equipe da escola continua a mesma? Será preciso orientar novos membros? Quais recursos teremos para isso?
- Quais alunos precisarão de maior apoio para dar continuidade às aprendizagens?
- Como serão organizadas as práticas para promover a aprendizagem?
- O ensino remoto terá continuidade? Valerá como horas letivas?
- Haverá formação para os professores trabalharem com a educação a distância? Todos trabalharão?
- Como fortalecer as competências para enfrentar situações imponderáveis, lidar com a incerteza e desejo de transformação?
- Como será organizado o espaço da escola? Os alunos terão restrição?
- Os alunos realizarão projetos? Os projetos podem ser realizados com estudantes de diferentes anos? Interdisciplinares?
- Os estudantes que sabem mais determinado assunto poderão apoiar os que sabem menos? Os mais velhos ajudam os novos? Como aproveitaremos esse tempo em que percebemos de forma tão contundente a importância da interação para promover agrupamentos mais criativos, mais produtivos?

A comunicação e a reflexão conjunta serão práticas necessárias para o engajamento de estudantes, familiares, professores, coordenadores, colaboradores nesse momento no qual são reconhecidas a agressividade, a ansiedade, a depressão e a falta de concentração, dentre tantas questões potencializadas pelo período de isolamento.

Ao dialogar com os familiares, devem ser realizadas avaliações participativas das inúmeras questões que precisaremos enfrentar de modo que possamos não só estimular a reflexão sobre os problemas, como viabilizar a tomada de



consciência dos limites da escola e das famílias na educação. Esse compromisso de mão dupla com o educar pode gerar um novo contínuo de cooperação e humanização nas relações com foco na garantia do direito de aprendizagem e o desenvolvimento integral de cada um e de todos.

A BUSCA DE SOLUÇÕES PRECISA SER CONJUNTA

Que tal rever o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola em conjunto com os pais? As escolas que desenvolvem a educação integral, que levaram o PPP a sério, estão conseguindo lidar com a situação do imponderável de melhor maneira. O que isso quer dizer? A partir de um projeto realizado coletivamente, com o compromisso de todos, revisto regularmente, inserido no contexto socioambiental e econômico, adequado às necessidades dos participantes da escola colabora para que todos sigam aprendendo em uma escola cheia de vida, com projetos instigantes que provocam uma aprendizagem significativa e comprometida com o desenvolvimento das 10 competências gerais da BNCC, conforme estabelecido por lei.

As competências gerais e as competências de área deixam claro um caminho a perseguir. Podemos analisar as competências e identificar quais aspectos podem ser potencializados para contribuir com o desenvolvimento integral, mas para que isso ocorra será preciso rever o currículo, definir o que é essencial, encontrar metodologias que se adaptem às condições de convívio na escola e fora dela. Rever o currículo requer considerar o conhecimento para compreender a sociedade, valorizar as pesquisas, conhecendo o trabalho dos cientistas, realizando pesquisas de interesse comum; fomentar o desejo de aprender, investigar, criar; proporcionar a ampliação do universo cultural, aprender sobre a cultura da localidade, sobre o que está acontecendo no mundo; intensificar a comunicação: conversar, perguntar, escutar o outro, analisar diferentes pontos de vista sobre um assunto; mergulhar na cultura digital.

O momento atual intensificou o uso das tecnologias. O momento está extremamente propício para ampliarmos as possibilidades de pensar o que é razoável fazer, o que queremos da vida e o que queremos aprender. As crianças pequenas fazem jogos simbólicos, criam personagens, sonham em ser ginastas, bailarinos, políticos, cientistas, enfermeiros, médicos. Não nos falta assunto para promover oportunidades na escola para intensificar a argumentação, analisar dife-

rentes pontos de vista, assumir uma posição e depois perceber que há novos argumentos.

Empatia e cooperação: isso é o que mais estamos vivendo. Ter consciência de que esse aprendizado é uma necessidade vai além do querer da boa intenção. A empatia e a cooperação ocorrem em cada casa, na escola, entre educadores e famílias. Quando a cooperação e a empatia deixam de ter lugar no convívio surgem as brigas e os desentendimentos. Responsabilidade e cidadania se expressam em nossas atitudes: o não sair às ruas, não entrar em ambientes com muitas pessoas, isso é aprender a ser cidadão. Assumir atitudes autônomas. Não desrespeitar as regras estabelecidas pelo conjunto da comunidade escolar é um exercício de cidadania. Não desrespeito porque seja proibido, mas sim por ser autônomo, por ter consciência do seu papel na escola, na sociedade e a responsabilidade perante si e o outro.

Podemos dizer que a experiência está deixando como legado:

- Mesmo vivendo a incerteza e a insegurança, buscamos meios para superar as dificuldades.
- O papel da ciência, dos cientistas, das universidades é essencial para a superação de problemas.
- Nossa fragilidade diante da situação reforça a necessidade de acabarmos com as intolerâncias em relação ao racismo, às questões de gênero e aos preconceitos.
- A cooperação e solidariedade precisam ser vencedoras nessa etapa da história. Ações individualistas não são bem-vindas.
- Não podemos perder as conquistas atuais: cooperação e humanismo.
- Excelente oportunidade de rever o papel da escola, o como se aprende e de compreender as competências gerais da BNCC como orientadoras de nossas ações.
- Valorizar as ações presenciais porque elas são fonte de vida, de troca de olhares, saberes, sentimentos e sensações. Nada melhor quando percebemos os olhos brilhantes de nossas turmas quando estão aprendendo, quando se sentem capazes e valorizados.
- Valorizar as ações a distância e o uso de tecnologias porque aprendemos que elas têm enorme potencial para nos comunicarmos com o mundo.
- Incorporar os professores, coordenadores, diretores no estabelecimento das políticas educacionais.

O puxão de tapete está nos ajudando a sair da inércia, a pensar nossa relação com o mundo, a fortalecer vínculos, compartilhar experiências e buscar a educação que almejamos. ▣

TEREZA PEREZ

é diretora-presidente da Comunidade Educativa Cedac e lidera diversas iniciativas voltadas para a melhoria das condições de aprendizagem nas escolas públicas brasileiras. Está à frente de projetos e programas de formação continuada em mais de 170 redes de ensino municipais e estaduais do país. Participou, como coautora e coordenadora, de publicações voltadas à sistematização de conhecimentos sobre políticas públicas educacionais e práticas pedagógicas.

Livros



ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA 2020

por Todos Pela Educação, Fundação Santillana e Moderna

Um consolidado de dados estatísticos recentes, indicadores e análises do cenário educacional brasileiro. Organizado a partir das 20 metas do Plano Nacional de Educação (PNE), traz dados específicos de cada meta e análises das etapas e modalidades de ensino, considerando aspectos essenciais como a valorização do professor, a regionalidade e o financiamento da educação. Uma ferramenta de consulta indispensável para jornalistas, pesquisadores, gestores, profissionais da educação e todos os que desejam compreender o cenário do ensino no Brasil.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/anuar20.



HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA PEDAGOGIA

por Maria Lúcia de Arruda Aranha

Uma das obras mais tradicionais da Pedagogia chega a sua 4ª edição mantendo o compromisso de debater aspectos sociais, políticos, econômicos e filosóficos. A obra convida o leitor a se perguntar: por que muitas das reformas de ensino não conseguiram valorizar a formação e a carreira de professores? Por que ainda hoje não atingimos a educação universal, projeto que contrasta com o enorme contingente de crianças e jovens fora da escola? Por que, ao contrário de outros países, não conseguimos implantar um sistema nacional de educação no Brasil?

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.



LÁ DENTRO TEM COISA

por Adriana Falcão

No aniversário de onze anos de Menina, seus pais resolvem lhe dar um presente mais do que especial: sair de casa sozinha, pela primeira vez, para onde quisesse, desde que fosse perto de casa. Embarque na jornada solitária da Menina rumo à livraria e descubra que mesmo os caminhos mais seguros e conhecidos podem reservar grandes descobertas e despertar muitos sentimentos, como coragem, ansiedade, expectativa e a insegurança.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.

Vídeos

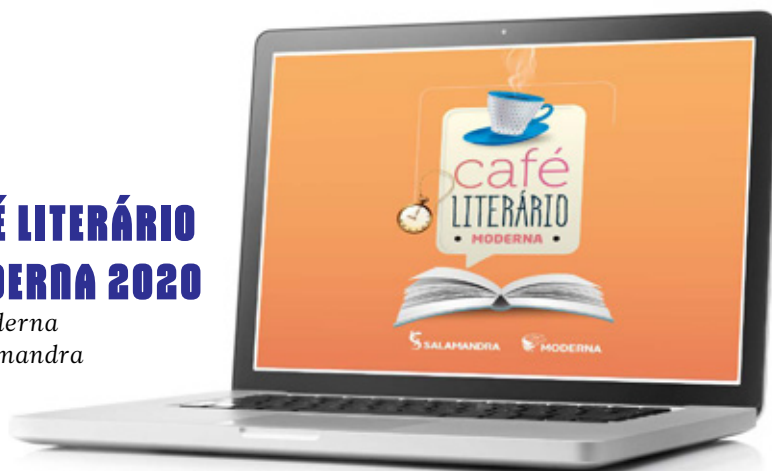


UMA NOVA ESCOLA: HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS PÓS-QUARENTENA

POR **Telma Pantano e Cristiana Castanho de Almeida Rocca**

A retomada das aulas presenciais pós-quarentena da covid-19 traz dúvidas, incertezas e inseguranças em toda a comunidade escolar. Nesse e-book, desenvolvido por uma psicóloga e uma psicopedagoga do Instituto de Psiquiatria Infantil do Hospital das Clínicas da USP, há dicas para gestores e professores que vão ajudar a garantir um retorno humanizado para toda a equipe da escola e das famílias.

SAIBA MAIS E-Book gratuito para download em mod.lk/encarte.



CAFÉ LITERÁRIO MODERNA 2020

POR **Moderna e Salamandra**

Em sua 3ª temporada, o Café Literário Moderna traz bate-papos temáticos que geram reflexões e debates. Com a presença de grandes autores e convidados renomados, você vai se encantar com o poder da literatura de formar cidadãos mais críticos e preparados para os desafios do futuro. A transmissão é mensal, gratuita e ao vivo no Facebook e no canal do Youtube da Moderna.

SAIBA MAIS Acompanhe a programação em mod.lk/cafeed19.



BNCC NA PRÁTICA

POR **Moderna**

Com foco na implantação da BNCC no Ensino Médio, a 3ª temporada conta com especialistas e educadores debatendo as novas diretrizes para a construção dos currículos, as perspectivas de avaliação e como aplicar na prática propostas focadas na interdisciplinaridade, com novas metodologias e abordagens contemporâneas. As formações são gratuitas e transmitidas ao vivo no Facebook e no Youtube da Moderna.

SAIBA MAIS Acompanhe a programação em mod.lk/bncced19.

CHEGOU O LIVRO INFANTIL
MAIS ESPERADO DO ANO!



À venda
nas principais
livrarias.

ILUSTRAÇÕES DE
MARIANA MASSARANI

SALAMANDRA

Um superlançamento de Ruth Rocha



© Arquivo pessoal

CONFIRA UMA
AMOSTRA

MOD.LK/RUTH_451



Na companhia de Marcelo (do inesquecível *Marcelo, marmelo, martelo*) e de outros personagens da Turma da Nossa Rua, descubra muitas **curiosidades, brincadeiras, histórias, piadas, dicas e versos** contados com toda irreverência e alegria de Ruth Rocha e da sua filha, Mariana Rocha.

PARA SABER MAIS SOBRE
AS OBRAS DA RUTH ROCHA, ACESSA:
WWW.BIBLIOTECARUTHROCHA.COM.BR



SALAMANDRA

 **editorasalamandra**



Fundação Santillana

A EDUCAÇÃO NOS UNE

- Divulgação de análises, indicadores e boas práticas de políticas públicas.
- Incentivo à formação continuada com soluções inovadoras e criativas.
- Webinários que convidam a refletir sobre novos paradigmas educacionais e a pensar o futuro pós-pandemia.

A primeira definição: um currículo adaptativo e transdisciplinar.

Há dois paradigmas clássicos para o sistema educacional: um é adaptativo, focado no currículo, os objetivos da educação e as necessidades da sociedade, do mercado ou da cultura em vigor. A educação tradicional. Quando se fala em currículo, geralmente se refere ao plano de estudos que orienta o trabalho docente e o processo de aprendizagem dos alunos. O outro é transdisciplinar, focado na integração de conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento para resolver problemas complexos e reais. Quando se fala em currículo adaptativo e transdisciplinar, geralmente se refere ao plano de estudos que orienta o trabalho docente e o processo de aprendizagem dos alunos, considerando a integração de conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento para resolver problemas complexos e reais.

CONHEÇA NOSSAS AÇÕES E INICIATIVAS

fundaçãosantillana.org.br

Você ama literatura.
**E eu posso te ajudar
nas melhores escolhas.**



Oi, eu sou a *GENIUM*,
a **inteligência artificial**
da Moderna.



Com **comandos de voz ou texto**,
faço propostas de títulos do nosso catálogo de
literatura de acordo com o que você precisa.

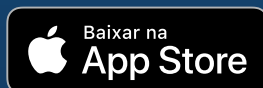
Sua busca pode ser por tema, autor, título...

Ah! Só não se esqueça que **eu aprendo** sempre
com você! Quanto mais você pesquisa, mais
relevantes se tornam as minhas respostas.

Baixe agora o app!



mod.lk/genium



mod.lk/i_genium

